

# INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE PIRACICABA

## Revista Anual Histórias Piracicabanas Passado Sem Poeira



ANO XII - 2005 - NÚMERO 12

# INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE PIRACICABA

Revista Anual  
Histórias Piracicabanas  
Passado Sem Poeira

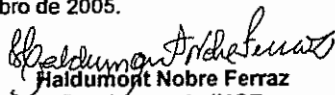


ANO XII - 2005 - NÚMERO 12

O INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA não se responsabiliza, pelos textos aqui  
publicados, cabendo toda e qualquer responsabilidade aos  
seus autores, não havendo endosso por parte do Instituto  
Histórico e Geográfico de Piracicaba

Os artigos foram revisados pelos seus autores.

Piracicaba, novembro de 2005.

  
Haldumont Nobre Ferraz  
Presidente do IHGP

Copyright © 2005 by IHGP  
Todos os direitos reservados ao IHGP  
Impresso no Brasil - Printed in Brazil

O Instituto Histórico e  
Geográfico de Piracicaba  
agradece o apoio para  
preservação e divulgação da  
nossa história

à



**Votorantim** Celulose e Papel

# O INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE PIRACICABA

Cumprindo a Lei Municipal Nº 2.160 de 18 de dezembro de 1974, edita o volume Revista O Passado Piracicabano (Sem Poeira).

**APOIO**

**PREFEITURA MUNICIPAL DE PIRACICABA**

**SECRETARIA MUNICIPAL  
DE AÇÃO CULTURAL**



**DIRETORIA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE PIRACICABA**  
**Gestão 2004 - 2006**

**HALDUMONT NOBRE FERRAZ**

Presidente

**PAULO CELSO BASSETTI**

Vice-Presidente

**RUY NORBERTO O, COSTA**

1º Secretário

**CECÍLIO ELIAS NETTO**

2º Secretário

**FLÁVIO RIZZOLO**

1º Tesoureiro

**WALDEMAR ROMANO**

2º Tesoureiro

**ANTONIO HENRIQUE CARVALHO COCENZA**

Orador

**MARLY THEREZINHA GERMANO PERECIN**

Bibliotecária

**SUPLENTES DA DIRETORIA**

**RENATO LEME FERRARI**

1º Suplente

**GILBERTO JÚLIO PIATTO**

2º Suplente

**MANOEL GOMES TROIA**

3º Suplente

**CONSELHO FISCAL**

**CEZÁRIO CAMPOS FERRARI**

**LEGARDETH CONSOLMAGNO**

**BENNUR GALVÃO AMARAL**

**SUPLENTES DO CONSELHO FISCAL**

**HUGO PEDRO CARRADORE**

**FRANCISCO DE ASSIS FERRAZ DE MELLO**

**THIMOTEO JARDIM**

## Apresentação

### EM FAVOR DA MEMÓRIA

*Hugo Pedro Carradore*

A história é a testemunha dos tempos, a luz da verdade, a vida da memória, e a mestra da vida.

O Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba é entidade cultural e tem como propósito fundamental o de preservar a memória piracicabana, por meio da investigação, pesquisa de informações documentais e propagação dos temas alvo da história.

O objetivo da Revista IHGP é que ela seja memorial do conhecimento e uma caixinha da história. Assim é que, esta emissão de número doze é elaborada com o auxílio e da pesquisa dos membros do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba e de autores das ciências sociais.

Desde a fundação do IHGP em 1967, como uma abertura em favor da cultura, suas sucessivas diretorias têm procurado desenvolver projetos e atividades com o propósito de promover o conhecimento e bem servir a educação da juventude promissora piracicabana.

No término do seu biênio de mandato a atual diretoria, sob a presidência de Haldumont Nobre Ferraz, sente-se na obrigação de tomar público um brevírio de algumas atividades.

Além das sessões magnas, comemorativas, palestras e exposições, o IHGP abriu suas portas aos universitários para a elaboração de trabalho de mestrado.

Também, cabe destacar vários projetos em andamento que não poderão ser interrompidos: digitalização de acervos referentes à História de Piracicaba e formação da fototeca.

Durante esse mandato foi feita a aquisição do quadro histórico "Memória da Armação Monçoeira, 1774 - margem direita do rio Piracicaba", de autoria do premiado artista plástico piracicabano, Eduardo Borges de Araújo

De grande importância foi a criação das medalhas culturais, através de Lei: Mérito Histórico "Mário Neme" e Mérito Empresarial, "Bandeirante do Progresso", que serão ortogadas a personalidades, que nas respectivas áreas enalteceram o nome de Piracicaba escrevendo hoje a sua história

O registro da história é o reservatório mundial do espírito e do conhecimento do passado.

## ÍNDICE

Biografia Dr. Frederico Pimentel Gomes Marly de Bem Gomes .....	1
A Educação Pública no Interior do Estado de São Paulo: Piracicaba como Modelo de Experiência Pedagógica na 1ª República Marly Therezinha Germano Percin .....	3
Recreio do Corumbataí no Picadão de Luís Pedroso de Barros Frei Sermo Dorizotto .....	24
Piracicaba, seu Rio, seus Peixes Nelson Souza Rodrigues .....	62
A Participação de Piracicaba em Exposições Universais Márcia Oehlmeier Costa .....	102
Capitão Nho Lica Francisco A.F. de Mello .....	111
Eugênio Nardim Simplesmente Neno Francisco A.F. de Mello .....	113
Memórias da Escravidão: Etnia Brasileira, o Negro no Branco Hugo Pedro Carradore .....	115
Contribuição no Entendimento da Festa do Divino no Vale Médio Tietê Olívio Nazareno Alleoni .....	125
Geografia Prisional.: A Interiorização do Sistema Penitenciário no Estado de São Paulo João Luiz Franchi .....	146



**FREDERICO PIMENTEL GOMES**

(1921 – 2004)

*Marly de Bem Gomes*

Nasceu em Piracicaba, estado de São Paulo, no dia 19 de dezembro de 1921. Filho de Raymundo Pimentel Gomes e Sylvia de Souza Gomes. Sendo seu pai engenheiro agrônomo formado pela ESALQ/USP na Turma de 1922. Morreu em 24 de novembro de 2004. Era neto de família de tradicionais fazendeiros do Ceará. Foi casado com Mary Lee Fonseca de Bem Gomes, e deixou as filhas: Dr.<sup>a</sup> Marli de Bem Gomes, divorciada, Dr.<sup>a</sup> Valquíria de Bem Gomes Alcântara, casada com Dr. Paulo Bardauil Alcântara, e, Dr.<sup>a</sup> Vangri de Bem Gomes Vertoni, viúva de Dr. Paulo César Vertoni. Deixou ainda seis netos e três bisnetos.

Veio da Paraíba para fazer dois anos no Colégio Universitário anexo a ESALQ/USP em 1937, e depois cursou mais quatro anos, formando-se engenheiro agrônomo na Turma de 1943, com a média (9,5), que é a maior média obtida na ESALQ/USP até hoje. Tendo por isto recebido o Prêmio Epitácio Pessoa. Como calouro recebeu o apelido de Mosquito.

Seu primeiro emprego já foi na ESALQ/USP, como assistente do Prof. José de Mello Moraes, passando daí para ser assistente da 16<sup>a</sup> Cadeira de Matemática e Estatística, sob a chefia do Prof. Orlando Carneiro.

Foi bolsista da Fundação Rockefeller em 1952/1953, na Universidade da Carolina do Norte, EUA, onde se especializou em Estatística. Aí realizou a primeira prova correta da análise da variância à regressão não-linear, aplicando à Lei de Mitscherlich, que indica a resposta das plantas aos adubos. É um trabalho pioneiro no assunto.

Teve grande destaque profissional, foi: Reitor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (1964), Diretor Geral do Departamento de Promoção Agropecuária do Ministério da Agricultura (1965), Diretor da Revista de Agricultura (1968-2004), Diretor da Escola de Engenharia de Piracicaba (1971-1974), Chefe do Depto. de Matemática e Estatística da ESALQ/USP (1970-1978), Membro Titular do Conselho Estadual do Estado de São Paulo (1973-1975), Representante da ESALQ no Conselho Universitário da USP, com dois mandatos sucessivos (1974-1976 e 1976-1978), Coordenador do Curso de Mestrado em Experimentação e Estatística (1965-1978), Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, com dois mandatos (1995-1996 e 1997-1998).

Realizou na ESALQ/USP os concursos de livre-docência em 1948, e o de cátedra em 1959, em ambos foi aprovado com “Distinção e Louvor”.

Foi agraciado com as seguintes honrarias: Medalha Marechal Rondon (1965), Medalha do Bicentenário de Piracicaba (1969), Medalha Prudente de Moraes (1995), Medalha do Mérito Científico e Tecnológico, entregue na comemoração do 1<sup>o</sup> Centenário da ESALQ/USP, em 2001, além do troféu do 1<sup>o</sup> Centenário da ESALQ/USP pelo seu trabalho na implantação da Pós-Graduação, em 1964.

Lecionou Estatística Experimental em Castelar, Argentina, a convite do Instituto Nacional de Tecnologia Agropecuária – INTA (1961), em Concepción Del Uruguay, Argentina, a convite da FAO (1972), e novamente em Castelar, Argentina, a convite da OEA (1973). Lecionou muitas disciplinas nos cursos de Mestrado e Doutorado da ESALQ/USP.

Publicou mais de 52 trabalhos, entre artigos, livros e teses. Sendo que dentre eles se destacam o livro Curso de Estatística Experimental até hoje adotado por cursos de pós-graduação, já na 14<sup>a</sup> edição, e que foi traduzido para o Espanhol. E o livro Estatística Aplicada a Experimentos Agronômicos e Florestais, feito em colaboração com o Eng<sup>o</sup>–Ftal Carlos Henrique Garcia, cuja primeira edição foi feita em 2002, e onde busca reunir conhecimentos básicos especializados da Estatística Experimental aplicada a ensaios com lavoura e florestais, com detalhes essenciais sobre a utilização de aplicativos usuais, e também detalhes sobre a interpretação dos resultados fornecidos pelo computador. Os aplicativos principais usados foram o SAS (Statistical Analysis System (SAS Institute Inc.)) e o Sanest (Sistema de Análise Estatística para Microcomputadores).

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marli de Bem Gomes, Professora Associada Aposentada da ESALQ/USP, Diretora da Revista de Agricultura, filha do Dr. Frederico Pimentel Gomes.

# A EDUCAÇÃO PÚBLICA NO INTERIOR DO ESTADO DE SÃO PAULO: PIRACICABA COMO MODELO DE EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NO ESTADO DE SÃO PAULO, DURANTE A 1ª REPÚBLICA

*Marly Therezinha Germano Perecin*

## 1. INTRODUÇÃO

Comemorou-se, em dezembro de 1996 p.p., o centenário da introdução do Ensino Complementar à Escola Normal de São Paulo, no interior do Estado. Trata-se do mais antigo educandário público paulista de segundo grau, criado para Piracicaba, no ano de 1896, a Escola Complementar, hoje Escola de 1º e 2º graus "Sud Mennucci". Não foi escolha aleatória. Piracicaba se situava entre as primeiras cidades paulistas e tinha o seu peso político. Prudente José de Moraes Barros elegera-se, em 1884, primeiro presidente civil do país e o PRP se alçava a ambiciosos planos de oligarquia nacional. A República Velha tinha os seus compromissos com os segmentos urbanos da população, onde as classes médias souberam pressionar por escolaridade. No interior, o 1º grau sempre foi objeto de negociação eleitoral e um dos trunfos do partido dominante.

A partir de 1895, o governo republicano paulista deu criação aos novos Cursos Complementares, de 2º grau, à Escola Normal de São Paulo (capital), transformada em modelo de ensino, centro irradiador de cultura e eixo do projeto público educacional para a sociedade do café. A evolução do ensino público paulista estava condicionado pelas novas realidades: crescimento econômico, expansão demográfica e prementes necessidades de qualificação às novas categorias profissionais, tais como engenheiros (urbanização, transportes e eletrificação), agrônomos (produção agropecuária, principalmente, café), e, professores para os grupos escolares, objetivando-se a educação de largos segmentos das populações urbanas. Nas duas primeiras legislaturas do Congresso Paulista, era predominante a corrente de opinião sobre o ensino elementar público e obrigatório.

O curso oferecido pela Escola Normal da Capital, reformada pela Lei nº 88 de 08/09/1892, era bastante exigente de capacitação anterior por parte do aluno, comportava 17 Cadeiras e tinha a duração prevista para quatro anos. O seu currículo era diversificado e abrangente: Letras, Ciências Exatas, Biológicas e Humanas, Educação Cívica, Desenho, Música, Caligrafia e Ginástica. A primeira Escola Complementar, criada

anexa à Escola Normal, em 1895, era um desdobramento natural das necessidades deste ensino voltado para a formação de professores da escola elementar e do ginásio, tinha finalidades propedêuticas ao magistério.<sup>1</sup>

## 2. O INTERIOR PAULISTA E A EDUCAÇÃO SECUNDÁRIA

Em 1896, era criada a Escola Complementar, que foi introduzida em Piracicaba, seguindo-se, no ano imediato, à criação de mais duas, em Itapetininga e no Bairro da Luz, em São Paulo. O ano de 1897 assistiu à instalação de três Escolas Complementares: a de Piracicaba (hoje, Escola Sud Mennucci), a de Itapetininga (hoje, Peixoto Gomide) e a paulista, posteriormente transferida para a cidade de Guaratinguetá (hoje, Cons. Rodrigues Alves).

A Escola Complementar de Piracicaba é a mais antiga, no interior, e a segunda, em ordem cronológica, no Estado de São Paulo. Em virtude da exiguidade de professores diplomados na Escola Normal de São Paulo, - esta, incapaz de atender à demanda, na época, os diplomados pelas Escolas Complementares obtiveram o direito de lecionar em escolas públicas elementares, desde que houvessem exercitado a prática do ensino, durante um ano, em grupos escolares ou escolas-modelo.<sup>2</sup>

A primeira turma de complementaristas de Piracicaba formou-se em 1900, exatamente a data da criação da primeira Escola-modelo, o futuro Grupo Escolar Morais Barros. Até, então, o único estabelecimento público de ensino preliminar em Piracicaba era o Primeiro Grupo Escolar (hoje, Barão do Rio Branco), construído entre 1894-1897. Iniciando o século XX, aquele educandário passava a integrar em seu corpo docente, seis jovens complementaristas saídas, em 1900, da primeira turma: d<sup>a</sup> Eugênia da Silva, dona Olívia Bianco, dona Maria Isabel da Silva, dona Antonia Azevedo, dona Ana Joaquina Bueno Verderese e dona Domitila Silveira de Menezes.<sup>3</sup>

Gerações de piracicabanos tem passado pelas mãos benfazejas dos educadores complementaristas e normalistas. Avalie-se, portanto, o significado desta Escola centenária, a Sud Mennucci, na História da Educação brasileira!

---

<sup>1</sup> Reynaldo Kuntz Busch: "Evolução e Organização Atual do Ensino Normal em São Paulo", in Centenário do Ensino Normal em São Paulo 1846 - 1946. Poliantéia Comemorativa, p. 09-14.

<sup>2</sup> Ibidem

<sup>3</sup> Listagem de alunos formados pela Escola Complementar de Piracicaba, ano de 1900. Colaram grau 15 educadores. A cifra é pouco expressiva, considerando-se a grande procura pelo curso na época. Muitos alunos transferiram-se de Piracicaba para a Escola Normal da Praça objetivando um diploma que lhes conferia maiores vantagens no exercício do magistério.

### 3. A EXPANSÃO DA REDE ESCOLAR

Em desenvolvimento ao projeto de ensino público do governo republicano de São Paulo, outras Escolas Complementares foram criadas, a partir de 1902, nas mais importantes cidades do interior paulista. As exigências da escolarização das classes urbanas levaram ao decreto nº 2025 de 29/03/1911, que transformava as Escolas Complementares em Escolas Normais Primárias, incluindo as três maiores unidades do interior: Piracicaba, Campinas e Guaratinguetá.<sup>3a</sup>

As Escolas Normais Primárias também desenvolveram amplo e diversificado currículo: Pedagogia (que se prestou, desde o início, a todas as experiências educacionais), Letras, Ciências Exatas, Biológicas e Humanas, Educação Cívica, Música, Desenho, Caligrafia, Trabalhos Manuais, Economia Doméstica e Ginástica. Em 1912, a Cadeira de Pedagogia passava a compreender três disciplinas: Pedagogia, Psicologia e Metodologia do Ensino.

Em razão de constantes mudanças no ensino, primeiramente, a Escola Normal de São Paulo, seguida de outras duas, a de São Carlos e a de Itapetininga, passaram a denominar-se Escolas Normais Secundárias. Durou pouco tempo a discriminação. Em 1920, a Lei nº 1750 de 08/12/1920, que reformulou o ensino público de São Paulo (reforma "Sampaio Dória"), fundia as Escolas Normais em uma só, ou seja, de tipo único, com curso de quatro anos de duração.<sup>4</sup>

Mas, a carreira do professor não tinha estímulos: baixos salários, insegurança no trabalho, nomeações políticas, percalços com as sucessões na oligarquia perrepista. O antigo projeto republicano paulista de instalar um grupo escolar em cada bairro, via-se bloqueado pelas próprias contradições internas do partido dominante. A escolarização era vital, tanto para a qualificação profissional e acesso a outros níveis de ensino, exigidos pelo crescimento econômico e social de São Paulo, como para a formulação dos votos no processo eleitoral, que sustinha a continuidade do Partido.

Concessões foram feitas, incluindo a redução do curso Normal para três anos e a oferta de estímulos oficiais em níveis de salários e equiparações com outras escolas particulares (as Escolas Normais Livres) e Municipais. A partir de 1926, deu-se o "boom" das Escolas Normais. A política de defesa e valorização do café, tentada com êxito, desde 1906 (Convênio de Taubaté), na década de vinte, viria a permitir o aumento das receitas do Estado e a sua melhor distribuição em proveito dos fins sociais.

---

<sup>3a</sup> Reynaldo Kuntz Busch, *al. cit*

<sup>4</sup> *Ibidem*

Os resultados da nova política educacional foram rápidos, revertendo no aumento do número dos ingressantes no magistério público, em certo prestígio da carreira, particularmente, no interesse da profissionalização da mulher, e, logicamente, em dividendos para a organização republicana.

O preenchimento dos quadros do magistério público fazia-se acompanhar da expansão da rede de escolas urbanas, suburbanas e rurais, revertendo em favor do atendimento da necessidade básica de escolaridade primária e na cooptação dos votos. Fenômeno idêntico, porém, não massivo, ocorreu com as Escolas de nível superior, a Politécnica (1894), a Medicina (1912) e a Luiz de Queiroz (instalada em 1901, deixava de ser considerada técnica de segundo grau, em 1925).

Apesar da inexperiência em instrução pública, o Estado de São Paulo cumpriu, razoavelmente, bem o seu Projeto de Ensino, elaborado nos últimos anos do séc. XX, relativo aos três níveis. Muito embora, seletivo e elitista, quanto ao secundário e ao superior, as luzes do saber que iluminavam o Projeto, tinham por foco dispersor o ideário republicano da escola laica, gratuita (malgrado as pequenas taxas cobradas), eficiente, qualificadora. A dar razão aos "patres", a instrução era essencial à saúde do regime representativo (Prudente) e tinha a força regeneradora de que carecia a nação (América Brasileira). Objeto de interesse e de negociação da parte da classe dominante, a instrução pública consolidou a estrutura de poder montada pelos "históricos", em São Paulo.<sup>5</sup>

Ousáramos dizer que a força do PRP devia-se tanto ao prestígio da oligarquia cafeeira quanto à expansão das forças produtivas, à sociedade engajada na metropolização da cidade de São Paulo, à interiorização da economia, ao desenvolvimento industrial e à escolarização de que vieram a servir-se os antigos segmentos sociais e os novos, arribistas, constituídos pelos imigrantes e os seus descendentes de primeira geração.

#### 4. IDEOLOGIA E CONSCIÊNCIA

O interior não foi passivo às transformações operadas no final do século XIX. O movimento republicano, vitorioso em 1889, precipitou uma nova manifestação de consciência política, junto aos segmentos emergentes de classe média. À antiga população de origem urbana, procedente da monarquia, começaram a somar-se representantes das correntes imigracionais, de vivência urbana ou camponesa, sírios, libaneses, judeus, espanhóis, portugueses e italianos. Piracicaba, aos

---

<sup>5</sup> Elza Nadai: "O Projeto do Ensino Superior." Cap. I da tese Ideologia do Progresso e Ensino Superior (São Paulo 1891 - 1934). P. 15 - 61

poucos, foi perdendo aquele visual de cidade colonial, espremida entre as ruas Piracicaba (voluntários) e dos Ourives (Rangel Pestana), contida entre o ribeirão do Itapeva (hoje, Av. Armando Salles de Oliveira) e a rua do Porto, asfixiada pelas propriedades rurais, que lhe tolhiam a urbanização.

O ideário republicano continha o filtro das idéias liberais da Revolução Francesa, enriquecido pelas contribuições do Positivismo de Augusto Comte, do evolucionismo de Spencer e pelo modelo de federalismo, exitoso nos Estados Unidos. Eram idéias assimiladas pelos próceres republicanos em compasso às transformações materiais do país, via Maçonaria, Imprensa e propaganda, consensualizadas nas importantes cidades do Oeste Paulista e do Vale Médio do Tietê, Jundiaí, Campinas, Itu, Tietê, Botucatu, Piracicaba, alimentadas pelas suas lideranças políticas regionais e locais. Escolaridade e voto tornaram-se questões inseparáveis. A primeira era garantia da segunda. Ambas, justapostas, convertiam-se em "artifícios" de sustentação da poderosa classe proprietária cafezista que assumira o controle político de São Paulo.

Desde os primeiros momentos de vida republicana, marcados pelas relações conflituosas entre o poder militar e o civil, sobressaíram-se duas lideranças do antigo Oeste Paulista: os irmãos Moraes Barros e Campos Salles, ou seja, Piracicaba e Campinas, cidades sedes de republicanos históricos e críticos da Monarquia. Promulgada a Constituição liberal de 1891, despontou Prudente José de Moraes Barros como figura nacional e futuro Presidente, a simbolizar a grande ruptura com o passado colonial e monárquico, a acenar para os novos tempos de rápidas e sucessivas transformações. Piracicaba haveria de colher dividendos.

Em Piracicaba, a instrução vinha do Império, em nível de Primeiras Letras e Humanidades, ministradas em aulas particulares ou pequenos colégios de duração efêmera, como o de Tristão Mariano, de Júlio Hufferbaecher ou da família Wolf, sempre lutando para sobreviver. As famílias poderosas tinham por hábito enviar os seus jovens para os importantes colégios de São Paulo, mais particularmente, para a cidade de Itu, o grande centro político, religioso e educacional da Província. Ali funcionavam dois grandiosos educandários, o Colégio de Nossa Senhora do Patrocínio (das Irmãs de S. José de Chamberry) para meninas e moças, e o Colégio São Luís (Jesuíta), para meninos e rapazes. Naquela capital histórica do Vale Médio do Tietê, estudaram as elites paulistas, a mais fina flor da aristocracia do café, sinhas e nhonhês, futuros barões e baronesas na Monarquia, reis do café e políticos na República!

Nas últimas décadas do século XIX, ainda no Império, Piracicaba ganhou dois importantes educandários, o Colégio Piracicabano, de Miss Martha Watts (1881), e o Colégio de Nossa Senhora da Assunção, das

Irmãs de São José, discípulas de Me. Theodora Voiron, a fundadora da matriz ituana (1893). Dois colégios confessionais, marcos históricos do movimento transformacional da sociedade piracicabana, ainda sobrecarregada pelas permanências estruturais do passado, tresandando ao ranço colonial. Faltava uma escola laica para as novas lideranças, imbuídas de liberalismo e positivismo, próprios do final do século XIX.

Piracicaba experimentava as mais importantes transformações no último quartel do século XIX. Ao apito estridente da locomotiva sacolejante, procedente da Cia. Ituana de Estradas de Ferro, correspondiam o estalar das moendas dos engenhos, as cantigas de imigrantes no apanhar do café, o bulício urbano na Praça do Mercado e, já, os primeiros passos de operários ressoando nas calçadas. A partir de 1877, os memorialistas referiam-se com entusiasmo ao progresso piracicabano: - Um grande centro agropecuário, com destacada produção em cana-de-açúcar e café, avultada escravaria e dotado de expressivo comércio. Em 1886, a população urbana constituía-se de 7.000 habitantes (homens livres), ocupando 1.600 moradias no perímetro urbano. Uma projeção descompromissada poderia situar cerca de 25.000 habitantes em todo o município. Observamos que a população escrava decaíra bastante em termos numéricos: de 5.339 escravos matriculados, em 1877, para 3.694 em 1886.<sup>6</sup>

## 5. OS PASSOS DA EDUCAÇÃO PÚBLICA DE 2º GRAU

Em 1893, à rua do Rosário, inaugurou-se o colégio da Sociedade Propagadora da Instrução de Piracicaba. Tratava-se de uma experiência nova, fruto da iniciativa particular de um grupo de conhecidas famílias liberais (incluindo-se ex-monarquistas e republicanas), que se quotizaram, formando uma sociedade de capital por ações, dentro do objetivo de constituir uma escola laica de Primeiras Letras e Humanidades, o Colégio Ipiranga. Não era a primeira vez que, em Piracicaba, se transferia capital de origem fundiária para o setor da educação. João Manoel de Moraes Sampaio, grande proprietário rural, tido como o maior acionista, foi aclamado Presidente da nova sociedade.<sup>7</sup>

As primeiras Atas de Sessões desta Sociedade referem-se à construção do edifício, instalação da luz elétrica, inauguração e benzimento do prédio (15/08/1893). Observamos, com bastante curiosidade, os íntimos relacionamentos de amizade e graus de parentesco entre esses acionistas,

---

<sup>6</sup> Manoel de Moraes Barros: "Piracicaba-estado presente", in Almanak de Piracicaba para o ano de 1900, p. 127 - 131. João Baptista da Rocha Conceição: Relatório do Presidente da Câmara (1883 - 1886). Leandro Guerrini: História de Piracicaba em Quadrinhos, p. 131

<sup>7</sup> Atas da Sociedade Propagadora da Instrução: ano de 1893



bem como a insuspeita vinculação de muitos deles com a Loja Maçônica de Piracicaba, fundada, em 1875, sob a liderança do Dr. Prudente José de Moraes Barros. Pareciam triunfar as novas idéias no campo da Educação e Piracicaba experimentava verdadeira febre de escolas. Lembramos que um ano antes, Luiz Vicente de Souza Queiroz, desistira de levar adiante, sob a sua particular iniciativa, num grandioso projeto que transferira para o estado, a sua sonhada Escola de Agricultura. Esta somente se tornaria realidade em 1901, sob iniciativa oficial do governo paulista.

Em cinco de fevereiro de 1897, após quatro anos de atividade, foi encerrado o projeto da Sociedade Propagadora da Instrução de Piracicaba, procedendo-se a sua liquidação e venda do imóvel, com terreno anexo, à Câmara Municipal, pelo valor de 34 contos e quinhentos mil réis. Ao todo, vinte e três quinhões, valendo cada um deles, cerca de hum conto e quinhentos mil réis.<sup>8</sup> Extinta a sociedade, a escola particular (Colégio Rosa), que ali veio a funcionar, sob a direção do prof. Augusto Salgado, também encerrou atividades. Por aquisição da Câmara Municipal, passaram o imóvel e benfeitorias à condição de bens públicos. Mediante acordo com a Instrução Pública de São Paulo e posterior concessão, o acervo era destinado à instalação de uma Escola Complementar, a primeira a ser instalada no interior do Estado de São Paulo.

Sim, havia febre de escolas mas, as coisas pareciam haver se precipitado. Era antiga a aspiração de se implantar, em Piracicaba, o ensino público laico, em nível de segundo grau. Naquele momento, sonhava-se com a instalação de um Ginásio, por conta do Estado, pois este era o curso testado com êxito nas unidades superiores. Mas, era difícil sensibilizar os poderes públicos!

Piracicaba possuía dois brilhantes colégios confessionais, um protestante e outro católico. A escola laica, de efêmera duração, proporcionada pela Sociedade Propagadora de Instrução, também proporcionara boa qualidade de ensino. As famílias de posse, já, não precisaram encaminhar os seus filhos aos outros centros culturais. Porém, a realidade não escondia que o ensino pago, apesar da boa qualidade, era altamente elitista. A classe política impunha-se a constatação de que os segmentos emergentes de classe média permaneciam à margem da escolaridade. Enquanto se perdiam no anonimato das profissões artesanais os seus melhores talentos, esperdiçava-se o poder de barganha dos votos, indispensáveis ao fortalecimento da oligarquia perrepista.

Algo precisava ser construído na área da educação, era consenso na classe política de Piracicaba. \_ Não adiantava criar escolas superiores!

---

<sup>8</sup> Atas da Sociedade Propagadora da Instrução em data de 05/01/1897

- repetiam, na capital, os congressistas que condenavam o país de burocratas e doutores bacharéis em que o Brasil se convertera, durante o Império. Reclamavam por investimentos prioritários na infra-estrutura do ensino, ou seja, as escolas elementares, consentindo, gradativamente, no segundo grau, preferencialmente, para a complementação do próprio magistério, postergando-se as faculdades.

Esta opinião teve de ser acatada pela Câmara Municipal de Piracicaba que também expressava, naquele final de século, o pensamento liberal e positivista da cidade mas, tinha o projeto do segundo grau ginásial, propedêutico às escolas superiores.<sup>9</sup> Veremos que, entre desencontros e acertos, organizou-se a rede escolar pública de Piracicaba, convertida em campo de experimentação na Educação brasileira. Outra escola técnica, profissionalizante, de segundo grau, a Escola Prática de Agricultura foi projeto implantado, em 1901, na Fazenda São João da Montanha. O aspirado curso ginásial somente viria a ser criado em Piracicaba, anos mais tarde, em 1933; naquele momento vingou a idéia do Curso Complementar.

## 6. A EDUCAÇÃO É EQUACIONADA POLITICAMENTE

Na última década do século XIX, era aspiração dos professores piracicabanos de primeiras letras, unir as suas aulas num único grupo escolar, a exemplo do que já se fazia na capital. Bastava que a Câmara doasse o terreno apropriado para nele vir a ser construído, às expensas do Estado, o primeiro Grupo Escolar da cidade. Outros interessados perceberam que, futuramente, poderia ser-lhe acoplada outra novidade, a chamada Escola Complementar que o Governo paulista introduzia em seu projeto de escola pública.

O Senador Manoel de Moraes Barros liderou o movimento nas esferas políticas de São Paulo e a reivindicação atingiu os seus objetivos. Em meados de 1895, era lançada a pedra fundamental do futuro Grupo Escolar (hoje, Barão do Rio Branco), o mais antigo da cidade. A sua instalação deu-se em 13 de maio de 1897 quando, já, se achava nos primeiros dias de atividade a Escola complementar de Piracicaba (instalada pouco antes, em 21 de abril). Ambas as escolas foram conquistadas políticas locais, sendo Prudente José de Moraes Barros, Presidente do Brasil, seu irmão, Manoel de Moraes Barros, Senador da República e Paulo de Moraes Barros (filho deste), a personalidade mais influente na Câmara Municipal.

---

<sup>9</sup> Defendia-o Paulo Moraes Barros, Presidente da Câmara Municipal, em 1892, e vereador no biênio 1896 - 1898

É indispensável lembrar que a Escola Politécnica, funcionando em São Paulo, desde 1894, oferecia os apreciados cursos de Engenharia Civil, Industrial, Agrícola e Artes Mecânicas, atraindo, com justificadas razões, a juventude paulista, motivada pela metropolização da capital. Luiz de Queiroz, por sua vez, enfrentara tamanhas dificuldades, em realizar o seu acalentado projeto de uma Escola de Agricultura, que o entregara, em 1892, ao Estado. Este manteve, em Piracicaba, entre 1893 e 1896, o engenheiro agrônomo Leão Affonso Morimont, que, valentemente, tentou implantar a Escola Prática Agrícola de segundo grau.

Naquele final de século, a educação pública se achava em fase experimental e as dificuldades de implantação eram inauditas, não tanto por escassez de verbas mas, particularmente, pela falta de profissionais, de *know how*, e mudanças ocorridas no direcionamento dos interesses prioritários do estado. Sob Bernardino de Campos (1892 - 1896), tivemos saneamento e educação. Sob Manoel Ferraz de Campos Salles (1896 - 1898), imigração e defesa do café.

O grande passo para a instalação da educação pública de segundo grau em Piracicaba fora dado no momento em que se efetuou a compra dos imóveis da Sociedade Propagadora de Instrução, mediante capitais levantados pela Câmara Municipal com apoio político e financeiro do Senador Manoel de Barros, doador de cinco contos de réis. Lei Municipal aprovada em 06/02/1896, autorizava a intendência a efetuar o negócio. Em março do ano seguinte, a Câmara oficiava ao governo do Estado oferecendo-lhe o imóvel adquirido para nele instalar-se o Ginásio público.<sup>10</sup> Naquele mesmo mês, a Secretaria dos Negócios do Interior aceitava a oferta mas, esclarecia ser impossível a implantação de um Ginásio, propondo que se instalasse, de imediato, a Escola Complementar, criada em dezembro de 1896.<sup>11</sup>

Já, em 01/04/1896, achando-se em fase adiantada de construção o primeiro Grupo Escolar de Piracicaba, o Presidente do Estado, Dr. Bernardino de Campos, estivera, pessoalmente, na cidade para efeito de assistir, juntamente, com as mais expressivas autoridades do Partido, ao lançamento da pedra fundamental do edifício, onde seria instalada a Escola Prática de Agricultura. Corriam simultâneas as diversas iniciativas educacionais. Decorrido um ano, A Gazeta de Piracicaba punha em destaque a concomitância das obras referentes ao Primeiro Grupo Escolar, elogiado por ser o edifício mais belo da cidade (o estilo neogótico de Victor Dubugras), à continuidade dos empreendimentos na Fazenda São João da Montanha e à iminente instalação da Escola Complementar de Piracicaba.<sup>12</sup>

<sup>10</sup> Correspondência da Câmara Municipal de 02/03/1897

<sup>11</sup> Gazeta de Piracicaba, edição de 25/03/1897

<sup>12</sup> Decreto Estadual de 30/03/1897

Com efeito: instalação do novo curso se efetivou em 21 de abril de 1997. Na galeria dos quadros de formatura de professores da Escola Sud Mennucci, existem fotografias daquele edifício escolar da rua do Rosário, revelando a arquitetura sólida, em dois pavimentos, a fachada discreta e bela. No segundo andar, destacavam-se sete janelas com detalhes de um clássico despretençioso, mas imponente. O edifício era belo e funcional para a época, dotado de amplos jardins murados e espaços livres. Foi a primeira sede do curso de Magistério, em Piracicaba, a Escola Complementar, posteriormente, convertida em Escola Normal Primária (1911) e, em Escola Normal Secundária (1920). O querido historiador paulista, Tito Lívio Ferreira, que foi, em sua juventude, complementarista em Piracicaba, referia-se àquela casa com emoção e saudade.

## 7. A ESCOLA COMPLEMENTAR DE PIRACICABA

Na última década do século XIX, Piracicaba firmara-se entre as cinco mais progressistas cidades do Estado de São Paulo. A sua população urbana dobrara e a classe política sentia haver chegado a hora de passar da teoria para a prática, o antigo ideário republicano de Instrução. A construção de um “Inteligentzia” paulista era questão de ruptura com o passado e equilíbrio com presente, dado o furor das transformações operadas com a revolução dos transportes ferroviários, com o início da industrialização e da metropolização da sua capital. Criar escolas era questão de sobrevivência!<sup>13</sup>

A Gazeta de Piracicaba, órgão do PRP local, informava, no início de fevereiro, que a Escola Complementar já possuía professores nomeados para dirigirem as duas secções do curso organizado, a masculina e a feminina. Eram respectivamente, o prof. Antônio Alves Aranha e a sua esposa, prof<sup>a</sup>. Dona Escolástica do Couto Aranha.<sup>14</sup> Alguns dias, posteriormente, o mesmo periódico avisava que o prof. Aranha se encontrava instalado na cidade, prevendo-se grande afluência de alunos.<sup>15</sup> Naquela época, o edifício se achava em obras, recebendo a indispensável adequação e o novo mobiliário. Em 03/04, anunciava-se o encerramento das matrículas e o início das aulas, havendo mais de trinta alunos. A escola pública preparava-se, no interior, para a arrancada que haveria de culminar no desenvolvimento da poderosa elite pensante, à qual, Monteiro Lobato, nos meios intelectuais de São Paulo, chamaria de “o perigo piracicabano”.

Em 21 de abril, ao meio dia, hora em que os liberais comemoram o suplício do Tiradentes, ocorreu a cerimônia de instalação da primeira

<sup>13</sup> José Enio Casalechi: O Partido Republicano Paulista, p. 30-31

<sup>14</sup> Gazeta de Piracicaba, edição de 11/02/1897

<sup>15</sup> Gazeta de Piracicaba, edição de 15/02/1897

Escola Pública de Piracicaba. A declaração oficial partiu do Presidente da Câmara Municipal, Dr. Paulo de Moraes Barros, diante dos alunos, convidados e autoridades locais: Joaquim André Sampaio, Intendente Municipal, Benedicto Cândido Corte Brilho, Inspetor Literário do Distrito, Antônio Alves Aranha, Diretor da Escola Complementar, Antônio de Mello Cotrim, Diretor do Primeiro Grupo Escolar. Da leitura da Ata de instalação conservamos a palavra do Diretor, Prof. Aranha, "augurando o futuro promissor da Escola e concitando a todos para o cumprimento do dever pelo engrandecimento moral e intelectual da Pátria". O orador oficial do evento, Dr. Antonio Pinto de Almeida Ferraz, cuja alocução se afirma, em Ata, haver sido brilhante, "saudava a Instrução e a Liberdade".<sup>16</sup>

Nascida sob o signo da Liberdade, a Escola Complementar de Piracicaba, iniciava as suas atividades pedagógicas no dia seguinte. O curso tinha a duração de quatro anos e oferecia o mesmo currículo da sua congênere na capital. Na Área de Línguas: Português e Francês. Na Área de Ciências Exatas e Biológicas: Matemática Elementar, Mecânica, Astronomia, Química, História Natural. Na Área das Ciências Humanas: Geografia, História do Brasil e Geral. Nas Áreas de Atividades: Desenho, Música, Trabalhos Manuais, Ginástica e Exercícios Militares.

Conseguimos levantar o corpo docente das três primeiras séries. Primeiro ano: Prof<sup>a</sup>. Augusta dos Santos e Prof João Baptista Nogueira. Segundo Ano: Prof<sup>a</sup>. Teresa Canto Rodrigues e Prof. João Lorenzo Rodrigues. Terceiro Ano: Prof<sup>a</sup>. Escolástica do Couto Aranha e Prof. Antônio Alves Aranha.<sup>17</sup> Como se nota, prevalecia a divisão rigorosa dos sexos e cada docente lecionava todas as disciplinas do curso, durante o ano letivo. A divisão do alunado em duas secções, masculina e feminina, irá prevalecer por várias décadas, influenciando na arquitetura das escolas, construídas com alas específicas e recreios com rigorosa separação interna.

Em 1900, último ano do século XIX, colava grau a primeira turma, composta pelos 15 educadores saídos daquela matriz. Não resisto à tentação de repetir-lhes os abençoados nomes, porque os mesmos fazem parte da História da Educação do Brasil, e ainda, permanecem na memória de muitos piracicabanos: Joaquim Diniz, José Henrique Menezes, Joaquim da Silva Nunes, Cherubin Fernandes Sampaio, José Martins de Toledo, Domitila Silveira de Menezes, Ana Joaquina Bueno, Avelina Ferreira da Cunha, Carolina de Souza Costa, Olívia Bianco, Antônia de Azevedo, Anna Cândida Couto, Maria Isabel da Silva, Eugênia da Silva e Cândida Corrêa Borges.<sup>18</sup>

---

<sup>16</sup> Ata da instalação da Escola Complementar de Piracicaba, datada de 21/04/1897

<sup>17</sup> Ibidem

<sup>18</sup> Relação de alunos graduados em 1900 pela Escola Complementar de Piracicaba

A tão aspirada complementariedade dos graus de ensino público, em Piracicaba, somente se efetivaria, em 1925, com a elevação da “Luiz de Queiroz” à condição de Escola Superior.

## 10. ATENEU PAULISTA

Piracicaba atravessou o século XIX convulsionada pelas aberturas de ruas e construção da rede de esgotos, dentro do plano de saneamento do Dr. Paulo de Moraes Barros, aplicado pela Câmara Municipal. Rondavam ameaçadoras, apavorantes epidemias: peste bubônica, febre amarela, varíola. Durante as duas primeiras décadas do século XIX, a política desenvolvida pela Câmara Municipal manteve elogiável padrão de zelo sanitário e coerência administrativa, responsáveis pelo visual da cidade: limpa, arborizada, dotada de praças aconchegantes nas tardes de verão. Ao velho apelido de “Noiva da Colina”, proveniente do séc. XIX, acrescentou, por méritos próprios, o de **Pérola dos Paulistas**.<sup>19</sup>

Sempre crescendo, em população e progresso, o município ostentava, em 1911, cerca de 48 mil habitantes e classificava-se, orgulhosamente, como a segunda cidade paulista em número de escolas, quarenta unidades!. Só perdia para a capital nas cifras da Educação, deixando para atrás outras importantes matrizes culturais: Santos, Campinas, Sorocaba.<sup>20</sup> Foi quando assumiu, com eterna vaidade, o aposto que lhe foi mais caro e envaidecedor, aquele que vem sendo, continuamente, repetido, através dos tempos, - o de “Ateneu Paulista”!

Roberto Capri, um intelectual italiano, autor de várias obras de divulgação sobre os municípios do Estado de São Paulo, muito escrevera a respeito de Piracicaba. Mas, é no “Libro D’Oro dello Stato di S. Paolo” que profere estas pérolas: - “Piracicaba può inorgogliarsi di essere una delle città paoliste, ove l’istruzione é tenuta in altissimo conto: si può considerare l’Ateneo paulista”. Pronto: - aí está! Comprova-se para quem o desejar! Nunca se disse “Atenas Paulista”.<sup>21</sup>

Qual seria o sentido atribuído por Roberto Capri àquilo que qualificava a cidade, de forma tão envaidecedora? Primeiro: Ateneu, em sentido lato, diz respeito à Academia, estabelecimento de ensino superior para Arte, Ciência e Literatura, ou Escola monumental a expressar um momento de florescimento e grandeza. Segundo: é termo de origem grega - *Athénaion*, templo de Atenas na Grécia antiga, também lugar público onde os literados liam as suas obras. Portanto, centro cultural. **Akademia**

<sup>19</sup> Marly Therezinha Germano Percin: A Síntese Urbana, p. 16-17, 48

<sup>20</sup> Ibidem, p. 17, 101

<sup>21</sup> Roberto Capri: Libro D’Oro dello Stato di S. Paolo, p. 576

é termo de origem grega e designa a escola criada por Platão, em 387 AC. Terceiro: o elogio do autor pode expressar o seu próprio imaginário porém, não deixa de refletir o processo transformacional experimentado por Piracicaba nas primeiras décadas do século XX. A antiga boca de sertão, no século XVIII, havendo passado pela fase de fronteira agrícola, no século XIX, surpreendia com o seu florescimento cultural, fruto da expansão das escolas e da manifestação de sua jovem elite pensante, bem no estilo monumental.

Pois bem, aquele **Ateneu Paulista**, à beira rio plantado, ia de vento em popa. O ufanismo piracicabano chegava às alturas, pelos êxitos da Escola Prática de Agricultura “Luiz de Queiroz”, pela Escola Normal (ex-Complementar), pelos grupos escolares urbanos e pelo ensino rural, pelos colégios confessionais, o Piracicabano e o Nossa Senhora Assunção, pela Universidade Popular (grande biblioteca com círculo de conferências), pelas sociedades beneficentes, pelo progresso generalizado no comércio e na indústria. E, principalmente, pelo enorme prestígio político de Paulo de Moraes Barros, guindado, em 1912, ao cargo de Secretário da Agricultura e Obras, durante o governo estadual do Cons. Rodrigues Alves. Os canais políticos permaneciam abertos para grandes investimentos públicos, na Escola de Agronomia e na nova sede da Escola Normal a ser inaugurada.

O ideário republicano implicava grandes realizações materiais no campo da educação pública no Estado de São Paulo: atestam as belas escolas históricas construídas durante as primeiras décadas do século XX. Economia cafeeira, burguesia dominante, Partido Republicano Paulista e ideologia do progresso material são questões inseparáveis na análise da conjuntura que fez da Educação, em Piracicaba, uma função da Política. O PRP tinha na cidade grande peso, fato que provinha dos republicanos históricos, principalmente, dos irmãos Moraes Barros (Presidente e Senador), e, na segunda década, do herdeiro político destes, Paulo de Moraes Barros. Até 1926, quando este se transferiu para a oposição, o Partido Democrático, que ajudou a fundar, nada se fez sem a sua chancela, sem o seu aval no 8º distrito.<sup>22</sup>

## 11. O PALÁCIO DA EDUCAÇÃO PARA O POVO

Pouco antes de partir para a Europa, em abril de 1913, Paulo de Moraes Barros telegrafara ao Prefeito Fernando Febeliano da Costa, comunicando-lhe haver sido expedida a autorização para iniciar as obras da futura nova sede da Escola Normal de Piracicaba. Já contava com a

<sup>22</sup> Maria Lígia Coelho Prado: *A Democracia Ilustrada* p. 16-18 Nicolau Sevcenko: *Orfeu Extático na Metrópole*, p. 127

planta de Bianchi e Castagnola, emitida pelo Departamento de Obras Públicas, DOP, havendo sido designado responsável pela edificação o engenheiro Eduardo Kiehl, figura que Piracicaba tanto respeitou.

Em novembro de 1912, Altino Arantes, Secretário do Interior, vinha à Piracicaba, em importante diligência, a fim de receber a doação, feita pela Câmara Municipal, do terreno situado no loteamento da antiga Chácara Laport, o qual era destinado à construção da planta palaciana da Escola Normal. No ano seguinte, em 05/07, ao meio dia, festiva cerimônia assinalava o lançamento da primeira pá de concreto nas vastas fundações, bem no ângulo direito do edifício (esquina da São João com a XV de Novembro).

A Imprensa convocara o público a comparecer no antigo *ground* do Club Sportivo (Chácara Laport), para prestigiar as autoridades do Partido. Bandas de música, foguetório, longos discursos políticos e acaloradas palmas faziam parte do ritual perrepista no Estado de São Paulo, mormente, em Piracicaba. Assim, naquele momento, o Diretor da Escola Normal, Prof. Dr. Honorato Faustino, não se furtava a enaltecer a atuação dos chefes do PRP de Piracicaba, eminentes figuras "que não perdiam tempo em questiúnculas e só cuidavam do progresso da cidade".<sup>23</sup>

A cerimônia do lançamento da pedra fundamental do edifício ficava marcada para o mês de agosto vindouro, no mesmo estilo perrepista. Era tudo assim. Na verdade, durante quatro anos, construiu-se um palácio, para atender à demanda da crescente população escolar e para cumprir um ideário, dentro dos padrões comportamentais da classe dominante. Causavam espanto, na pequena classe média e na pobreza da cidade, o porte do edifício e a ostentação do *art nouveau* a decorar a acrópole do Bairro Alto. O primoroso trabalho de carpintaria e os arremates dos espaços interiores em *eclética* deixaram a ver que jamais havia sido empreendida na cidade obra de tamanho quilate, nem mesmo na Escola Agrícola! O clímax aconteceu quando entraram os artesãos da pintura, comandados por um italiano da Real Academia de Bologna, Luigi Lacchini.

Era notório, na época, que por questões de "artimanhas políticas", haviam sido trocadas as plantas das escolas a serem construídas em Pirassunungã e Piracicaba. Para aquela cidade, mão esperta, na ausência de Paulo de Moraes Barros, encaminhou o mais esplêndido palácio já construído no Estado de São Paulo. A Escola Normal de Pirassunungã mais parece a sede de uma universidade européia. É de pasmar, pela beleza arquitetônica e pela riqueza interior! Piracicaba, que possuía população maior, ficou com a planta menor, mais pobre... Por compensação, recebeu o tesouro artístico que a singulariza dentre todas

<sup>23</sup> Gazeta de Piracicaba, edições de 05/07/1913 e de 07/07/1913



as escolas históricas da Primeira República, construídas, palacianamente, nas mais importantes cidades do Estado de São Paulo.

A inauguração da sede nova da Escola Normal de Piracicaba, à rua São João, no Bairro Alto, deu-se em 11 de agosto de 1917. A Escola contava vinte anos de atendimento à clientela escolar, havendo diplomado dezesseis turmas de professores primários. Já deitava tradição pela qualidade do ensino e valor dos profissionais que lançava no magistério público. O próprio diretor, Prof. Dr. Honorato Faustino, lavrou em manuscrito, a nota da inauguração. Tratava-se de uma das mais expressivas solenidades da história de Piracicaba, a qual comparecia a cúpula do P.R. Paulista, através dos seus próceres da capital e do interior: Deputados, Senadores, Secretários de Estado, o Presidente de São Paulo, Altino Arantes, o Diretor Geral da Instrução Pública, Oscar Thompson, mais autoridades locais e os diretores das grandes escolas de Piracicaba, "Luiz de Queiroz", Colégio Piracicabano, Grupos Escolares "Barão do Rio Branco" e "Moraes Barros".<sup>24</sup>

A Primeira República entregava ao Povo de Piracicaba, em pleno fastígio do café, o seu mais soberbo palácio. E o povo associava aquela alegoria deslumbrante, de pedra, cimento e tinta, às fantasias do passado, que lhe povoavam o imaginário, onde reis, príncipes e duques recebiam por morada outros tantos palácios; ou, recuavam aos tempos, viva lembrança, em que a aristocracia local enviava os seus rebentos para estudar na Europa ou nos prestigiosos colégios de Itu e São Paulo. Os governos republicanos de São Paulo entregavam aos diversos segmentos da classe média, que vivia sobriamente, palácios que se transformavam em templos de cultura pela nobreza da vocação. Até a Revolução de 30, a Educação ajudou, a consolidar a aliança entre aquela classe e a burguesia cafezista, a instrução se impunha como fator de ascensão social para uns e de iluminação para outros. A educação secundária de massas será fenômeno da segunda metade do século XX.

## 12. A ESCOLA NORMAL DE PIRACICABA

Vimos que, durante as primeiras décadas do século XX, a Educação em São Paulo estava associada à hegemonia de um partido que expressava, politicamente, a burguesia cafeeira, à ideologia do progresso material e ao fenômeno do crescimento demográfico, mantedor da expansão dos diversos segmentos da classe média. Em Piracicaba, construiu-se um artístico palácio no valor montante de 527: 416\$235, fato extraordinário para a época, principalmente, por considerar-se que

<sup>24</sup> Ata de Inauguração da nova sede, manuscrita pelo seu Diretor, Honorato Faustino, em 11/08/1927

se tratava apenas de uma Escola Normal Primária. Apenas em 1920, a reforma Sampaio Dória criava as Escolas Normais de tipo único e o Estado passava a estimular a carreira do magistério, facilitando a proliferação das Escolas Normais, públicas e particulares, equiparando as escolas Livres e Municipais às oficiais. Em 1928, Piracicaba ganhou mais uma unidade de ensino para o magistério primário, a Escola Normal Livre do Colégio Nossa Senhora Assunção.

A Primeira República ensejou oportunidades, através dos seus políticos, para que Piracicaba, se consolidasse como um centro cultural e fizesse das suas escolas importantíssimo fator de transformação social. A Câmara Municipal, onde pontificavam as lideranças perrepistas, particularmente, Fernando Febeliano da Costa, o eterno Prefeito da cidade, teve grande parte de responsabilidade. O Dr. Samuel de Castro Neves, que foi deputado estadual, atuou positivamente, na criação de várias escolas primárias, urbanas e rurais.

Porém, a figura mais expressiva era de Paulo de Moraes Barros, *cacique* eleitoral do 8º Distrito, herdeiro do prestígio da família, que tinha acesso à cúpula do Partido e fazia pender vantagens à Piracicaba, particularmente na área da Educação. Como Secretário da Agricultura e Obras, teve atuação decidida na Escola Luiz de Queiroz, ampliando os seus laboratórios, equipando os seus gabinetes e construindo novos espaços. Como presente imorredouro a sua terra natal deixou o Palácio da Educação para o Povo, a Escola Normal, em sua nova sede.

Pouco antes da inauguração, ainda, sob o governo de Rodrigues Alves, deve haver caído em desgraça perante as vestais do Partido. Provam-no o retardamento da inauguração, transferida para o governo recém empossado de Altino Arantes. A justaposição das placas de inauguração, no Saguão de entrada, para encobrir os méritos do governo do Cons. Rodrigues Alves e do seu Secretário da Agricultura e Obras, só foi descoberta por ocasião das obras de restauração da Escola, em 1985. A pequena placa de bronze, afixada no Salão de Música, em sinal de reparação, homenageia e reconhece a iniciativa de Paulo de Moraes Barros.

Voltemos à inauguração da nova sede da Escola Normal, em 11 de agosto de 1917. O Diretor Honorato Faustino determinara o levantamento fotográfico dos momentos da edificação, da armação do colossal madeiramento, das principais dependências, dos detalhes artísticos, dos ambientes de grande efeito. Raras são as fotografias com grupos humanos; mesmo assim, revestem-se de grande importância, pois apresentam figuras da época, professores, alunos, políticos e operários.

Chama a atenção uma fotografia de grande beleza plástica, tirada no Salão Nobre, em plena fase de inauguração da sede, apresentando, junto aos célebres painéis de Lacchini, o corpo docente da Escola: o Diretor,

Prof. Dr. Honorato Faustino; o Auxiliar de Diretor, Prof. Manassés Ephraim Pereira; o Secretário, Fernando Paes de Almeida; o corpo docente integrado pelos Professores: Joaquim da Silveira Santos (Português), Pedro de Mello (Francês), José de Assis Veloso (Matemática), João Baptista Nogueira (História e Geografia), Carlos Martins Sodero (Física, Química e História Natural), Justino Marcondes Rangel (Pedagogia), Fabiano Losano (Música), Joaquim Bueno de Mattos (Desenho), David Muller e Henrique Seoane (Ginástica), Maria Leopoldina Mendes (Trabalhos Manuais).

Transcorrido um século, constatamos com orgulho que daquele educandário paulista, em Piracicaba, saíram grandes mestres do magistério secundário e superior, milhares de soldados anônimos da grandeza da Pátria nas escolas primárias, nomes brilhantes das Ciências, da Literatura e das Artes. Poucas, ombreiam com esta Escola no inventário de serviços prestados à Educação! Em 1945, a Escola Normal de Piracicaba recebeu o nome de um dos seus mais ilustres alunos, Sud Mennucci, educador e jornalista.<sup>25</sup>

### 13. A ESCOLA - PINACOTECA

O nosso grande receio é que, um dia, neste país, fartamente, dotado de ignorantes bem intencionados, a Escola "Sud Mennucci", venha a ser convertida em museu ou sede de um daqueles departamentos burocráticos, tipo "cabides de emprego". Não permitam os ex-alunos e os piracicabanos que tal calamidade sobrevenha. Bastam aquelas que a Escola, já, suportou, sem sucumbir, ao longo do seu trabalho, secularmente, dedicado à causa da Educação. Nosso receio não é infundado, que os ex-alunos estejam vigilantes! A razão? Onde, neste país, numa escola pública, poderá ser encontrada a riqueza decorativa, a beleza plástica, o tesouro em telas a óleo e afrescos (alegóricos e políticos), que aquela Escola restaurada guarda, conserva, ostenta, oferece?

Ninguém escapa ao impacto da sua grandeza interior, nem ao sortilégio da sua beleza plástica, a criança, ou o desconhecido, que venham pela rua S. João, a meio do calor e da luminosidade do sol piracicabano. Todo aquele que ascendeu as escadarias daquela acrópole, ao adentrar, queda-se, perplexo, no Saguão. Mágica penumbra, alí, esconde formas e imagens, que à dilatação das pupilas, se apresentam, paulatinamente, ao espectador desavisado, insinuando-se em seu imaginário e despertando misteriosas interrogações remanescentes de um passado, onde, até as paredes falavam. - Qual o desvendamento do mistério?

---

<sup>25</sup> Decreto-Lei nº 14.575 de 01/03/1945.

— Faça-se a luz! Ilumine-se a mente interior, afastem-se as trevas da ignorância e da presunção! - Esta é a chave do código ao desavisado forasteiro que penetra o limiar, a ante-sala do **Ateneu Paulista** (Piracicaba).

Atmosfera inusitada avisa estar adentrando o Templo do Saber, sob um teto pesado de madeira, geometricamente, trabalhado, paredes profusamente, decoradas com elementos marmóreos, barrocos e neo-clássicos, tonalidade sombria, algo assustador. À direita e à esquerda, os painéis de Luigi Lacchini que, ali, pintou, como mestre italiano, alegorias para um Liceu. Figuras clássicas, greco-romanas, e estilizações perfeitas reforçam e homenageiam às Artes: Pintura, Escultura e Música (painel da direita), e ao saber em geral, as Ciências Físicas, Naturais e Humanas (painel da esquerda).

Os elementos decorativos dos corredores e das salas de aula compõem-se de coloridas barras festonadas ou geométricas, afixadas no alto das paredes. Do meio corpo para o rodapé, há pintura marmórea, distribuída em todo o conjunto. Quanto a este detalhe, convém lembrar que a restauração se acha inacabada. Apenas se colheu amostra, no corredor à direita do Salão de Música, mais nada. Por incompreensão dos responsáveis, na época, deu-se novo "banho de tinta", sob injustificadas razões, apesar dos nossos protestos. Ótimo seria que alunos e ex-alunos se unissem para esta última arrancada na recuperação do patrimônio artístico da Escola **Sud Mennucci**.

As obras de Lacchini se distribuem pelos *halls* de entrada, nas duas alas, nas escadarias, da direita e da esquerda, nestas, há belas alegorias ao trabalho didático. O Salão de Música, construído em anfiteatro, é inteiramente recoberto, a óleo, numa profusão de marmóreo, barras e especialidades que se completam com o teto geométrico, em madeira. Embora um tanto pesado, jamais resvala para a desarmonia com os outros espaços nem peca por exagero ou mau gosto. Tem tudo, na medida certa.

O ponto alto da obra de Lacchini se acha no Salão Nobre, inteiramente, recoberto, a óleo, em tonalidade cêpia com decorações adequadas a sua função. Sempre presente, em diversos recortes, o emblema da Escola Normal de Piracicaba. A importância deste Salão deve-se à série dos três painéis históricos, que, em sucessão linear e cronológica, representam os momentos-chaves do processo libertário das etnias brasileiras.

O primeiro, sintetiza na figura do grande estadista, Pe. Diogo Antônio Feijó, que dedicou a vida ao alargamento do direito de voto, à descentralização do poder e às garantias do Ato Adicional (1834), as questões políticas que, no contexto da época, se traduziam por ampliação das liberdades constitucionais da população mestiça e branca inferior, eufemisticamente, chamada de Terceiro Estado ou Povo. O segundo painel

lembra a libertação dos negros, através do passo decisivo da Lei dos Nasciturnos ou do Ventre Livre, obtida pelo Ministro Rio Branco (1871). O terceiro simboliza, através do Mal. Deodoro da Fonseca na clássica postura da Proclamação, a lei da Grande Naturalização, concedida pela República, recém instituída (1889), aos imigrantes, aqueles novíssimos brasileiros que, ainda, não possuíam cidadania.

A mensagem do Salão Nobre, decodificada pela História, se traduz na Luta do Povo Brasileiro pela sua Liberdade, durante o século XIX. Não pode haver conteúdo mais nobre nem mais brasileiro numa escola, onde as paredes ensinam o que deve ser mais caro na história das sociedades. Eis porque é única entre as chamadas escolas históricas da Primeira República, é jóia da Educação Brasileira, é Coração do **Ateneu Paulista!**

As obras de arte não se limitam aos painéis e afrescos de Luigi Lacchini. Há numerosas telas de inestimável valor, mobiliário, quadros de formatura e acervo fotográfico. Um detalhe: entre os anos de 1964 e 1965, todas as paredes da Escola (com as obras de arte) foram cobertas por um banho criminoso de tinta cor de rosa, com o consentimento dos responsáveis pelo patrimônio escolar paulista. Em 1985, levantou-se o clamor dos ex-alunos pela restauração da sua amada Escola e pelo tombamento do CONDEPHAAT. A causa não poderia deixar de ser vitoriosa. Quem se der ao prazer de visitar a Escola centenária, à rua São João, 1121, em Piracicaba, poderá conhecer a mais bela jóia do patrimônio artístico e cultural da Educação Paulista.

**FONTES PRIMÁRIAS****ATAS:**

*Atas da Sociedade Propagadora da Instrução, ano de 1893 e 1897. Arquivo particular (Maria C. T. M. Torres, Piracicaba)*

*Ata da Instalação da Escola Complementar de Piracicaba, ano de 1897. Arquivo da Escola "Sud Mennucci" de Piracicaba.*

*Ata da Inauguração da nova sede da Escola Normal de Piracicaba, ano de 1927. Arquivo da Escola "Sud Mennucci" de Piracicaba.*

**CORRESPONDÊNCIA:**

*Correspondência da Câmara Municipal de Piracicaba, ano de 1897. Arquivo da Câmara Municipal de Piracicaba.*

**LISTAGEM DE ALUNOS:**

*Primeira turma de formandos da Escola Complementar de Piracicaba. Arquivo da Escola "Sud Mennucci" de Piracicaba.*

**RELATÓRIO:**

*Relatório do Presidente da Câmara Municipal de Piracicaba para o período 1883-1886. Arquivo da Câmara Municipal de Piracicaba.*

**PERIÓDICOS:**

*Almanaque*

*Almanak de Piracicaba para o ano de 1900*

**JORNAL**

*A Gazeta de Piracicaba. Edições de 25/03/1897; 11/02/1897, 15/02/1897; 05/07/1913; 07/07/1913*

**REVISTA**

*Centenário do Ensino Normal em São Paulo 1846 - 1946. Poliantéia Comemorativa. D.E.I de São Paulo, 1948*

**FONTES SECUNDÁRIAS**

Capri, Roberto. *Libro D'Oro dello Stato di S. Paolo*. 2ª Edizione riveduta e ampliata. J. de Salerno & Cia. Roma, s/ data.

Casalecchi, José Enio. *O Partido Republicano Paulista (1889 - 1926)*. São Paulo, Brasiliense, 1987.

Guerrini, Leandro. *História de Piracicaba em Quadrinhos*, 2 V. Piracicaba, Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, 1970.

Nadai, Elza. *Ideologia do Progresso e do Ensino Superior em São Paulo (1891 - 1934)*. Tese doutorado. São Paulo, USP, 1981.

Perecin, Marly Therezinha Germano. *A Síntese Urbana. Piracicaba*, Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, 1989.

Prado, Maria Lígia Coelho. *A Democracia Ilustrada (O Partido democrático de São Paulo, 1926 - 1934)*. São Paulo, Atica, 1986.

Sevcenko, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole. São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

## RECREIO DO CORUMBATAÍ NO PICADÃO DE LUÍS PEDROSO DE BARROS

*Obs.: Este texto, colocado à disposição dos leitores por insistência do Sr. Haldumont Nobre Ferraz, honrado Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, aparece fora de contexto, pois faz parte de uma pesquisa mais ampla, a ser publicada no momento oportuno.*

*frei Sermo Dorizotto.*

### 1- Piracicaba e a Estrada para Cuiabá

As estradas sempre representaram, desde a antiguidade, desenvolvimento e conquista estratégica. Por elas há rápida comunicação, agiliza-se a exportação e importação de gêneros diversos. Ao longo de seu percurso originam-se aglomerados humanos e por elas movimentam-se o exército. A expansão do Império Romano se deve às célebres legiões de soldados. Nunca estavam paradas. Se não combatiam, construíam estradas. O Reino de Portugal teve seu desenvolvimento ligado à descoberta das grandes rotas marítimas, como o caminho das Índias e o do Brasil. Infelizmente os nossos descobridores sempre se sentiram muito à vontade no mar, pouco no chão firme, e bloquearam nosso desenvolvimento e expansão terrestres.

Mário Neme introduz sua última obra *Apossamento do Solo e Evolução da Propriedade Rural na Zona de Piracicaba*, descrevendo sinteticamente as duas extensas vias de penetração no século XVII, da então Vila de São Paulo, heranças indígenas, em direção ao Norte, utilizada pelo Anhanguera em 1722 na procura de ouro em Goiás, e Noroeste, Picadão de Luís Pedroso de Barros, caminho por terra até as minas de ouro de Cuiabá. Sobre esta via, rumo Noroeste, já se encontram alusões em 1606 e referência expressa num papel oficial ou seja na avaliação do inventário de Bernardo Bicudo de 14 de agosto de 1650: [...] "*Mais se botou neste inventário meia legua de terras de mattos naninhos em Capibari (Capivani!) na estrada velha do sertão que vae para o sertão dos Bilreiros*"<sup>1</sup>. A estrada velha do sertão dos Bilreiros, ou seja, dos índios caiapós, senhores absolutos de todo o interior da capitania de São Paulo<sup>2</sup>.

<sup>1</sup>Inventários e Testamentos, São Paulo: ARQUIVO DO ESTADO, 1921, v. 15, p. 176-177 e 181.

<sup>2</sup> NEME, Mário. *Apossamento do Solo e Evolução da Propriedade Rural na Zona de Piracicaba*. São Paulo: Fundo de Pesquisas do Museu Paulista da USP, 1974. p. 7.



Aos 21 de novembro de 1721, o governador da Capitania de São Paulo Rodrigo Cezar de Menezes lançou o seguinte bando, edital: *“Por ser convte. Ao real serviço de S. Magde. Q’ Ds. ge. e aos moradores desta capp.nia, abrirse o caminho p.lo certão p.a as novas minas do Cuyabá, p.a ficar mais facil a todos o hirem, e virem com cavalos, e cargas com mais comodidade de q.´ até agora experimentão pellos rios por onde se navega assim a resp.to da dilação como do risco, seccos e correntezas do d.o Rio, e tendo consideração a todas estas rezões pello grande dezejo, q´ tenho de procurar adiantar todas as utilidades dos moradores desta capp.nia, q´ ella seja a melhor, e mais abastecida, tenho procurado, q´ algúas pessoas della abrão o caminho em direitura pello certão, de sorte q´ fique a todos mais facil a sua condução, e por q´ nesta capp.nia há pessoas abastadas de escravos, e com préstimo, e intelligência, p.a emprenderem, e conseguirem o fim desta delligencia logo: Ordeno e mando q´ toda a pessoa q´ quizer abrir o d.o cam.o, pode vir fallarme, ou apresentarme petição em q´ declare o quer abrir, e as conveniencias que se lhe hão de fazer, respeitando o trabalho, e despeza q´ há de de fazer o ajuste com aquella pessoa, q´ se entender o fará logo, e pedir os premios, e honras, q´ forem iguaes ao serviço q´ hade fazer, e toda a pessoa q´ quizer fazer este serviço a S. Mg.de apresentará a sua petição na Secretr.a deste Governo até 24 do mez q´ vem, p.a eu tomar sobre este particular o expediente q´ for mais conveniente ao real serviço e p.a q´ chegue a notícia de todos mandey lançar este bando, q´ se publicará na praça desta cid.e, e ruas p.aes della, e depois de reg.do na Secretr.a deste Governo se fixará no corpo da guarda. Dado nesta cid.e de São Paulo aos 23 de Novr.o de 1721. – O Secret.o do Govr.o Gervasio Leyte Rebello a fes. – Rodrigo Cezar de Menezes. – Também se mandou lançar na Villa de Santos, e nas de Outú e Sorocava”*<sup>3</sup>.

Como nenhum concorrente tivesse conseguido construir a estrada para as Minas de Ouro de Cuiabá, o sertanista Luís Pedroso de Barros se ofereceu, com um grupo de implicados na tentativa de homicídio do Desembargador Sindicante Antonio da Cunha Souto Maior, pela qual seus nomes foram lançados no rol dos culpados, por provisão régia de 17 de novembro de 1713, para a abertura da estrada para Cuiabá, para obterem perdão do crime <sup>4</sup>. O governador aceitou a oferta depois de consultar o vice-rei.

Luís Pedroso era filho de Lourenço Castanho Taques e D. Maria de Araújo. Casou-se com D. Agostinha Rodrigues, mas faleceu em 1730 sem deixar descendência <sup>5</sup>.

<sup>3</sup> ARQUIVO DO ESTADO. CO 0406, Livro de Provisões 125, p. 6 - 6v; e Documentos Interessantes v. 12, p. 14 -15.

<sup>4</sup> DOCUMENTOS INTERESSANTES. v. 49, p. 114-117.

<sup>5</sup> AZEVEDO MARQUES, Manuel E. de. *Apontamentos da Provincia de São Paulo*. São Paulo: L. Martins, v. 2, p. 86-87.

Adolpho Augusto Pinto em sua obra *História da Viação Pública de S. Paulo*, publicada em 1903, incorre em grave erro <sup>6</sup>. Para o autor Luís Pedroso de Barros construiu a estrada de São Paulo a Goiás. Todos os documentos conservados falam da estrada para as Minas de Ouro de Cuiabá. Goiás não era de início o objetivo principal, seria atingido por uma derivação construída pelos ituanos no sertão, já antes de 1730, durante o governo de Caldeira Pimentel.

Conforme afirmação de Jorge Balestrini Filho, Luís Pedroso partiu para a empreitada aos 2 de agosto de 1723 e voltou em abril de 1724. Em julho de 1724, tendo o governador exigido melhorias no caminho retornou ao trabalho entregando-o pronto em 1725 ou 1726. Esse cronograma não é completo, como se prova adiante <sup>7</sup>.

Por ter terminado rapidamente na segunda vez sua empreitada surgem divergências entre os historiadores. Dr. Gentil de Assis Moura julgou por isso que Luís Pedroso teria utilizado boa parte da estrada aberta por Bartolomeu Paes, na margem esquerda do rio Tietê, mas é contestado por Mário Neme <sup>8</sup>.

A opinião unânime dos historiadores piracicabanos insiste sobre a saída de Luís Pedroso de Itu e chegada em Piracicaba pela estrada aberta, ou melhor, pela trilha indígena restaurada por Felipe Cardoso. E daí? Justamente neste ponto surgem as primeiras dificuldades, ou seja, no trajeto entre Piracicaba e os Campos de Araraquara. Jorge Balestrini Filho defende o caminho pelo Morro de Araraquara (Serra de São Pedro e do Itaquiri). Sem dúvida, Luís Pedroso na sua primeira tentativa, cursou esse rumo, conforme sua carta de 2 de maio de 1724:

*"Exmo Sr.*

*A dous de agosto party da Villa de Itu seguindo o Caminho do rio Capivary, e dahy ao rio Pirassicava, e deste ao morro de Araraquara donde principião os Campos do d. ° Araraquara.*

*O mato que se entermete da Villa de Ithu á Araraquara serão sete ou oito dias. Atravessey os d. °s Campos athé as Cabesseiras de Jacarepipira p. ° seram des dias. Desta paragem continuey a marcha rompendo pella ponta de mato de Jacarepipira na demanda e delegencia de ver se podia descubrir mais campos; e a sy caminnhey sempre por serrados cortando algúas pontas de matos virgens, porem tudo o mais catandivas aq. ° chamão Serrados athé dentro do rio grande.*

<sup>6</sup> PINTO, Adolpho Augusto. *História da Viação Pública de São Paulo*. São Paulo: Typographia e Papelaria Vanorden & Cia, 1903, p.14.

<sup>7</sup> BALESTRINI FILHO, Jorge. O Caminho de Luís Pedroso de Barros. *Revista do I H G SP*, São Paulo, 1969, v. 66., p. 93-97.

<sup>8</sup> MOURA, Gentil de Assis. O primeiro caminho para as minas de Cuyabá. *Revista do I.H.G.S.P.v*. 13, 1911, p. 182 e NEME, Mário. A primitiva estrada para Cuiabá. *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, São Paulo, 1940, v. 69, p. 205-206 .

*A mayor parte dos Serrados, e as restingas dos matos virgens com pastos p.<sup>a</sup> as bestas. Em quanto ser capazes p.<sup>a</sup> introduzir por elles gados p.<sup>a</sup> o rio grande, tem a dificuldade dos Serrados. Tambem p.<sup>a</sup> se poder abrir prontam.te dificulta o mesmo mato, ou Serrados porq.<sup>a</sup> todo se ade abrir com instrum.tos de Fousses, e machados, e necessita de força de gente, e de sustento; tempo e rossas, aque fis com as muitas aguas não ouve tempo p.<sup>a</sup> poder queimar, e a sy produzio pouco. Quando V. Exa. seja Servido q' se abra o Caminho por onde eu fiz a picada estou a obediencia de V. Exa. Concedendome os oito Companheiros, q.<sup>a</sup> V. Exa. nomeey. p.<sup>a</sup> tudo me tem V. Exa. á seos pes. A pessoa de V. Exa. guarde Deos Largos annos.*

*Chacra 2 de Maio de 1724*

*Aos pés de V. Exa.*

*Luiz Pedroso de Barros"<sup>9</sup>.*

A carta não convenceu o governador. De imediato, aos quatro de maio, D. Rodrigo César de Menezes pede explicações depois de ter ouvido pessoalmente o sertanista:

*"Pella resposta q.<sup>a</sup> V.M. dá ao q.<sup>a</sup> lhe perguntei, vejo q.<sup>a</sup> na derrota q.<sup>a</sup> segue emcontrou dificuldades, q.<sup>a</sup> lhe embarçarão o q.<sup>a</sup> intentou, não sendo de menos supozição não haver capacidade, p.e se introduzirem gados até o Rio grande por lhe servir de estorvo os serrados q.<sup>a</sup> V.M. dis há por aquellas p.tes Tambem hua das objeções, q.<sup>a</sup> a VM se offerece de poder abrirse o caminho com brevidade a funda no mesmo mato e serrados por ser preciso abrirse com os instrumentos de foces, e machados, dependendo tambem de força de gente e de sustento.*

*Porem p.lo q.<sup>a</sup> a V.M. ouço todos esses embaraços venserá quando outo companheiros de V.M. possão ser attendidos no seu requerim.to, neste particular não faltava q.<sup>a</sup> dizer a V.M. lembrandome do q.<sup>a</sup> lhe ouvi, antes de intentar a viagem; mas bastará q' VM. Me diga se por essa p.te por onde segura abrir caminho haverá comodidade q.<sup>a</sup> baste p.<sup>a</sup> o sustento dos gados, e cavalgadas, como também o tempo em q' poderá ficar capás de poder andarse, e como todas estas circunstancias, hé perciza saberemse, espero a resposta de V.M. p.<sup>a</sup> a vista della tomar a resolução, q'entender hé mais conveniente ao serviço de El Rey meu S.r, e bem comum. Não posso deixar de lembrar V.M. o q.<sup>a</sup> me tem devido nos seus particulares, attendendo ao serviço q' V.M. se offereceu fazer, pois p.<sup>a</sup> facilitar mais o caminho digo mais o perdão de seu crime, devia e deve não afastarse de adiantar, e concluir a dita delligencia, p.<sup>a</sup> q' melhor assente, não só perdão q.<sup>a</sup> pertende, mas as m.ces e honras, q.<sup>a</sup> El Rey meu S.r costuma despençar com os q.<sup>a</sup> como leaes vassalos o sabem*

*servir. D.s g.de a V.M. m.s annos. São Paulo 4 de Mayo de 1724. – Rodrigo Cezar de Menezes*<sup>10</sup>.

O Governador escreve novamente a Luís Pedroso no dia cinco de maio. Pairavam sérias dúvidas sobre a viabilidade do caminho traçado. Eram interrogações lançadas pelo próprio irmão e companheiro de jornada de Luís Pedroso, o capitão Lourenço Castanho. Eis um trecho da missiva do governador: *“Héme perciza q’ V.M.ce me diga por escrito o mesmo q’ hontem me dice por palavra, porque como ouvi, que o Capp.m Lourenço Castanho disera a varias pessoas, q’ pella picada V.M. fes, aberto por ella o Caminho podião hir alguns lotes de gado ainda q’ piquenos, e como acompanhou a V.M. o diria com algum fundam.to, e assim esta circunstancia como a dequerer conste por papel, o q’ V.M. dis, me obriga a ordenarihe o faça e hé se tem, ou não o d.o caminho algua capacidade p.<sup>a</sup> poder hir gado, ainda q’ sejam piquenos os lotes, e para eles poderá haver pastos, e quando totalmente V.M. entenda não há hua, e outra couza, me dirá quando eu haja de entender ser assim conveniente, se esta prompto p.<sup>a</sup> poder o hir acabar com os companheiros, q’ pede aprefeitoandoo de sorte, q’ possam como dice hir gente e cavalgadas”*<sup>11</sup>.

Pela documentação existente é possível concluir que Luís Pedroso na primeira tentativa já tenha alcançado os campos de Araraquara e o rio Grande (Paraná) mas o caminho, pelo trajeto escolhido, a serra, não era viável.

Affonso de Taunay observa: *“Luís Pedroso de Barros se oferecera a realizar tal obra. Estivera nove meses no sertão e voltara mal satisfeito com os resultados”*<sup>12</sup>.

O capitão-general Rodrigo César o fez tornar ao trabalho, para que conseguisse possibilitar o trânsito de tropas, soldados, armas, munição e gente. Pelas matas do Morro de Araraquara, além da falta de pastos para os animais, seria muito difícil o trânsito pelas íngremes encostas da serra. Escreve o governador: *“Pella abertura do novo caminho q’ fez o Sarg.to mor Luís Pedrozo pertendo fazer com q’ se introduza gado, e cavalgadas por elle nas ditas minas, e para se facillitar mais a passagem e vencer hua grande parte da distância, me foi percizo elleger hum cabo dos milhores Certanistas, p.<sup>a</sup> q’ com hum Corpo de gente vá assistir naquella paragem, q’ for mais conveniente, e possa não só embarçar as hostilidades que o gentio Cayapó costuma fazer, por ser o mais bárbaro, mas destruhillo, p.<sup>a</sup> q’ sem impedimento possam os viandantes cursar o caminho, com a introdução de gado, e socorro de gente, q’ se faz mui necessario”*<sup>13</sup>.

<sup>10</sup> DOCUMENTOS INTERESSANTES. v. 20, p.111.

<sup>11</sup> DOCUMENTOS INTERESSANTES. v. 20, p. 112.

<sup>12</sup> TAUNAY, Affonso de E. *História das Bandeiras Paulistas*. São Paulo: Melhoramentos, 1951. tomo 2, p. 32.

<sup>13</sup> DOCUMENTOS INTERESSANTES. v. 20, p. 211.

Luís Pedroso voltou ao trabalho, depois de um período de dois meses de descanso, buscando uma alternativa para a região serrana, a parte difícil, impossível de trafegar ou seja de Piracicaba até os campos de Araraquara. Nesta última tentativa caminhou mais para o norte, orientado pelo rio Corumbataí, subindo o espigão da margem direita, para não haver necessidade de construção de pontes. O Picadão buscou o Porto de Recreio, caminhando entre as cabeceiras dos ribeirões Limoeiro e Caiapiá, conservando o caminho mais seco e transitável na época das chuvas. No Porto Recreio atravessou o Corumbataí, subindo pela margem esquerda e depois de cruzá-lo novamente, margeou seu afluente Passa-Cinco e bandeou para os lados de Itaqueri, atravessando os hoje municípios de Ipeúna e Itirapina, contornando a parte mais íngreme da Serra de São Pedro e do Itaqueri, buscando Brotas e os então já conhecidos saltos de Avanhandava e Itapura. Estavam resolvidos assim os dois maiores empecilhos, o cume da serra e a falta de capim para os animais das tropas, existente naturalmente junto aos rios e ribeirões, pois no Morro de Araraquara (Serra de São Pedro e do Itaqueri) existiam os “serrados” e não os pastos. O sucesso da empreitada de Luís Pedroso era agora previsível, tendo o próprio governador se convencido da necessidade de cooperar. Aos 17 de junho de 1724 escreve ao Alferes José A. Torres, tesoureiro dos novos direitos da capitania, ordenando entregar ao Alferes Manuel Antunes [...] *“setenta e hum mil, e quinhentos e vinte r.s, que se despenderão com doze Índios da Aldea de Baruary q’ forão com Luiz Pedrozo de Barros a abrir o caminho p<sup>a</sup> as minas do Cuyaba”*. Os índios saberiam com facilidade seguir a antiga trilha indígena e evitariam um possível ataque de surpresa dos caiapós <sup>14</sup>.

Escreve o governador aos 20 de novembro de 1724: *“O caminho foi logo a elle Luis Pedrozo e gastando nove mezes se recolheu a povoado, e encontrando bastantes difficuldades p.<sup>a</sup> a abertura delle, sendo hua, e a mayor a falta de Campos, p.<sup>a</sup> pasto de gados, e cavalgadas. Tornei a mandalo dentro de dous meses com força de Companheiros poderozos, não havendo athequi notlcia algúa,” [...] <sup>15</sup>*.

Luís Pedroso mudou portanto o rumo do trajeto inicial do caminho conforme aparece confirmado pela carta-relatório do governador ao Rei de Portugal, quando o trabalho estava para ser concluído, em dezembro de 1724: [...] *“e porque depois se ofereceu Luiz Pedroso de Barros para o abrir pela parte mais conveniente, pedindo por prêmio se lhe perdoasse o crime que lhe resultou de uma assuada que se fez ao Sindicante Antônio da Cunha Souto-maior, o que conseguiu da Relação do Estado,*

<sup>14</sup> DOCUMENTOS INTERESSANTES. v. 13, p. 21.

<sup>15</sup> DOCUMENTOS INTERESSANTES. v. 20, p. 132-133.

*comutando-se-lhe a sentença que tinha tido à pena pecuniária, e procurando logo a ir abrir o dito caminho, foi sem demora, e depois de andar nove meses na deligência se recolheu a esta Cidade, dando conta do que havia feito, e porque não tinha comodidade para irem gados se resolveu a tornar, escolhendo diferente rumo em que se pudesse achar melhores passagens para cavalgadas e gados, e assim por ele espero cada dia se recolha com o caminho feito por ter capacidade e préstimo para isso e força dos parentes e amigos que o acompanham”<sup>16</sup>.*

D. Rodrigo César de Menezes, governador-geral da Capitania concede a Luís Pedroso de Barros aos 23 de março de 1725 *“a merce do habito das tres hordens com tença de cincoenta mil reis cada anno pagos das Minas de Cuyabá”*, por haver concluído o caminho às minas. O caminho estava terminado e seu trajeto aceito pelo governador<sup>17</sup>. Ele e seus oito companheiros recebem o perdão pela assuada contra o desembargador sindicante.

Luís Pedroso, apesar de perdoado e condecorado, volta pela terceira vez ao sertão, o que consta da carta do governador de 22 de abril de 1725: *“O Sarg.to Mor Luis Pedrozo de Barros, q.´ se achava encarregado da abertura do caminho sahiu com a picada, e agora torna apreifeçoala de sorte q.´ fique capas de entrar gado, e cavalgadas”*<sup>18</sup>. Esse texto é importante para a compreensão, o aperfeiçoamento da estrada só se dá agora, depois da segunda e bem sucedida missão de abertura da mesma, não depois da primeira tentativa.

Aos 27 de setembro de 1725 o rei confirma a concessão da sobredita mercê a Luís Pedroso<sup>19</sup>.

A documentação, preservada neste período da história em relação ao caminho de Cuiabá, ajuda o pesquisador a reanalisar um ponto. Aos 10 de outubro de 1725 Rodrigo César de Menezes escreve: *[...] “concorrendo juntamente p.ª ella a abertura do caminho por honde hão de hyr gados e cavalgadas, o que está em termos de brevemente se lhe pôr capas, [...] “Também fiz q.´ na melhor paragem se puzesse caza de registo p.ª os escravos e cargas q.´ entrarem pagarem o q.´ se lhes impoz sem q.´ haja descaminho algum q.´ prejudique a Real Fazenda de V. Mag.e”*. Esse deve ter sido o posto fiscal de Piracicaba que os camaristas de São Paulo queriam abolir tendo sido severamente repreendidos. Se já existia fiscalização organizada era porque a estrada estava aberta, para ser mais preciso, estava em uso e sendo melhorada, trabalho que vai até dezembro desse ano<sup>20</sup>. Isso é de fácil constatação. Em abril de 1725 Luís

<sup>16</sup> DOCUMENTOS INTERESSANTES. v. 32, p. 82.

<sup>17</sup> DOCUMENTOS INTERESSANTES. v. 20, p. 156 e v. 32, p. 118.

<sup>18</sup> DOCUMENTOS INTERESSANTES. v. 20, p. 161.

<sup>19</sup> DOCUMENTOS INTERESSANTES. v. 18, p. 176.

<sup>20</sup> DOCUMENTOS INTERESSANTES. v. 32, p. 130.

Pedroso em pessoa pede a ampliação de uma de suas sesmarias, mais *“três léguas de comprido e uma légua de largo”* junto a uma sesmaria já recebida. Com despacho de 22 de novembro de 1725, seu irmão Maximiano Góes de Siqueira pede, como procurador de Luís Pedroso de Barros, prorrogação de prazo para demarcar duas sesmarias, pois *“Luís Pedroso se achava na ocupação, [...] na Abertura do caminho das novas Minas do Cuiabá”*. No despacho final pode-se ler que tal pedido era contra a lei, mas o favor foi concedido aos dois irmãos, portanto, a justificativa que Luís Pedroso se achava no sertão, foi aceita <sup>21</sup>.

Aos 18 de janeiro de 1726 em carta D. Rodrigo manifesta intenção de utilizar o caminho: *“Pella abertura do novo caminho q. fez o Sarg.to mor Luiz Pedroso pertendo fazer com q. se introduza gado e cavalgaduras por elle nas ditas minas”* [...]. Quem de fato comboiou gados e cavalgaduras para as minas foi o sobrinho de Luís Pedroso: [...] *“sendo a primeira pessoa q. se anima a levalo o Mestre de Campo Manoel Dias, [...] um dos melhores sertanistas”* <sup>22</sup>.

Aos 8 de maio de 1726 o governador comunica ao Rei que o Sargento-Mor Luís Pedroso renuncia, por não ter filhos, a mercê do Hábito de Cristo em favor de seu sobrinho, o Mestre de Campo Manuel Dias Barbosa <sup>23</sup>.

Aos 10 de julho de 1726 D. Rodrigo César de Menezes, capitão-general da Capitania de São Paulo, escreve a seu preposto Sebastião Ferraz do Rêgo, localizado em Cuiabá, proibindo terminantemente a passagem pelo Picadão de Luís Pedroso às minas de Cuiabá, dando como desculpa o possível contrabando de ouro. Segundo consta, nesta mesma data envia ao sertão de Goiás o Capitão Bartolomeu Bueno da Silva com ordens *“para abrir o caminho daquelas minas para as do Cuiabá”*.

Segundo Mário Neme o objetivo era comercial e político, ou seja, garantir para a Capitania, entenda-se povoações e porto de Santos, todo o comércio com as duas zonas de mineração, as minas de ouro de Goiás e Cuiabá, através duma única estrada, o Caminho dos Batatais <sup>24</sup>. De Piracicaba, ainda em mera germinação, roubaram uma excelente oportunidade de tornar-se interposto. Luiz D'Alincourt, um século depois, irá observar em sua viagem, referindo-se a Santos: *“É esta Vila o interposto de todos os objetos de exportação, e importação da Província de Goyaz, e Mato-Grosso; ou conduzidos por terra, ou pelos rios”* <sup>25</sup>. A proibição do

<sup>21</sup> ARQUIVO DO ESTADO. Requerimentos de Sesmarias.CO 323, 8.1. 68 e 80.1.71.

<sup>22</sup> DOCUMENTOS INTERESSANTES. v. 32, p. 158.

<sup>23</sup> Idem, Ibidem, p. 158.

<sup>24</sup> NEME, Mário. *Aposseamento do Solo e Evolução da Propriedade Rural na Zona de Piracicaba*.1974, p. 23.

<sup>25</sup> D'ALINCOURT, Luiz. *Memória sobre a Viagem do Porto de Santos à cidade de Cuiabá*. São Paulo: Livraria Martins, 1976. p. 29.

governo surtiu efeito, favorecendo o monopólio dos comerciantes portugueses das docas santistas. Piracicaba só nasceu por estar rodeada numa natureza privilegiada, o rio com seu salto, terras produtivas, ótima posição geográfica e desbravadores destemidos!

O governo da metrópole tinha por princípio o favorecimento do litoral, pois julgava ser mais fácil a defesa do território por mar. Dispunha de hábeis marujos, com extraordinária experiência do comércio marítimo. Essa mentalidade perdurou no Brasil favorecendo as cidades e capitais, construídas à beira-mar, e a centralização do comércio e poder, prejudicando o interior e o sertão. Já observara astutamente o historiador Frei Vicente de Salvador escrevendo que nosso país só se desenvolveria quando deixasse de ser caranguejo. Esse crustáceo pode sair do mar por alguns instantes, mas para ele retorna apressado, ao menor perigo. Se analisarmos as rodovias do estado de São Paulo, por exemplo, constatamos como todas conduzem à capital, centro comercial e financeiro, e ao mar. Não é mero acaso. É uma prova concreta da mentalidade transmitida por nossos antepassados lusitanos.

Os portugueses chegaram ao cúmulo de destruir obras preciosas e documentos indicativos das riquezas de sua colônia sulamericana, para mantê-la distante dos olhares interesseiros de outras nações. Até o momento, por exemplo, nenhum mapa da estrada de Luís Pedroso foi encontrado. Após a proibição do uso desse caminho deve ter seguido uma destruição de papéis cartográficos, se existiram. Por outro lado também se sabe, os conhecimentos cartográficos e geográficos eram nessa fase, principalmente com respeito aos registros dos caminhos para as minas de ouro e pedras preciosas, transmitidos em segredo de sertanista para sertanista, pois envolviam lucros econômicos muito altos <sup>26</sup>.

Nova proibição do uso de mais de um caminho, portanto o de Luís Pedroso, para as minas de Goiás e Cuiabá, aparece na Carta régia de 10 de janeiro de 1730, para se evitar o contrabando do ouro. Não haveria necessidade de proibição se a estrada não estivesse sendo usada! Aos 25 de abril de 1730 o governador de S. Paulo escreve ao rei denunciando os ituanos por terem aberto um caminho por terra para Goiás e outro pelos rios. Na realidade os ituanos nunca desistiram do seu caminho e agora já tinham conseguido um desvio para Goiás, como atesta Bartolomeu Paes de Abreu em seu requerimento de 20 de julho de 1728: [...] *“derrota mais conveniente para o caminho das minas do Cuiabá, hé a mesma dos Guaiás devidindo-se em certa altura a entrada para os Guaiás, fazendo derrota mais direita a buscar o Cuiabá, e os Guaiás, a mão direita. Todas*

---

<sup>26</sup> COSTA, Antônio Gilberto (Org.) *Cartografia da Conquista do Território das Minas*. Belo Horizonte: U F M G Editora, 2004. p. 50.



as pessoas antigas, e peritas nas campanhas destes sertões assentam ser assim o melhor," [...] <sup>27</sup>. O mesmo certanista retoma a proposta de (re)abrir o caminho e a reapresenta ao governo aos 8 de abril de 1734. Ele queria a oficialização da estrada e com isso o direito de cobrar pedágio sobre as pessoas, escravos, animais de carga, gado e auferir uma bela porcentagem do ouro trazido das minas <sup>28</sup>.

O novo caminho dos ituanos pelos rios, referido acima pelo governador, consistia em despachar por terra as bestas carregadas e descer, muitas vezes com as próprias famílias pelo Tietê, saltando para a margem direita do rio antes de Avanhandava ou Itapura, evitando assim os perigosos saltos, em especial o redemoinho de Itapura, onde centenas de pessoas perderam a vida, e continuando a viagem por terra até a barranca do rio Paraná, no Picadão de Luis Pedroso, ou subindo pelo sertão a Goiás. A utilidade da rota descoberta pelos ituanos vai se tornar patente no período anterior e durante a guerra do Paraguai, quando o governo criou as colônias militares de Avanhandava e Itapura. Piracicaba, localizada na intermediação desse caminho, se beneficiou dele, tendo obtido seu comércio naqueles anos um grande incentivo.

Nos anos de 1736 e 1737 os camaristas de São Paulo se manifestam, em representações ao rei Dom João V, a favor de uma via mais breve de comunicação por terra com Cuiabá, apoiando as propostas de Bartolomeu Paes de Abreu e de Manuel Dias. A carta da Câmara de São Paulo de 14 de julho de 1736, por exemplo, é de extraordinária veemência: [...] "*porque os Governadores põem olhos nos seus interesses, perecendo o bem público*" [...] <sup>29</sup>. É evidente, após a devida concessão, haveria apenas melhorias no Picadão de Luís Pedroso, de quem Manuel Dias, além de sobrinho, havia sido o braço direito e herdara no mínimo o rascunho dos mapas, assim como as mercês e honrarias pela construção da estrada. Nessa proposta a estrada viria de Mogi, Estrada de Goiás, atingiria o Picadão em Ipeúna, depois de atravessar Rio Claro. Infelizmente o requerimento dos sertanistas não obteve resposta.

## 2- O Povoador de Piracicaba e a Estrada para Cuiabá

Em 1770 o Povoador de Piracicaba, Antônio Correia Barbosa, convence o Governador D. Luís Antônio de Souza Botelho Mourão, o

<sup>27</sup> DOCUMENTOS INTERESSANTES. v. 24, p. 58.

<sup>28</sup> DOCUMENTOS INTERESSANTES. v. 24, p. 181-183.

<sup>29</sup> Cf. *Revista do IHGB*. Documentos Históricos sobre a Capitania de São Paulo existentes no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1956, v. 3 (especial), p. 131 e TAUNAY, Afonso de E. *História das Bandeiras Paulistas*. São Paulo: Melhoramentos, 1951. p. 94, v2.

Morgado de Matheus, a oficializar o caminho de Cuiabá por Piracicaba e Campos de Araraquara, para alcançar Iguatemi (Ivaí). Escreve o Morgado de Matheus aos 20 de abril de 1770: [...] *“tenho resolvido mandar, fazer a d.<sup>a</sup> picada pela povoação de Pirassicaba, por onde entravão antigamente, os descobridores pela d.<sup>a</sup> paragem em direitura ao Rio Grande”* [...] <sup>30</sup>. Em duas cartas o governador manifesta a mesma intenção.

Antônio C. Barbosa participou ativamente dessa decisão pois no mesmo dia, 20 de abril, recebeu do Provedor da Capitania de São Paulo quatro cavalos arreados, armas, 14 facões, 14 camisas, 14 sortunas, 14 bombachas, 28 c. os de baeta, 14 chapéus, 1 @. de pólvora e 4 @.s de chumbo para a ampliação da estrada <sup>31</sup>.

O desenvolvimento do trabalho de Antônio Correia Barbosa para melhoria do Picadão pode ser acompanhado por uma série de documentos providos do próprio Morgado de Matheus: *“Muito me alegro com as boas notícias de ter acertado com a picada dos antigos para abrir por ella o caminho de q’ o tenho encarregado, para o Ivaí, e como esta obra hé de tanta utilidade para aquella Povoação, recomendo muito a Vmce. torne a continuar a deligencia, pois convem muito fique acabada este anno, antes de entrarem as aguas. E para que Vmce. possa reformar a gente inutil com outra mais sufficiente, recorrerá aos comandantes que agora vão apromptar a Expedição; para que o reforçem com recrutas necessarios. [...] faça o possível por estabelecer uma boa Povoação e conseguir a abertura do caminho do Ivaí. Ds gde. A Vmce. Ms. ans. São Paulo, 26 de julho de 1770”* <sup>32</sup>.

Antônio C. Barbosa não teve dificuldade para encontrar a estrada. A chamada *Rota Abreviada dos Ituanos, para Cuiabá e Goiás* era do conhecimento público e utilizada por índios, posseiros, caçadores, pescadores, contrabandistas e principalmente os homens de negócios de Itu.

Em carta ao capitão mór de Iguatemi o governador escreve: [...] *“o primeiro e o principal fim das exposições que se devem seguir hé por todo o estudo e toda a deligencia em abrir huma passagem pelo caminho mais facil emthé o Rio Paraguay e segurar a navegação delle athé o Cuyabá.*

*Para facilitar este projecto tenho mandado abrir o caminho de terra, desde Piracicaba athé essa Praça e aqui se acha Antonio Correa Barboza, Director daquella Povoação, a quem passo as ordens necessarias para continuar esta diligencia e lhe recommendo muito. 30 de outubro de 1770. Dom Luiz Antonio de Souza”* <sup>33</sup>.

<sup>30</sup> DOCUMENTOS INTERESSANTES. v. 6, p. 98 e v. 9, p. 82.

<sup>31</sup> DOCUMENTOS INTERESSANTES. v. 6, p. 99.

<sup>32</sup> DOCUMENTOS INTERESSANTES. v. 6, p. 104.

<sup>33</sup> DOCUMENTOS INTERESSANTES. v. 9, p. 82.

O Governador estava preocupado com a defesa do sul e a expansão da Capitania de São Paulo e isso julgava ser viável apenas com a construção e agora com a manutenção do forte Iguatemi. A estrada por terra para essa região facilitaria enormemente este objetivo.

O forte Iguatemi foi levantado entre 1765-1770, à margem do rio de mesmo nome, no sul do Mato Grosso, para conter as incursões dos castelhanos vindos principalmente do Paraguai. A ordem de construção proveio de D. Luís Antônio que armou o forte com 14 canhões e 300 homens. Os soldados e a população civil sofreram durante anos com doenças e uma imensidade de outras provações. O Sargento-mor Teotônio José Juzarte comandou por um tempo esta guarnição deixando escrito um Diário, relatando a vida na praça. Em 1774 o forte foi atacado pelos índios cavaleiros, os guaicurus. Em 27 de outubro de 1777 rendeu-se aos castelhanos, sendo completamente arrasado<sup>34</sup>.

Piracicaba teve sua fundação e primeira história ligada ao forte Iguatemi, enquanto fornecia mantimentos e canoas para as expedições que desciam para aquela praça pelo Piracicaba, pelo Tietê e pelo Picadão de Luís Pedroso. Toda produção inicial da nova povoação era canalizada para esta finalidade. A destruição do forte Iguatemi significou, em parte a estagnação de Piracicaba.

Em portaria ao Provedor da Fazenda Real escreve o governador: *"Porquanto tenho encarregado a Antonio Correa Barboza a abertura do caminho para a nova praça de Guatemy e tem mostrado nesta deligencia tanto adiantamente que se acha na dereitura da Caxoeira de Avanhanda, de onde facilmente por ser já campo, se poderá passar ao Rio Grande (Paraná). 20 de novembro de 1770. D. Luiz Antonio de Souza"*<sup>35</sup>. As facilidades encontradas na reabertura do caminho por Correia Barbosa, auxiliado por Luís Vaz de Toledo Piza<sup>36</sup>, mostram que o mesmo era usado, desde 1725, apesar da proibição reinante. Em menos de quatro meses o grupo já estava à altura do Salto de Avanhanda, sem dúvida, apenas reformando e ampliando o Picadão.

Antônio C. Barbosa estava realmente decidido a levar em frente a reabertura do Picadão para Cuiabá, e a mando do governador, contrai um empréstimo em Itu.

Dom Luis Antônio de Souza, governador de São Paulo havia escrito aos 26 de abril de 1770 a Francisco da Cruz: *"Tenho dado as ordens necessárias p.<sup>a</sup> a q."* Antônio Correia Barboza vá commandando a gente q.<sup>a</sup> se destina à abertura da picada p.<sup>a</sup> a povoação do Yvay, e me pede o

<sup>34</sup> RODRIGUES, J. Wash. *Tropas Paulistas de Otrora*. São Paulo, 1978, p. 15-20.

<sup>35</sup> DOCUMENTOS INTERESSANTES. v. 6, p. 139.

<sup>36</sup> Luís Vaz participou da inconfidência mineira, condenado ao degredo, morreu na África.

*d.º q.º lhe mande assistir com cem mil reis p.º satisfazer do producto de humas canoas q.º está mandando fazer na povoação de Pirassicaba*"<sup>37</sup>.

Existe aqui uma imprecisão em Leandro Guerrini: colocando Francisco da Cruz como capitão mor de Itu. A carta do governador o chama "mercador". Nos livros sobre a história da cidade de Itu não se encontra na lista dos Capitães-mores o nome de Francisco da Cruz<sup>38</sup>.

Francisco da Cruz arrumou o dinheiro, sendo o empréstimo notificado no mesmo dia ao capitão-mor de Porto Feliz André Dias de Almeida, pelo próprio governador. Esse empréstimo deve ter sido feito em conjunto por várias pessoas de Itu, pois na carta seguinte o governador fala em "credores", sendo o nome de Ignácio Borges da Silva sempre de novo repetido. Era o procurador do grupo ou talvez avalista juntamente com o Capitão André Dias<sup>39</sup>.

Aos 23 de janeiro de 1774 o governador aconselha o Capitão André Dias de Almeida, agora em Iguatemi, a preferir as canoas de Antonio Barbosa [...] "afim de serem pagos seus credores sem o menor prejuizo"<sup>40</sup>.

No dia 9 de junho de 1777 aparece nova correspondência do governador dizendo para sequestrar o dinheiro das canoas que serão vendidas por Antônio Barbosa a fim de serem pagos os credores<sup>41</sup>.

Durante todos esses anos o governador apenas uma vez escreve a Antônio Correia Barbosa falando da dívida e assim mesmo é para propor negociação: [...] "e a vista de tão racionavel propozição, parece vm.ce está obrigado a comprila," [...]"<sup>42</sup>.

Aos 10 de agosto de 1777 Martim Lopes Lobo de Saldanha, capitão general da capitania parece ter perdido a paciência e desabafa com André Dias: [...] "Eu estou muito mal com Antonio Correa Barboza, porque tendo-lhe escripto a respeito do que deve a Ignácio Borges da Sylva ainda me não respondeo, não pagou, nem seguroo a divida, [...] vm.ce lhe escreverá segurando lhe o meo emfado," [...].

O Capitão André Dias de Almeida receberá nova carta sobre o assunto aos 29 de agosto do mesmo ano, na qual o governador fala de escravos em Piracicaba: [...] "vm.ce o obrigue (Antônio Correia) a pagar, ou que para isto mande a esta cidade a Escravatura com que o seo credor se satisfaça"<sup>43</sup>.

<sup>37</sup> DOCUMENTOS INTERESSANTES. v. 6, p. 100.

<sup>38</sup> GUERRINI, Leandro. Obra citada. v. 1, p. 26; DOCUMENTOS INTERESSANTES. v. 6, p. 100; NARDY FILHO, Francisco. *A Cidade de Itu*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1995. v.3, p. 56-59 e ZINI, Ângelo. *Ytu, História de Itu*. Itu: Ottoni, 1995. p. 26-28.

<sup>39</sup> DOCUMENTOS INTERESSANTES. v. 6, p. 100.

<sup>40</sup> DOCUMENTOS INTERESSANTES. v. 7, p. 61.

<sup>41</sup> DOCUMENTOS INTERESSANTES. v. 79, p. 7-8.

<sup>42</sup> Documentos Interessantes. v.79 p. 25.

<sup>43</sup> GUERRINI, Leandro. obra citada. v. 1, p. 37.

Outra carta do governador Martim Lopes Lobo de Saldanha ao Capitão André Dias de Almeida, sobre a dívida de Antônio Correia Barbosa será enviada em 4 de maio de 1779. Finalmente a dívida foi saldada, após quase dez anos. Esse parece ser o sentido desta carta: *“Estimo, q. Vm.ce tenha adiantado o emboço de Inacio Borges, havendo o Cap. Ant.º Corroya Barboza os 51\$000 r.s, produto das cazas, e os 160\$r.s q. Vm.ce tem segurado, e confio de Vm.ce, se não descuidará de finalizar esta conta”*<sup>44</sup>.

Por que Antônio Correia Barbosa se negava a ressarcir o empréstimo? Ele havia sido levantado por ordem do governador, por quem foi traído, e com uma finalidade específica, impedida de ser executada pela contra-ordem de fevereiro de 1771, em que D. Luís Antônio determina que os trabalhos deviam ser executados por Sorocaba e Botucatu. Tudo porque em dezembro de 1770 o capitão-mór de Sorocaba José de Almeida Leme, prometia construir o caminho à sua custa. Com isso Piracicaba perdeu mais uma oportunidade de intermediar o comércio entre Santos, São Paulo e Itu de um lado e Mato Grosso e Goiás de outro <sup>45</sup>.

Se a Estrada de Iguatemi e Cuiabá tivesse sido oficializada, com certeza o Povoador teria tido recursos em abundância. O investimento foi sabotado pela segunda vez. Na abertura do caminho, pela Capitania de Santos, e agora pelo capitão-mor de Sorocaba!

Como mero consolo, ao pobre e choroso Povoador de Piracicaba Antônio Correia Barbosa restou, (mera ironia da sorte!), em troca da traição sofrida, ser promovido ao posto de Capitão por provisão de D. Luís Antônio de Souza Botelho Mourão, o Morgado de Matheus, aos 11 de dezembro de 1771.

### **3- O latifúndio do Dr. José Inácio Ribeiro Ferreira**

#### **A Sesmaria do Botão**

A população da Capitania de São Paulo foi durante dezenas de anos a base das colunas de sertanistas na ampliação das fronteiras do Brasil. O núcleo da Capitania estava, nos primórdios do século XVIII, quase desabitado pelas sucessivas expedições na tentativa de encontrar minas de ouro e de pedras preciosas. Os governadores, incentivados pelo reino de Portugal, ávido do lucro imediato, tudo faziam para explorar esse espírito aventureiro do povo da capitania. Assim os paulistas emigrados e migrantes se espalharam na caça ao índio, em missões de “pacificação” de grupos indígenas, nas descobertas de minas de ouro em Minas, Cuiabá e Goiás,

---

<sup>44</sup> DOCUMENTOS INTERESSANTES. v. 81, p. 108.

<sup>45</sup> DOCUMENTOS INTERESSANTES. v. 6, p. 145.

no comércio de gado nos campos de Curitiba, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Por consequência desaparece em São Paulo a produção de trigo, já não se exporta açúcar, o gado se extingue e até a fabricação de chapéus grossos está em decadência. Algumas poucas lavouras de arroz, milho, mandioca e feijão sustentavam o diminuto comércio.

Os governadores estavam mais interessados em residir perto das minas de ouro do que em São Paulo. Por paradoxal que pareça, a situação só vai mudar com o desmembramento e criação das capitânicas de Minas, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Mato Grosso e Goiás. Com a extinção da Capitania de São Paulo em 1748 os paulistas começaram a fugir dos quartéis e cuidar da formação de sítios e fazendas, abandonando a idéia miraculosa do lucro imediato pela descoberta de minas de ouro. Nesse exato momento, com a restauração da Capitania em 1765, surge um excelente governador Dom Luís Antônio de Souza Botelho Mourão, o Morgado de Matheus. Veio para São Paulo com algumas ordens específicas como a de fundar novas povoações. O Morgado de Matheus mostrou-se nos dez anos de seu governo um incentivador da agricultura com o emprego do arado, da adubação com esterco animal e com a criação das feiras livres para venda direta dos produtos para a população. Aconselha a substituição do braço escravo nas lavouras, tudo faz para evitar a derrubada e queima indiscriminada de matas. Buscou juntar o povo disperso fomentando a distribuição de pequenas glebas de terras para os agricultores em volta das vilas. Estabeleceu a fundição de ferro para fabricação de ferramentas e armas. Introduziu o censo anual dos moradores das propriedades rurais e os levantamentos cartográficos da Capitania. Fundou e apoiou a criação de novos aglomerados humanos como o de Piracicaba <sup>46</sup>.

As bases lançadas pelo Morgado de Matheus na Capitania trouxeram mudanças lentas mas frutuosas nas décadas seguintes, principalmente no incentivo à agricultura e na fixação dos trabalhadores rurais em propriedades estabelecidas, diminuindo o desmatamento desnecessário. A fundação da povoação de Piracicaba incrementou o interesse pelo sertão. Um grande número de migrantes ou aventureiros se dirigiu para a região pela fecundidade de suas terras, apossando-se das mesmas ou as pedindo em sesmarias <sup>47</sup>.

Os livros oficiais do governo contendo os textos originais das cartas de sesmarias encontram-se no Arquivo do Estado de São Paulo. São textos manuscritos com linguagem da época e de difícil leitura, necessitando em

---

<sup>46</sup> NEME, Mário. Um Governador Reformista no São Paulo Colonial. Anais do Museu Paulista. 1970. v 24, p. 9-53.

<sup>47</sup> MELLO, J. S. A Fundação de Piracicaba. In: Almanaque de Piracicaba, 1900. p. 111.

alguns casos de transcrição. Uma consulta menos aprofundada pode ser feita no *Repertório das Sesmarias*, publicação da Divisão de Arquivo do Estado, sob a supervisão da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo. Sobre as sesmarias de Piracicaba e municípios vizinhos não existe até o momento nenhum levantamento completo. Encontram-se dados sobre parte delas nos livros de Mário Neme, de Djalma Forjaz e de Maria Celestina T. M. Torres, material publicado a partir do levantamento de Leandro Guerrini.

Para sustentar o desbravamento do sertão, a partir de Piracicaba, foi entregue pelo governo um grande número de sesmarias. A mais antiga é a sesmaria requerida pelo Tenente Domingos Fernandes Lima <sup>48</sup>, e tem, junto com as seguintes, como pontos de referência o rio Piracicaba e o Morro de Araraquara (Serra de São Pedro e do Itaquiri). O documento do Governador foi confirmado pelo Conselho Ultramarino, por requerimento encaminhado por Domingos Fernandes à rainha D. Maria I no dia 12 de maio de 1782 <sup>49</sup>.

Essa é a primeira duma série de sesmarias. Ela foi demarcada no Picadão de Luís Pedroso, abrangendo conforme João Baptista de Campos Aguirra o Morro Pelado, hoje Itirapina <sup>50</sup>. Saía depois em direção ao atual Bairro do Córrego da Onça, município de Charqueada, abrangendo o Itaquiri Velho. As quatro primeiras sesmarias, a do Tenente Domingos Fernandes Lima (18.05.1780), a do Capitão Manoel Antônio de Araújo (19.05.1781), a do Tenente Manoel José Velho (15.07.1782) e a do cunhado do Tenente Manoel José Velho, Felisberto Castanho Lara Leme (18.07.1782) não foram demarcadas entre Piracicaba e a Serra de São Pedro, como era de se esperar pela documentação, mas fora do atual município de Piracicaba. Por quê esta distância tão grande de Piracicaba? Três são os motivos principais:

1- O grande número de posseiros existentes na área além Piracicaba, mais especificamente nos primeiros quilômetros do Rio Corumbataí, a partir de sua foz, e do Picadão, nas terras se não legalizadas, ao menos reconhecidas pelo poder público. O Povoador Antônio Correa Barbosa distribuíra muitos lotes e terras aos seus companheiros e demais pessoas interessadas em aí habitar, seguindo orientação do governador. O Morgado de Mateus em Carta Régia de 22 de julho de 1766, recebera autorização para distribuir as terras adjacentes às povoações que se criassem, o que leva aos posseiros da margem esquerda do rio Corumbataí, em seu requerimento de sesmaria a afirmar que lá estão

<sup>48</sup> ARQUIVO DO ESTADO. CO 0368, Livro 21, fls. 101v -102v.

<sup>49</sup> Documentos manuscritos avulsos da Capitania de São Paulo (1618-1823): Catálogo 2 – Mendes Gouveia. Bauru: EDUSC; São Paulo: FAPESP IMESP, 2002, p. 477. doc. 3018.

<sup>50</sup> AGUIRRA, João Baptista de Campos. Sesmeiros e Posseiros. *IHGSP*, n 34, 1938. p. 259-339.

"por ordem do Exmo. General daquele tempo"<sup>51</sup>. Pode-se concluir pelas informações passadas por Antônio Correa em seu requerimento de sesmaria e pela demarcação desta primeira carta de data de terra, tirada dos tais "campos despovoados" que parte das terras até Porto Recreio já tinham sido apossadas ou haviam sido distribuídas pelo Povoador. A expressão usada por Antônio C. Barbosa destoa dos outros requerimentos de sesmaria, pois enquanto todos falam em campos ou terras devolutos/as, o Povoador escreve sobre "campos despovoados"<sup>52</sup>. Isso evidencia seu conhecimento sobre a área, as terras e os campos povoados, até por sua própria iniciativa e indicação.

2- O interesse do requerente de se localizar em ambas os lados da serra, pois corria a fama da serra conter muito ouro. Nos livros de História, repetindo a expressão dos viajantes, se dizia que os Morros de Araraquara, que significa morro do poente ou moradia das araras, "exalavam muitos odores", confirmando a presença de metais preciosos. Teotônio José Juzarte em seu Diário de Navegação escreve sobre o "famoso morro de Araraquara-guaçu que dizem ter muitos haveres". E mais, o Picadão de Luís Pedroso continuava aberto e em uso. A rota dele seriam os rios Corumbataí e Passa Cinco. As quatro sesmarias foram locadas em relação a essa linha, dentro dos atuais municípios de Itirapina e Brotas.

3- O objetivo do próprio governador era de a região ser controlada por militares, por se presumir que grandes riquezas estavam a ser descobertas. Esses militares beneficiados com as sesmarias tinham informações precisas e tiraram proveito de uma estrada já existente com toda anuência do governador. Em 19 de junho de 1782 o governador ordena a melhoria da estrada, o que já tinha sido tentado no ano anterior, pagando a jornada dos trabalhadores e no dia seguinte, 20 de junho, escreve ao [...] "Cap.m Mor da Aldeya de Itapecerica, que sem perda de tempo aprompte os Indios Ant<sup>o</sup> Ferreira, Antonio Blanco, filho d' Escolastica Pinguenta, e Lourenço Antonio, filho do Cap.m Velho Francisco Teixe.<sup>a</sup>, e os faça entregar ao Cap.m Mor da Villa de Ytu, Vicente da Costa Taques Goés e Aranha"<sup>53</sup>. Os índios deveriam cooperar na manutenção do Picadão.

A sesmaria do Tenente Domingos Fernandes Lima é a primeira de uma série de cartas de sesmarias, onde sempre se exige que o sesmeiro seguinte demarque suas terras após o anterior, seguindo na verdade o Picadão de Luís Pedroso, melhorado por Antônio Correa Barbosa. Assim a segunda carta diz: "Hey por bem dar de Sesmaria, [...] ao dito Capitão

<sup>51</sup> ARQUIVO DO ESTADO. Requerimentos de Sesmarias. CO 0325, 82. 2. 38.

<sup>52</sup> ARQUIVO DO ESTADO. Requerimentos de Sesmarias. CO 0324, 81. 3.54.

<sup>53</sup> DOCUMENTOS INTERESSANTES. v. 85, p. 13.



Manoel Antônio de Araújo Legoa e meya de terras em quadra, [...] onde acabar a Sesmaria do Tenente Domingos Fernandez Lima”<sup>54</sup>. A terceira carta: “Hey por bem dar de Sesmaria, [...] ao dito Tenente Manoel José Velho três leguas de campos, que pede, adiante da Povoação de Piracicaba, depois de inteirado na sua Sesmaria o Capitão Manoel Antônio de Araújo”<sup>55</sup>. A seguinte, de Felisberto Castanho Lara Leme repete a mesma exigência: [...] “*principiando a medir onde acabar, [...] o que pede o Tenente Manoel José Velho*”<sup>56</sup>.

Além dessas sesmarias mais três foram concedidas na região constituindo depois, a maioria delas, a base do latifúndio do ex-secretário do Governador Martim Lopes Lobo de Saldanha, o Bacharel José Inácio Ribeiro Ferreira. Não se pode desprezar sua influência e seus interesses pessoais, acusado com razão de ter usado os militares como “testas-de ferro”. De fato ele não poderia pedir mais sesmaria em nome próprio, pois já havia obtido uma em 20 de fevereiro de 1782, em São Caetano, em frente da estrada de Santos<sup>57</sup>.

O ex-secretário, natural de Coimbra, ainda aos 7 de agosto de 1784 escreve à rainha D. Maria I solicitando licença para se [...] “*transportar para o Reino, com a família, visto que não haverá com isso prejuízo e a sua presença é necessária na Pátria, onde tem bens a administrar*”<sup>58</sup>. Inexplicavelmente não retomou a Portugal, vindo a falecer no Brasil, deixando à esposa D. Maria Gertrudes da Silva e Castro e herdeiros várias sesmarias.

No levantamento de terras de 1817-1818 D. Maria Gertrudes declara possuir no Bairro de Araraquara e Primeira Fazenda “*quinze legoas de Campos e Mattos*” onde tem fazenda de criar gado<sup>59</sup>. Aos 26 de janeiro de 1820 vende, por escritura assinada em Itu, seis sesmarias, uma situada em Itapetininga e cinco nos campos de Araraquara<sup>60</sup>. D. Maria Gertrudes

---

<sup>54</sup> ARQUIVO DO ESTADO. C O 0368, Livro 21, fls. 102v e 103. / Documentos manuscritos avulsos da Capitania de São Paulo (1618-1823): Catálogo 2 – Mendes Gouveia. Bauru: EDUSC; São Paulo: FAPESP/IMESP, 2002. doc. 3016, p. 477.

<sup>55</sup> ARQUIVO DO ESTADO. CO 0368, Livro 22, fls. 18v e 19. / Documentos manuscritos avulsos da Capitania de São Paulo (1618-1823): Catálogo 2 – Mendes Gouveia. Bauru: EDUSC; São Paulo: FAPESP/IMESP, 2002. doc. 3093, p. 487.

<sup>56</sup> ARQUIVO DO ESTADO. CO 0368, Livro 22, fls. 20 e 20v. / Documentos manuscritos avulsos da Capitania de São Paulo (1618-1823): Catálogo 2 – Mendes Gouveia. Bauru: EDUSC; São Paulo: FAPESP/IMESP, 2002. doc. 3091, p. 487.

<sup>57</sup> ARQUIVO DO ESTADO. CO 0368, Livro 21, fls. 116v e 117v.

<sup>58</sup> Documentos manuscritos avulsos da Capitania de São Paulo (1618 1823): Catálogo 2 – Mendes Gouveia.

Bauru: EDUSC; São Paulo: FAPESP/IMESP, 2002. doc. 3104, p. 489.

<sup>59</sup> ARQUIVO DO ESTADO. CO 9869, Tombamento dos Terrenos da Província de São Paulo, Flash de Porto Feliz, Freguesia de Piracicaba, Bairro de Araraquara e Primeira Fazenda, nº 256.

<sup>60</sup> ARQUIVO MUNICIPAL HISTÓRICO DE ITU. Casa da Cultura, Cartório de Itu, Livro 23, fls. 184 ss.

era natural de São Paulo, casou-se em segundas núpcias, após o falecimento do Bacharel José Inácio, com João Floriano da Silva. Seu testamento, redigido em Santana de Parnaíba é de 10 de outubro de 1820, aberto em 1828 <sup>61</sup>.

O comprador dessas terras foi o Capitão Agostinho Rodrigues de Almeida. Em 1846 o filho dele, Agostinho Rodrigues de Camargo vendeu a gleba para José Gomes do Nascimento Botão, vindo então a ser conhecido este latifúndio, como Sesmaria do Botão <sup>62</sup>.

A reabertura de concessões de cartas de sesmarias além Piracicaba não seguiram só a lógica da ampliação da agricultura, mas também a tentativa da descoberta de novas minas de ouro e foram locadas na rota do ouro de Cuiabá. Este é o sentido da carta escrita ao Tenente da Cavalaria Voluntária Manoel José Velho, filho do Capitão-mor de Itu Salvador Jorge Velho e tataraneto do famigerado destruidor de Palmares, Domingos Jorge Velho <sup>63</sup>, um mês depois do governador general Francisco da Cunha Menezes ter-lhe concedido sesmaria: *“Por ser conveniente, tanto a Fazenda de S. Mag.de, como ao Bem comum desta Capitania, que haja nella descubertos d’ouro e me constar, que o Morro d’Araraquara tem em sy grandes riquezas, e todos os corregos, que o avizinhão: Ordeno ao Tenente da Cavallaria Volumptaria Manoel José Velho, convocando a gente, que achar necessaria, passe á aquelle destrito, e examine, assim o d.o Morro, como os mais corregos, e me dê parte do que descobrir com a mayor brevidade. São Paulo a 28 de Agosto de 1782 // com a rubrica de S. Ex. <sup>a</sup> //”* <sup>64</sup>.

No mesmo dia escrevia o governador general ao Capitão Joaquim de Meyra e Siqueira de Piracicaba em termos próprios da época: *“Consta me, q. nos campos de Piracicaba junto do morro Araraquara achara Vm.ce vestigios de Quilombo de Negros fugidos, q. andavão mineirando o q. denota haver grandeza de oiro naquella situação: [...] me remeta húa individual relação, [...] p.<sup>a</sup> se darem as positivas providencias p.<sup>a</sup> a sua destruição”*. O ouro, se encontrado, permaneceria em mãos de gente da confiança do governador general e os concorrentes, escravos fugidos, deviam ser aniquilados <sup>65</sup>.

A primeira de três perquirições governamentais, sobre sonhadas minas de ouro e pedras preciosas nos Morros de Araraquara, foi na abertura do

---

<sup>61</sup> ARQUIVO AGUIRRA. Museu Paulista. Cartório do 3º Offício de Orfãos de São Paulo. Maço 2.

<sup>62</sup> NEME, Mário. *Aposseamento do Solo e Evolução da Propriedade Rural na Zona de Piracicaba*. 1974. p. 108, 125 e 128.

<sup>63</sup> DOCUMENTOS INTERESSANTES. v. 65, p. 271. / AZEVEDO MARQUES, Manuel E. de. *Apontamentos da Provincia de São Paulo*. São Paulo: Livraria Matins. p. 219 e 220. t.2

<sup>64</sup> DOCUMENTOS INTERESSANTES. v. 85, p. 15.

<sup>65</sup> Idem, *Ibidem*. p. 66.

Picadão. Escreve o governador Rodrigo Cezar de Menezes que [...] *“em 3 de junho de 1723 se deu hum seguro real em nome de S. Mag.e q’ D.s g.e a Sebastião Sotil, para acompanhar ao Pe. Mestre Fr. Furtuozo da Conceição no descobrimento q’ vay fazer as Serras de Aracuara, a minas de ouro,” [...]*<sup>66</sup>.

O governador Martim Lopes Lobo de Saldanha chegou a nomear, aos 19 de outubro de 1781, Antônio Francisco da Luz como Guarda-mor das terras minerais do Morro de Araraquara de Piracicaba e seus arredores. Esse Guarda-mor cometeu muitas arbitrariedades, sendo obrigado a fugir para escapar da prisão.

Concluída a terceira perquisição, (a segunda foi 1730), com o levantamento da serra, dos córregos, ribeirões e constatada a não existência de ouro na região, três das quatro sesmarias são vendidas, ou meramente repassadas em bloco, para o ex-Secretário do Governo da Capitania José Inácio Ribeiro Ferreira, responsável pelas suas cartas de outorga. Junto foi vendida ainda ao ex-secretário a sesmaria de Manuel Francisco Gil. O único desses sesmeiros que manteve as terras foi o tenente Manoel José Velho, destinatário da sobredita incumbência específica do governador sobre o ouro<sup>67</sup>. Algum tempo depois ele também vendeu ao Bacharel José Inácio a sua sesmaria. Quando da declaração de José Gomes do Nascimento Botão, ao Vigário da Paróquia de Itaqueri, Joaquim Feliciano D’Amorim Sigar, sobre suas terras, em 25 de maio de 1856, o antigo latifúndio ainda mantinha a sua integridade com vinte e dois mil, trezentos e dez alqueires<sup>68</sup>.

A sesmaria de 25 de fevereiro de 1783 do Povoador de Piracicaba, também foi demarcada nessa estrada, mas do lado esquerdo, possivelmente na região de Brotas, segundo Mário Neme as terras dele estavam do lado esquerdo da trilha ou caminho de Piracicaba para o sertão<sup>69</sup>. Daí se depreende a preocupação manifestada por Antônio Barbosa de que Piracicaba não fosse transferida para paragem distante e fora do velho Picadão de Luís Pedroso. Em sua resposta ao Capitão mor de Itu, Vicente da Costa Taques Goes e Aranha, no dia 22 de junho de 1784 sobre a possível transferência da povoação, depois de várias objeções, conclue: [...] *“Tambem acho muy difficitoza a commonicação por picada da Barra do Rio Piracicaba p.<sup>a</sup> as campanhas da Araraquara por ficar em meyo o dito Morro (Serra de São Pedro), cuja pasage hé muy dificultosa”*<sup>70</sup>.

<sup>66</sup> DOCUMENTOS INTERESSANTES. v. 12, p. 86.

<sup>67</sup> NEME, Mário. *Aposseamento do Solo e Evolução da Propriedade Rural na Zona de Piracicaba*. São Paulo: 1974. p. 70-71.

<sup>68</sup> ARQUIVO DO ESTADO. Catalogação antiga: Registro de Terras da Paróquia de Itaqueri, nº 21, maço 5, fls. 53v.

<sup>69</sup> NEME, Mário. *Aposseamento do Solo e Evolução da Propriedade Rural na Zona de Piracicaba*. São Paulo: 1974. p. 71.

<sup>70</sup> Leandro GUERRINI. Obra citada, v. 1, p. 43.

O Capitão-mor de Itu encampa todas as teses de Antonio C. Barbosa, afinal estavam em jogo também os interesses dos ituanos na sua comunicação por terra com Goiás e Mato Grosso. Diz o mesmo em missiva ao Governador: [...] *"acho q. a paragem melhor p.a a fundação, desta hé a que o mesmo R. Vigário, Cap. Pov. e povoadores tem elegido fronteiro, e mto. vezinho a actual Povoação, [...] pr. ser mto. alegre, sadio, fertil de caça e pescaria, livre de giadas, e excellente p.a a cultura de Cana, algodão e as demais plantaçoens, [...] e distante 13 ou 14 legoas desta V.a de (Itu)".* E acrescenta: [...] *"aqle. terreno hé melhor tranzito, q. temos pa. as Campinas de Araraquara, [...] pa. servir de escala aos commerciantes de Cuiabá"*<sup>71</sup>.

A ordem de Francisco da Cunha Menezes, capitão-general de São Paulo, a Vicente da Costa Taques Goes e Aranha, capitão-mor de Itu, de 7 de julho de 1784 foi exatamente um presente para Antônio Barbosa. A cidade continuaria sendo cortada pela rota para Cuiabá e sua sesmaria facilmente alcançada: [...] *"Ordeno a Vmce., que com o Capitão Antônio Correa Barboza Povoador della a possam mudar de onde se acha e situa-la na referida paragem da parte de cá do Rio Piracicaba logo abaixo do salto ou em todo o intervallo deste athé defronte da Barra do Ribeirão Corumbatahy, aonde melhor terreno houver para a situação"*<sup>72</sup>. A margem direita do rio Corumbataí era, nas proximidades de Piracicaba, o caminho natural para os campos de Araraquara e Cuiabá, como para a sesmaria de Antônio Correia Barbosa, e demais sesmarias do ex-secretário do governador.

Esse itinerário é confirmado pelo requerimento de sesmaria do Povoador de maio de 1781: *"Diz Antônio Correia Barbosa, Cap.tam Povoador de Piracicaba, que indo elle Suplicante de mandado do IIIº Antecessor de V. Exa. na deligencia da abertura do Caminho de terra daquella Povoação para a Praça de Iguatemi, descobriu uns campos naquêle certam que se achão despovoados," [...]*<sup>73</sup>. E também pela carta:

**CARTA DE SESMARIA A ANTONIO CORREA BARBOSA DE UNS CAMPOS NOS SERTOES DE PIRACICABA, NÃO EXCEDENDO A QUANTIDADE DE TRES LEGUAS.**

*"Martim Lopes Lobo de Saldanha. Faça saber aos que esta minha Carta de Sesmaria virem, que attendendo a me representar Antonio Correa Barbosa, Capitão Povoador de Piracicaba, que indo elle na diligencia da*

<sup>71</sup> Ibidem, p. 43.

<sup>72</sup> DOCUMENTOS INTERESSANTES. v. 85, p. 120.

<sup>73</sup> ARQUIVO DO ESTADO. Requerimentos de Sesmarias. CO 0324, 81.3.54.

*abertura do caminho de terra daquella Povoação para a Praça de Igatemy, descobrio uns campos naqueles sertoes, que se achão despovoados, e que por informações, que dos mesmos tem dado Elle Suplicante a algumas pessoas, se deliberarão a tirar Sesmarias dos ditos, o Capitão Manoel Antonio de Araujo, o Tenente Manoel José Velho, e outros, ficando muita parte delles desocupados, dos quais queria elle senhorear-se na forma do estillo: benentendido, que depois de inteiradas as Sesmarias antecedentes, inteirasse o Suplicante nas sobras anexas a estes, em hum Rincão, que acompanha o Rio Jacarêpyra, e a Serra de Araraquara, correndo o Poente: [...]. Dada nesta cidade de S. Paulo. Francisco Pereira Cardoso Barbosa a fez aos vinte e cinco de fevereiro de 1782. O Secretário do Governo José Inácio Ribeiro Ferreira a fez escrever. Martim Lopes Lobo de Saldanha”<sup>74</sup>.*

A carta de sesmaria do Povoador diz: [...] “por informações, que dos mesmos tem dado Elle Suplicante a algumas pessoas, se deliberarão a tirar Sesmarias dos ditos” [...]. As sesmarias daí tiradas constituíram o latifúndio do Bacharel José Inácio, por outro lado, indicam o caminho para Cuiabá. Quando secretário da Capitania se aproveitou das informações privilegiadas de Antônio Correa Barbosa, mas retribuiu-lhe os préstimos com uma sesmaria. O Povoador delimita a sua área de interesse assenhoreando-se duma data [...] “em hum Rincão entre o Rio Jacarêpyra, e Morro de Araraquara”. Por lá passava a estrada para as minas de Cuiabá.

De Piracicaba até o antigo Porto Recreio do rio Corumbataí são quinze quilômetros em linha reta, mais de vinte pelo rio ou pelo Picadão. Depois de alguns quilômetros em terras de Rio Claro, o Picadão entrava no atual município de Ipeúna, donde partia uma derivação da estrada para Rio Claro. São importantes as conclusões do professor norte-americano de história da Universidade de Nova York, Warren Dean, nascido em 1932 e falecido tragicamente durante pesquisas no Chile em 1994. No seu livro *Rio Claro: A Brazilian Plantation System, 1820-1920* defende que o Caminho de Cuiabá, depois do Salto de Piracicaba, sempre em direção norte, cruzava as terras de Rio Claro (que incluía Ipeúna e Itirapina). Mesmo sem o honrado professor ter tido provavelmente em mãos, a documentação da sesmaria Corumbataí, suas conclusões corroboram todo o exposto até aqui:

*“A descoberta de ouro em Mato Grosso, em 1718, acelerou um pouco a ocupação da área de Rio Claro. A fim de atingir aquele lugar extraordinariamente remoto e inacessível, os paulistas em geral seguem*

<sup>74</sup>ARQUIVO DO ESTADO. CO 0368, Livro 21, fls. 149-150. Documentos manuscritos avulsos da Capitania de São Paulo (1618-1823): Catálogo 2 – Mendes Gouveia. Bauru: EDUSC; São Paulo: FAPESP IMESP, 2002. doc. 3099, p. 488.

pelo rio Tietê até a bacia do Paraná, navegando em grandes comboios uma vez por ano. Alguns, todavia, para evitar as febres dos pântanos, iam por terra desde a cachoeira de Piracicaba, através de campos de elevações suaves. A cerca de 30 quilômetros ao norte, os viajantes encontravam uma série de escarpas de 200 metros de altitude, que marcavam o início de outro degrau do planalto. Ao norte e oeste estes penhascos são contínuos e difíceis de atravessar, mas no meio existe uma passagem mais baixa e erodida, com apenas algumas elevações que levam nomes como Morro Guarita e Morro Pelado. Um caminho foi aberto entre 1719 e 1727, depois abandonado e reaberto entre 1765 e 1775. Seria natural que os condutores de mula escolhessem um local para descansar antes de dar início à cansativa subida que os esperava. A parada em Ribeirão Claro provavelmente não passava de um abrigo coberto de folhas à beira de um riacho que cortava a várzea e que é hoje uma praça no bairro Santa Cruz. Ali foi construída a primeira capela da região”<sup>75</sup>.

Esse abrigo à beira do Ribeirão Claro não está na rota principal do Picadão de Luís Pedroso, e sim, numa derivação. Num detalhe é necessário discordar do professor norte-americano, quando afirma que o caminho foi abandonado. Foi proibido mais de uma vez como caminho régio, nunca fechado. Aos 2 de dezembro de 1730 Dom João escreve ao governador da Capitania, Dom Antonio da Silva Caldeira Pimentel aconselhando-o a ser mais brando, não confiscando os bens dos usuários do caminho por terra, aberto pelos moradores da Vila de Itu para Goiás (é o caminho de Cuiabá e Iguatemy, com derivação para Goiás), pois: [...] “e não será razão dificultar o provimento que pode hir a estas Minas, impedindo lhe as estradas mais abreviadas”. O próprio rei sabia desta estrada abreviada e tolerava seu uso, aceitando até mesmo algum contrabando de ouro, para que não faltasse mantimentos para os mineradores<sup>76</sup>. Os conselheiros do rei elogiam a boa intenção do governador, dizem porém nos seus despachos, que não se deve impedir a construção de estradas e a abertura delas valoriza a colônia. O Conselho Ultramarino se declara portanto a favor de se manter a estrada em atividade<sup>77</sup>.

#### 4- A Vereda de Brotas

Ao discorrer em 1811 sobre o problema da sujeição de Piracicaba a duas jurisdições, de Itu e Porto Feliz, o capitão-mor de Porto Feliz

<sup>75</sup> DEAN, Warren. *Rio Claro, Um Sistema Brasileiro de Grande Lavoura, 1820-1920*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. p. 21.

<sup>76</sup> DOCUMENTOS INTERESSANTES. vol. 24, p. 40 e 41.

<sup>77</sup> Documentos manuscritos avulsos da Capitania de São Paulo (1618-1823): Catálogo 2 – Mendes Gouveia. Bauru: EDUSC; São Paulo: FAPESP/IMESP, 2002. doc. 711, p. 131. CD 1/7.

Francisco Correia de Moraes Leite afirma que além do Salto do Rio Piracicaba não houve divisão pois [...] *“dali para diante segue hum grande certão, que procura as partes de Goyaz”*<sup>78</sup>. Em 1818 já velho e doente o capitão-mor escreve várias vezes aos governadores interinos da capitania prestando contas da preparação duma nova expedição militar para Cuiabá. Em ofícios fala do envio de parte da carga pelo caminho de terra. Pede inclusive um miliciano prático da carreira do caminho de Cuiabá. E na carta de 7 de setembro de 1818 desabafa de vez, aconselhando despachar apenas as grandes peças de guerra pelo rio e [...] *“ir por terra, q.´ hé de muito menos dispeza, que pelo Rio [...] as bestas no final da viagem podem ser vendidas em Cuyabá”*<sup>79</sup>, trazendo mais algum recurso para o erário, enquanto boas e grandes canoas eram custosas e só encontradas em Piracicaba. E some-se a isso, nesta época ainda se tornavam vítimas das flechas dos paiaguás, os viajantes incautos da rota fluvial, quando se distanciavam das embarcações. A preparação duma monção era extenuante, ao ponto de convencer o capitão-mor de Porto Feliz, a optar pela estrada de terra. Esse é um forte argumento para demonstrar o uso diário do Picadão e pelas reações do capitão-mor, se reconhece ser o caminho terrestre melhor que a rota fluvial. A vida do monçoeiro era tão dura, a ponto do governador Francisco da Cunha Menezes impor pena de prisão para quem se negasse a embarcar, pois quem conseguia, fugia para não enfrentar as terríveis tribulações da viagem fluvial<sup>80</sup>.

Augusto-Emílio Zaluar, notou em sua visita a Piracicaba, o incremento do comércio com a criação da colônia militar de Itapura<sup>81</sup>, criada em 26 de junho de 1858<sup>82</sup>. Situada à margem direita do rio Tiete, abaixo do grande salto, a treze quilômetros do rio Paraná, na antiga rota dos ituanos. Também a colônia militar de Avandava contribuiu para aviventar o comércio com a província do Mato Grosso.

Entre 1859 e 1863 ressurgiu a preocupação dos camaristas de Piracicaba pelo velho Picadão, agora chamado de *“vereda de Brotas”*. A advertência deles ao governo de São Paulo era fundamental e crucial por objetivar o fortalecimento da retaguarda da Província do Mato Grosso. Aos 7 de dezembro de 1861 os camaristas piracicabanos insistem na estrada, [...] *“em linha reta à província do Mato Grosso, seguindo a direção*

<sup>78</sup> ARQUIVO DO ESTADO. Ofícios da Câmara de Porto Feliz. CO 0291, 54.1.45.

<sup>79</sup> ARQUIVO DO ESTADO. Ofícios da Câmara de Porto Feliz. CO 0291, 54.1.77, 54.1.78 e 54.1.84.

<sup>80</sup> DOCUMENTOS INTERESSANTES. v. 85, p.121.

<sup>81</sup> ZALUAR, Augusto Emílio. *Peregrinação pela Província de São Paulo (1860-1861)*. São Paulo: Edições Cultura, 1945. p. 156.

<sup>82</sup> GODOY, Joaquim Floriano de. *A Província de São Paulo: trabalho estatístico, histórico e noticioso*. 2ª ed. facs. São Paulo: Governo do Estado, 1978. p. 138.

do Tietê [...]. Encurtando a distância em um terço das quatrocentas léguas da antiga estrada (Estrada dos Batatais), a de que trata tem a vantagem de atravessar nesta Província um constante chapadão de espantosa fertilidade, de passar pelas Colonias [militares] de Avanhadava e Itapura, e quase pela freguesia de Jaú" [...]<sup>83</sup>.

E a melhor opção para as comunicações militares, no entender do Diretor da Colônia Naval de Itapura, era [...] "o serviço pela cidade de Constituição, Vila de Brotas, picadão de Brotas, ao Avanhadava e Itapura", e do outro lado do rio Paraná, [...] "se aproveitava um caminho de campo a Santana de Paranaíba"<sup>84</sup>.

E os proprietários de terra de Brotas querendo o encurtamento da estrada e os possíveis benefícios da mesma, se põem ao trabalho. Quando estavam adiantadas as obras de melhoria da estrada, a câmara piracicabana se esmoreceu diante dos entaves criados pelo Dr. José Elias Pacheco Jordão<sup>85</sup>, e pelo Comendador Luís Antônio de Souza Barros<sup>86</sup>. Um encurtamento do trajeto para Brotas implicava seguir em frente pela margem direita do rio Corumbataí, atravessando as fazendas São Lourenço e Paraíso do Comendador Luís Antônio, Covetinga e Beri do Dr. José Elias. Esses fazendeiros, ituanos de nascimento, futuros patrocinadores da construção da estrada de ferro Ituana para Recreio, Paraíso e Charqueada, embaraçaram o novo traçado da estrada antiga, impedindo o prosseguimento dos trabalhos. A câmara cede às pressões e à força política dos fazendeiros e pede ao poder Estadual recursos para ampliar a estrada para Brotas, Jaú e Botucatu através de Capivari!

O Comendador Luís Antônio barrava a melhoria da estrada para o Mato Grosso<sup>87</sup>, também para proteger as terras de sua irmã na saída de Piracicaba onde seria construída nova ponte em direção ao rio Corumbataí, em cuja margem direita existia o caminho para os campos de Araraquara<sup>88</sup>, e Mato Grosso. Ao explodir a guerra com o Paraguai em 1864, notou-se o tamanho do erro praticado, a falta duma boa estrada por Piracicaba, Itaqueri e Brotas, para socorrer o Mato Grosso<sup>89</sup>.

É oportuno analisar um outro dado importante. Segundo João Aguirra os caminhos antigos seguiram as trilhas indígenas, e as estradas

---

<sup>83</sup> Ofício da C. M. P. de 7.12.1861.

<sup>84</sup> TORRES, Maria Celestina T. M. *Piracicaba no Século XIX*. Piracicaba: Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, 2003. p. 128.

<sup>85</sup> NARDY FILHO, Francisco. *A cidade de Itu*: Universidade de São Paulo, 1995. v. 3. p. 125-126.

<sup>86</sup> Ofício da C. M. P. de 6.04.1863.

<sup>87</sup> Ofícios da C. M. P. de 26.02.1859 e 27.10.1862.

<sup>88</sup> TORRES, Maria Celestina T. M. *Piracicaba no Século XIX*. Piracicaba: Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, 2003. p. 97-98.

<sup>89</sup> *Ibidem*. p. 110-114, 122-130.



de ferro sempre buscaram os caminhos já existentes, construindo seus trilhos neles ou ao lado. A Ituana chegou a Piracicaba com a inauguração da Estação no dia 11 de fevereiro de 1879. A cidade de Piracicaba era o objetivo intermediário da Companhia. A longo prazo a Ituana almejava atingir todas as terras ligadas às famílias de Itu, cujos ascendentes tinham recebido sesmarias ou adquirido glebas de terras de Itu a Piracicaba, e daí até o Mato Grosso, passando por Brotas e a região de Jaú.

O prolongamento da Ituana, de Piracicaba a São Pedro, foi aprovado pelo Governo da Província a partir da lei provincial nº 147 de 26 de abril de 1880. Pelo contrato a Ituana tinha cinquenta anos de privilégio e zona exclusiva de vinte quilômetros para cada lado da ferrovia. E aqui surge um novo debate sobre tema antigo. Qual a rota seguida pela Ituana a partir de Piracicaba? A antiga estrada de Luís Pedroso de Barros, a velha conquista dos comerciantes ituanos no caminho de Cuiabá, seguindo o traçado permitido por lei e viável para construção duma ferrovia no século XIX. Partindo de Piracicaba, a Estrada de ferro Ituana segue o Rio Corumbataí até Recreio. Aí surge um problema sério. Não poderia continuar em frente, em sua tendência natural em direção do Morro Pelado (Itirapina), onde por sinal foi construída uma estação pela concorrente, senão se aproximaria de Rio Claro, cuja concessão tinha sido entregue à Estrada do Oeste, ligação Campinas-Rio Claro. Uma segunda dificuldade teria que ser enfrentada. Se o transporte de cargas por mares se beneficiava dos rios, riachos e ribeirões, o mesmo não acontecia com as ferrovias. A construção neste ambiente exigiria muitas pontes e a manutenção seria caríssima por causa das enchentes. A Ituana, portanto, atravessa as terras da Sesmaria Corumbataí, se aproximando ao máximo das propriedades dos ituanos Dr. José Elias Pacheco Jordão e Comendador Souza Barros, este proprietário da fazenda Paraíso, onde foi construída uma Estação. Caminha depois para Charqueada, com a finalidade de alcançar Brotas.

Odilon Nogueira de Matos em sua obra *Café e Ferrovias* crítica a Ituana por não levar o seu traçado até Brotas e Jaú<sup>90</sup>. A questão foi muito mais séria, não mera falta de vontade. Foi travada verdadeira disputa entre a Ituana e a Companhia Paulista de Estradas de Ferro por causa de Brotas e Jaú. Existem muitas notícias e artigos nos jornais de São Paulo e nos documentos do governo. No Relatório da Companhia Paulista de Estradas de Ferro de 29 de agosto de 1880 aparece a acusação contra o presidente da Província, por garantir à Ituana [...] “o *prolongamento natural de sua estrada de ferro a Brotas e Jaú*”. Já no dia 4 de agosto do mesmo ano o Jornal Correio Paulistano trouxera uma declaração do presidente da

<sup>90</sup> MATOS, Odilon Nogueira de. *Café e Ferrovias*. 4. ed. ver. Campinas: Pontes, 1990. p. 107.

Província: [...] “A Companhia Paulista no intuito de chamar a si toda a produção compreendida entre os rios Moji-Guaçu e Tietê, procurou tornar o Morro Pelado, (hoje a cidade de Itirapina), ponto obrigado de seu traçado, e daí aproximar-se a Brotas para excluir a Companhia Ituana da concorrência a esse objetivo”. O duelo não terminou por aí. Flávio Azevedo Marques de Saes descreve toda luta política e econômica das duas ferrovias em torno da disputa de Brotas, cidade construída dentro da antiga rota dos ituanos. Pela Lei nº 25 de 19 de março de 1887, a Ituana foi alijada da disputa, pois coube-lhe a margem esquerda do rio Tietê e toda a região compreendida entre os rios Tietê e Mogi foi entregue à Paulista <sup>91</sup>.

### 5- A derrota do Picadão de Luís Pedroso <sup>92</sup>

Como foi advertido no início, este texto está fora de contexto, a preocupação porém, de resgatar um passado senão esquecido, ao menos quase lendário, serve de incentivo à memória construtiva da realidade, retornando aos nossos bandeirantes, sertanistas e sertanejos. Apresento alguns documentos sobre o Picadão de Luís Pedroso, tendo recorrido, para esse esboço de trabalho, ao Arquivo do Estado de São Paulo e aos arquivos de Itu. Especialmente os cartórios de Piracicaba, 1º e 2º Tabelionatos de Notas, conservam com esmero, centenas de livros de escrituras de compra e venda de terras. Como me foi gentilmente facultado sua pesquisa, quero partilhar com os leitores um pouco das descobertas aí realizadas. Mesmo conhecendo bem as antigas tradições de Recreio, não imaginava sua participação na história regional, como vértebra de sua espinha dorsal, pequena sim, mas estrutural.

Estudando e interpretando inúmeros documentos dos séculos XVIII e XIX, como centenas de escrituras de compra e venda de terra, foi possível traçar, apoiando-se na documentação da Sesmaria Corumbataí ou do Cruz (6.10.1795), o trajeto do Picadão de Luís Pedroso, a partir de Piracicaba, em busca das Minas de Ouro de Cuiabá. A estrada antiga que vinha de Itu a Piracicaba, por Capivari e Rio das Pedras, pode ter seu itinerário refeito através de diversas cartas de datas de terras como as de Manoel Lopes Castelo Branco, Modesto Antonio Coelho Neto, Ignácio de Almeida Lara e Bento Leme de Oliveira. A entrada em Piracicaba se dava pelo Piracicamirim, o que se deduz pela documentação da sesmaria de Carlos Bartholomeu de Arruda. Este estudo, porém, não é o objetivo deste artigo <sup>93</sup>.

---

<sup>91</sup> SAES, Flávio Azevedo Marques de. *As Ferrovias de São Paulo: 1870-1940*. São Paulo: HUCITEC, 1981. p. 54-67.

<sup>92</sup> Derrota, do latim: *via rupta ou dirupta via*, caminho aberto, desbravado.

<sup>93</sup> Repertório das Sesmarias. pp. 394, 437, 192 e 107.

Quanto ao Picadão de Luís Pedroso, os primeiros quilômetros estão dentro do município de Piracicaba, depois no de Charqueada até a barranca do rio Corumbataí. Atravessando o rio, o Picadão seguia alguns quilômetros rio acima, pela margem esquerda, entrando no município de Rio Claro, cruzando novamente o Corumbataí, acima da foz do Passa Cinco. Em rumo noroeste, margeava o Passa Cinco. Em Ipeuna se encontrava a derivação para Rio Claro. Antes de Itaqueri da Serra, provavelmente na região da cidade de Itirapina, existia um desvio para 1ª Fazenda e Araraquara e no sertão a bifurcação para Goiás<sup>94</sup>. Pelos documentos deduz-se também sua passagem próxima aos saltos de Avanhandava e Itapura.

Seguem alguns tópicos elucidativos, iniciando com um documento da primitiva fonte de pesquisa, a Sesmaria Corumbataí. A ordem seguida na apresentação dos documentos não é a cronológica, apenas objetiva a apresentação do Picadão de Luís Pedroso. O negrito facilitará algumas explicações.

#### **1- Avaliação da Câmara de Itu ao requerimento de sesmaria do Cap. Antônio José da Cruz e outros (02.05.1795)**

*"O que nos consta das terras que pedem neste Requerimento he que do caminho que vai da Povoação de Piracicaba para os campos de Araraquara onde faz passagem e Porto no Rio de Corumbatahy, que he onde querem os Supplicantes fazer Piam na Sismaria que pedem," [...].*

*Ignácio Dias Ferraz, Pedro Vaz de Barros, José Antônio de Almeida Paes, José Vaz Pinto Ribeiro e João Manoel da Silva Paes"*<sup>95</sup>.

Esta avaliação é documento de inestimável valor histórico, enquanto confirma a existência do caminho, sua saída de Piracicaba em direção norte, e a travessia do Corumbataí pelo antigo porto, localizado a quinze quilômetros em linha reta, da sua barra, no rio Piracicaba. As terras aqui solicitadas formaram a Sesmaria Corumbataí, demarcada na margem direita do Corumbataí, a partir de sua foz no Piracicaba até o córrego Beri, próximo à divisa do município de Ipeúna<sup>96</sup>. Pelo rio Corumbataí, em linha reta, seriam 19.800 m.

<sup>94</sup> Posteriormente foi utilizado um outro caminho por terra para Goiás na margem direita do rio Paraná. Cf. :TORRES, Maria Celestina T. M. Piracicaba no Século XIX. Piracicaba: I H G P, 2003, p. 128.

<sup>95</sup> ARQUIVO DO ESTADO. Requerimentos de Sesmarias. CO 0323a., 80.6.44.

<sup>96</sup> O nome originário deste córrego era Pery, de origem indígena, mudado provavelmente pela pronúncia portuguesa.

**2- a) Representação ao capitão general Conde de Palma, solicitando a elevação de Piracicaba a Vila (17.06.1816)**

*"Illustrissimo e Excellentissimo Senhor – Dizem os moradores da freguezia de Piracicaba... A ereção desta villa terá tambem grande influencia nos interesses geraes desta capitania, de Goyaz e Cuyabá por que facilitando o roteamento do sertão desconhecido entre as trez capitancias, fará um dia, e não muito tarde, mais curtas as suas communicações para o que já se tem avançado muito no roteamento nos campos de Araraquara," [...].*

**b) Atestado adjunto à Representação (17.06.1816)**

*"Ao norte tem moradores até sete dias de viagem e segue adiante o sertão desconhecido que confina com Goyaz e Cuyabá, [...]. Ao norte tem os campos de Araraquara, de que ainda se não conhece a extensão, muito proprios para a criação de gados, [...]. Tem vinte duas fazendas de criar," [...] <sup>97</sup>.*

Estamos em Piracicaba, freguezia ansiosa por tornar-se Vila. Este atestado acompanha a representação popular acima, e é assinado por Manoel Joaquim do Amaral Gurgel, vigário colado da Freguezia e por Domingos Soares de Barros, capitão-comandante da mesma. Os dois representantes do povo conheciam o potencial de Piracicaba como entroncamento "rodoviário" para outras províncias e o desenvolvimento nos campos de Araraquara, onde moradores já estavam localizados em suas posses a centenas de quilômetros, a "sete dias de viagem". O número sete indica o infinito!

**3- Escripura de venda (15.10.1866)**

*[...] "um sítio que possuem na margem direita do rio Corumbatahy, e que houverão por herança de seu finado sogro e pae Major Domingos Soares de Barros, [...] que começa da beira do rio, da qual segue o rumo mil braças mais ou menos, findas as quais seguir-se há pela estrada do Picadão adiante, [...] rumo Suéste até dar com outro rumo á esquerda, pelo qual se seguirá até sahir na mesma estrada que atravessa as terras d'este sítio, e por ella ao lado do sertão," [...] <sup>98</sup>.*

Este sítio à venda pertencia às terras da Sesmaria Corumbataí, herança havida pelo Capitão-mór Domingos Soares de Barros, através de sua esposa Anna Euphrosina da Candelaria, filha do Capitão Antônio José da Cruz, um dos quatro beneficiados com a carta de sesmaria. A gleba junto à margem direita dos rios Corumbataí e Piracicaba coube ao

<sup>97</sup> Almanaque de Piracicaba para 1900. p. 122-124.

<sup>98</sup> 1º TABELIÃO DE PIRACICABA. Livro 17, fls. 28v-29v.

Capitão Cruz. Portanto, após cruzar o rio Corumbataí o Picadão ingressava nas terras da Sesmaria do Cruz, e por ela ia até o Porto Recreio.

Aquí aparece o nome popular da estrada de Luís Pedroso de Barros: o Picadão.

#### **4- Escritura de venda de Sítio no Bairro do Limoeiro (28.11.1853)**

[...] *“o sítio de que trata suas divisas são as seguintes: Principia no Córrego chamado da Mangueirinha pela estrada de Cuiabá,”* [...] <sup>99</sup>.

Surge o destino final da estrada: Cuiabá. A Sesmaria Corumbataí foi dividida em quatro grandes glebas. A gleba mais distante do rio, se constituía numa unidade, tinha três quilômetros de largura alcançando mais de vinte e um quilômetros de comprimento, praticamente até o atual município de Ipeuna. Esta gleba pode ser intitulada Limoeiro, pois desmembramentos dela se dão em referência ao ribeirão e ao antigo bairro do Limoeiro. Aquí se trata das vertentes, cabeceiras do ribeirão Limoeiro (e Limoeirinho), afluente do rio Piracicaba. Não se pode confundir este bairro com o Porto Limoeiro na foz deste mesmo ribeirão no rio Piracicaba.

#### **6- Escritura de venda (20.06.1863)**

[...] *“um sítio às margens do Curumbataí n’este município, [...] de outro [lado] com a estrada chamada Picadão velho,”* [...] <sup>100</sup>.

O Picadão centenário era um conhecido e velho amigo!

#### **7- Venda de Terreno no lugar denominado Posses - cabeceira do Caiapiá (09.09.1864)**

[...] *“sítio e terras n’este município no lugar denominado –Posses- cabeceira do Caiapiá – por compra feita à diversos, [...] Começando em uma cruz colocada na estrada Picadão, que segue desta Cidade para a Capella do Itaqueri, [...] e d’aquele marco seguindo pela estrada do Picadão, irá até á cruz supra referida, [...]”* <sup>101</sup>.

Pode-se concluir com facilidade o itinerário da estrada, passava no espigão, entre as cabeceiras dos ribeirões Limoeiro (e Limoeirinho) e do Caiapiá, este afluente do Corumbataí, portanto seguindo o rumo da atual estrada de Charqueada, mas mais à esquerda, em direção à antiga Ressaca. Aquí se acrescenta outro elemento informativo importante, indica a rota por Conceição do Itaqueri (Itaqueri da Serra), município de Itirapina. O Sítio se indentifica como Posses, por ser uma propriedade formada a partir da aquisição de diversas posses antigas. A carta da Sesmaria Corumbataí exigia

<sup>99</sup> 1º TABELIÃO DE PIRACICABA. Livro 9, fls. 16-17v.

<sup>100</sup> 1º TABELIÃO DE PIRACICABA. Livro 15, fls. 1v e 2.

<sup>101</sup> 1º TABELIÃO DE PIRACICABA. Livro 15, fls. 77v-78v.

que se desse o documento “*pro rata*” aos antigos posseiros, regularizando suas propriedades, o que deve ter acontecido neste caso <sup>102</sup>.

#### 8- Escritura de compra e venda (só consta o ano de 1854)

[...] “no lugar denominado Palmeira, [...]. Principia na beira de huma capoeira que se acha encostada no Ribeirão denominado Limoeirinho, [...] a sahir em a estrada que desta villa segue para Brotas,” [...] <sup>103</sup>.

Mais um elemento significativo, após a Capela do Itaqueri, o Picadão passava por Brotas.

#### 9- Escripura de compra e venda d’huas posses na Estrada de Cuiaba, Sertão do Paraná, que passão o Visconde de Mont’Allegre e sua mulher a João Alves Barbosa (14.03.1848)

[...] “são senhores e legítimos possuidores de **duas posses no Caminho que desta Villa segue para Cuiabá pelo rio Paraná, em paragem denominada =Barra mança e Bugrinho e Servinho, [...] de duas posses no Sertão do Paraná, na estrada que segue desta Vila `aquele rio,**” [...] <sup>104</sup>.

Aqui se descreve o roteiro e prática de muitos bandeirantes, sertanistas, comerciantes e mineradores, ir por terra até o rio Paraná, para tomar depois uma das conhecidas rotas fluviais para Cuiabá, ou mesmo seguir sempre por terra. Outro ponto se destaca, as posses ao longo do Picadão eram negociadas, compradas e vendidas com escrituras assinadas em cartório. Como afirma o atestado citado acima no nº 2 b, havia posses em quase todo o percurso do Picadão. Dessas posses originaram-se pousos de tropeiros e povoados, muitos dos quais são atualmente sedes de municípios do noroeste paulista. Os nomes presentes nesta escritura, aparecem no antigo mapa do Estado de São Paulo: o Córrego dos Bugres e os Ribeirões Barra Mansa e Cervinho, afluentes da margem direita do rio Tiete <sup>105</sup>. A paragem Cervinho originou o antigo povoado, hoje cidade de Irapuã, próxima à represa de Promissão.

#### 10- Escritura de venda duma porção de terras (13.04.1858)

[...] “entre o rumo de **Antonio Joaquim Sarmiento, [...] acompanhando o mesmo rumo para um e outro lado, não excedendo na largura a estrada do Picadão, [...]**” <sup>106</sup>.

<sup>102</sup> *Pro rata*: expressão latina, significando neste contexto, o direito do posseiro sobre a porção de terra cultivada por sua família.

<sup>103</sup> 2º TABELIÃO DE PIRACICABA. Livro 8, fls. 7-8.

<sup>104</sup> 2º TABELIÃO DE PIRACICABA. Livro 6, fls. 124-126.

<sup>105</sup> O atual mapa do Estado de São Paulo apresenta de forma equivocada tanto os nomes como a posição geográfica destes afluentes do Tiete.

<sup>106</sup> 1º TABELIÃO DE PIRACICABA. Livro 12, fls 3v e 4.

O confrontante citado é Antônio Joaquim de Moraes Sarmento, proprietário das terras da gleba Recreio da sesmaria Corumbataí, situada bem ao fundo, na divisa com Ipeúna, e onde foram formadas as fazendas Recreio e São Lourenço. A sede da Fazenda Recreio estava junto ao Porto do Corumbataí, enquanto a da Fazenda São Lourenço mais ao norte.

### **11- Carta da Sesmaria Corumbataí (6.10.1795)**

*"Bernardo José de Lorena // Faço saber aos que esta minha carta de Sesmaria virem, que attendendo a me representarem o Capitão Antonio José da Cruz, Joaquim Francisco da Cruz, Bernardo José Alvares e Joaquim da Costa Garcia, que elles suplicantes se querem arrancar em huns matos devolutos, que achão da outra parte do Rio Corumbatahy, dstricto da povoação de Piracicaba no Caminho, que segue para os Campos de Araraquara, no porto do dito Rio Corumbatahy, fazendo ahy pião, me pedião os suplicantes lhes concedesse por: Sesmaria três legoas de terras para suas lavouras, e creações, seguindo metade da testada Rio acima, e a outra metade Rio abaixo, ficando o dito caminho no meyo da referida testada, correndo o Certão o espaço de Légoa e meya pelo mencionado caminho em diante," [...] <sup>107</sup>.*

O Picadão percorria muitos quilômetros por dentro desta sesmaria, na margem direita do rio Corumbataí em direção dos Campos de Araraquara, ou seja de todo o sertão. No Porto do Curumbataí cruzava o rio, conforme atesta este documento, buscando o município de Rio Claro pela margem esquerda, atravessando os bairros de São Joaquim e São Bernardo. Junto ao antigo Porto Recreio e nos bairros citados se encontram vestígios antigos ainda muito bem conservados do Picadão.

### **12- Escriptura de hypotheca (25.11.1865)**

*[...] pela presente em garantia d' esta dívida hypothecão este sítio denominado -Boa esperança- [...] dividindo na frente com a estrada do picadão, [...] <sup>108</sup>.*

Este sítio, hoje conhecido como fazenda Boa Esperança, está na margem esquerda do Corumbataí, próximo à divisa do município de Rio Claro. Ela fazia antigamente divisa com uma porção de terras da Sesmaria Corumbataí, pertencente à Fazenda São Lourenço, demarcada na margem esquerda do rio, talvez apenas para que os sesmeiros completassem as terras da sesmaria ou para poderem utilizar-se do Picadão.

<sup>107</sup> ARQUIVO DO ESTADO. CO 0369, Livro 26, fls. 114-115v e Repertório das Sesmarias, p. 57.

<sup>108</sup> 1ª TABELIÃO DE PIRACICABA. Livro 16, fls. 37-38.

### 13- Venda dum Sítio no Corumbataí, Barra do Passa-cinco (22.11.1840)

*"Como comprador José Jeremias Ferraz, [...] haviam feito troca de uma porção de terras com o Tenente Coronel Luís Antônio de Sousa Barros, principiando nos fundos das ditas terras, por um caminho que servia de trânsito para Rio Claro," [...] <sup>109</sup>.*

Luis Antônio de Souza Barros, conhecido investidor na compra de terras em Piracicaba, se tornou famoso como proprietário da Fazenda-Colônia São Lourenço e Paraíso. As terras aqui vendidas estavam na foz do Passa-cinco, em frente à fazenda São Lourenço. Essas terras eram conhecidas como Sítinho, antiga posse de Bento José Ribeiro, adquirida por Agostinho de Camargo Penteado, que a regularizou assinando o requerimento de sesmaria da família Galvão de França. É o trecho do Picadão dentro do município de Rio Claro. Como existia um caminho novo direto de Piracicaba para São João do Rio Claro, pela margem esquerda do Corumbataí, se usa o verbo no passado, "servia de trânsito para Rio Claro".

### 14- Sessão ordinária da Câmara de Piracicaba (22.10.1831)

*[...] "O Senhor Castro propoz que se oficiace ao Fiscal do Ribeirão Claro que fizesse que o Reverendo Vigário, e o Capitão Mor Estevão dentro do espaço de quarenta dias da dacta do officio fizessem suas testadas na Estrada de Araraquara pelo Caminho debaixo que fica mais em deritura desta Villa, e que consta que são os unicos que não fazem, e porisso se acha intransitavel, portanto ficando serto o Fiscal que ali hé igual a todos, e que não deve ter contemplação com algum, e quando os ditos Proprietarios- continuem na re digo no desleixo os multe conforme o Artigo trinta e dois da Posturas desta Camara assim foi deliberado, e que se fizesse ver o Fiscal elle fica responsavel se nisto ouver alguma falta," [...] <sup>110</sup>.*

A câmara de Piracicaba zelava pelo Picadão multando até o sr. Vigário! Estevão Cardoso de Negreiros, capitão-mór de Rio Claro, e Pe. Manoel Joaquim do Amaral Gurgel haviam adquirido a gleba que coube ao Capitão Francisco Galvão de França, na partilha da sesmaria da família Galvão de França. Essa sesmaria foi demarcada na margem esquerda do rio Corumbataí, na divisa do município de Piracicaba, abrangendo a barra do Passa Cinco e partes dos municípios de Rio Claro e de Ipeúna.

<sup>109</sup> 1º TABELIÃO DE PIRACICABA. Livro 5, fls. 76-78.

<sup>110</sup> Atas da Câmara de Piracicaba. Livro 4, fls. 16v.



**15- a) Escritura de venda que faz Joaquim Antônio de Carvalho e sua mulher D. Francisca de Paula Caldeira (11.11.1823)**

[...] "*são Senhores possuidores de hua Sesmaria na Estrada de Araraquara, [...] o Senhor Romão Alvares de Oliveira [...] comprou huma sorte de terras de Joaquim Antonio de Carvalho na Estrada de Araraquara, Villa da Constituição*"<sup>111</sup>.

**b) Venda de parte da sesmaria de Antônio Joaquim de Carvalho (18.11.1831)**

"*Logo pela outorgante Anna Maria Caldeira me foi dito, [...] que era senhora possuidora de huma quarta parte da sysmaria tirada em seu nome, e de Joaquim Antônio de Carvalho [...] no Caminho da Freguesia de Araraquara,*" [...] <sup>112</sup>.

O Picadão está no município de Ipeuna. Araraquara já era freguesia, não vila, o que se dará no ano seguinte, e isso é lembrado. Por esses documentos, o Picadão servia, com uma derivação à Freguesia de Araraquara etc.

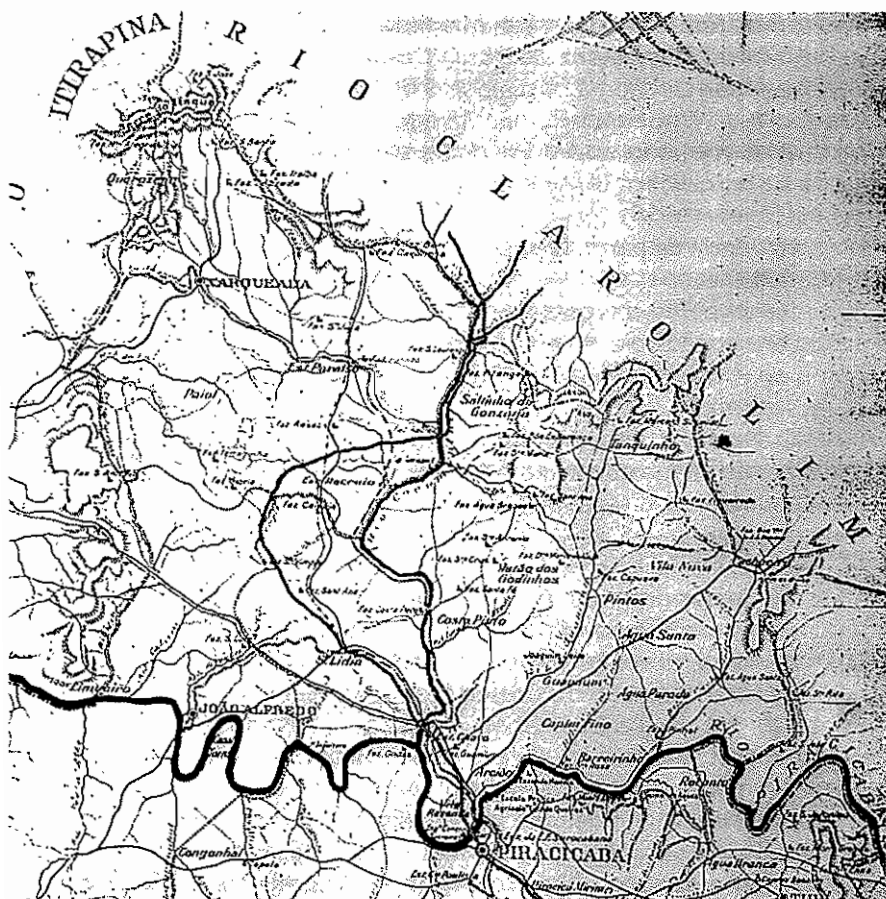
**16- Mapa dos rios Tietê e Piracicaba (06.06.1784)** <sup>113</sup>

O precioso livro comemorativo Piracicaba – Noiva da Colina, edição de 1975, apresenta cópia do mapa enviado ao capitão-general da Capitania, Francisco da Cunha Menezes, pelo Capitão-mór de Itu, Vicente da Costa Taques Goes e Aranha, quando do seu apoio à petição dos moradores de Piracicaba, solicitando a transferência da povoação da margem direita do rio Piracicaba para a margem esquerda. É um mapa desenhado possivelmente por um prático, com o intuito de mostrar os rios, o local escolhido para transferência e assentamento da povoação e o sertão de Araraquara. Através dele é possível constatar que a estrada para o Bairro Araraquara e 1ª Fazenda, sede da fazenda do Dr. José Inácio Ribeiro Ferreira, ex-secretário do governo, também se aproveitava do Picadão de Luís Pedroso. Outro dado claro e fundamental do desenho, a estrada não cruzava o Morro de Araraquara (Serra de São Pedro e do Itaqueri), mas passava ao longo dela. Esse mapa merece crédito, justamente por ser antigo e oficial, apesar de simples e rústico.

<sup>111</sup> 1º TABELIÃO DE PIRACICABA. Livro 1, fls. 47-47v.

<sup>112</sup> Museu Municipal de Itu. Casa da Cultura. 1º Tabelião de Notas de Itu. Livro 32, fls. 42 e 43.

<sup>113</sup> *Piracicaba: Noiva da Colina*. Piracicaba: Prefeitura Municipal, 1975. p. 33.



Roteiro aproximado do Picadão, desenhado sobre o Mapa de Piracicaba - 1938

### **17- Carta do governador e capitão-general Antônio da Silva Caldeira Pimentel ao rei D. João V (25.04.1730)**

*“Os moradores da Villa de Utú, enquanto as minhas molestias me fizerão demorar na praça de Santos, por quazi hum anno, abriram hum caminho por terra para os Guayás, e outro de navegação por vários Rios, sem que o Juiz de fora da mesma Villa o impedisse,” [...] <sup>114</sup>.*

Este documento já foi suficientemente comentado, assim mesmo convém repetir. Os ituanos aproveitavam o Picadão aberto por Luís Pedroso até os saltos de Avanhandava ou Itápara. Parte da carga, a mais pesada, descia pelo rio Tiete, a partir de Porto Feliz, seguindo depois para Goiás, por um desvio aberto por eles mesmos para Santana de Paranaíba. O governador afirma ainda nessa carta ter castigado o juiz de fora de Itu, mandando-o morar no mato do novo caminho...

Sobre esta carta recaíram três despachos do Conselho Ultramarino, um parecer do procurador da Fazenda e um parecer do procurador da Coroa. O rei louva o zelo do governador mas manda deixar as estradas abertas, *“apesar de proporcionarem o desvio do ouro”*.

O Picadão de Luís Pedroso de Barros serviu como estrada durante mais de duzentos anos. Na sua derrota surgiram dezenas de cidades e municípios do noroeste paulista. Aqui foram apresentados alguns documentos, indicando sua existência e valor para a história da região, muitos outros permanecem sem dúvida inéditos.

### **Conclusão**

Os documentos comprovam ser infundada a dúvida de Leandro Guerrini, expressa em 1970, num dos seus famosos quadrinhos, referente a 1721:

5 de SETEMBRO - Toma posse do governo da Capitania de São Paulo o Capitão-general Rodrigo Cezar de Menezes, em cuja atuação oficial se destaca a abertura do celebrizado caminho às minas de Cuiabá, a que se propôs o intrépido sertanista Luís Pedroso de Barros. Tal caminho teve papel preponderante na história da fundação de Piracicaba, embora sem confirmação<sup>115</sup>.

O Picadão de Luís Pedroso de Barros, a “Estrada velha do Sertão dos Bilreiros”, serviu como via de comunicação durante mais de duzentos anos, tendo em sua derrota surgido pousos de tropeiros, povoados e municípios do noroeste paulista. Dele se originaram derivações para Rio

---

<sup>114</sup> Documentos manuscritos avulsos da Capitania de São Paulo (1618-1823): Catálogo 2 – Mendes Gouveia. Bauru: EDUSC; São Paulo: FAPESP/IMESP, 2002. p. 131. doc. 711. CD 1/7.

<sup>115</sup> GUERRINI, Leandro. *História de Piracicaba em Quadrinhos*. Piracicaba: Ed. do I H G P. 1970. v1, p. 2.

Claro e Estrada dos Batatais, Araraquara e Goiás. Seus vestígios em nossa região são ainda comprováveis junto ao Recreio Velho e nos bairros São Joaquim e São Bernardo. Seu estudo pode reformular e enriquecer a História e a Geografia Regionais. É mais um prisma do “mundo paulista” a ser explorado pelos “bandeirantes” da pesquisa!

### Arquivos Consultados

Arquivo do Estado de São Paulo.  
Arquivo Central da Comarca de Ytu, M R C I / M P / USP.  
Arquivo Histórico Municipal de Itu (Casa da Cultura).  
Arquivo Aguirra do Museu Paulista  
Arquivo do 1º Tabelião de Notas de Piracicaba  
Arquivo do 2º Tabelião de Notas de Piracicaba

### Bibliografia

DOCUMENTOS INTERESSANTES PARA A HISTÓRIA E COSTUMES DE SÃO PAULO. Departamento do Arquivo Geral do Estado de São Paulo.

INVENTÁRIOS E TESTAMENTOS. Arquivo do Estado de São Paulo, 1921, v.15, p.176-177 e 181.

REPERTÓRIO DAS SESMARIAS. Divisão de Arquivo do Estado. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1994.

DOCUMENTOS MANUSCRITOS DA CAPITANIA DE SÃO PAULO(1644-1830): Projeto Resgate, Catálogo 1. Coordenação geral de José Jobson de Andrade Arruda. Organização de Heloísa Liberalli Bellotto, Gilson Sérgio Matos Reis. Bauru: EDUSC; São Paulo: FAPESP, IMESP, 2000.

DOCUMENTOS MANUSCRITOS AVULSOS DA CAPITANIA DE SÃO PAULO (1618-1823): Catálogo 2 – Mendes Gouveia. Coordenação geral de José Jobson de Andrade Arruda. Organização de Heloísa Liberalli Bellotto, Gilson Sérgio Matos Reis. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo: FAPESP, IMESP, 2002.

ANAIIS DO MUSEU PAULISTA. São Paulo, 1922, v.1.

ANAIIS DO MUSEU PAULISTA. São Paulo, 1970, v.24.

ALMANAQUE DE PIRACICABA PARA O ANO DE 1900.

AGUIRRA, João Baptista de Campos. Sesmeiros e posseiros. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*. São Paulo, 1938, n. 34, p.259-339.

AZEVEDO MARQUES, Manuel Eufrásio de. *Apartamentos da Província de São Paulo*. São Paulo: Livraria Martins, 2v.

BALESTRINI FILHO, Jorge. O caminho de Luís Pedroso de Barros. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*. São Paulo, 1969, v. 56, p.79-103.

D'ALINCOURT. *Memória sobre a viagem do Porto de Santos à cidade de Cuiabá*. São Paulo: Livraria Martins, [1976].

DEAN, Warren. *Rio Claro: um sistema brasileiro de grande lavoura: 1820-1920*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

GUERRINI, Leandro. *História de Piracicaba em quadrinhos*. Piracicaba: Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, 1970. 2v.

MELLO, Joaquim Silveira. *A fundação de Piracicaba*. In: Almanaque de Piracicaba, 1900.

MOURA, Gentil de Assis. O primeiro caminho para as minas de Cuiabá. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*. São Paulo, 1908, v.13.

NARDY FILHO, Francisco. *A cidade de Itu*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1995. v.3. p.56-59.

NEME, Mário. A primitiva estrada para Cuiabá. *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, 1940, v.69.

NEME, Mário. Um Governador reformista no São Paulo Colonial. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo, 1970, v.24, p.9-53.

NEME, Mário. *Apossamento do solo e evolução da propriedade rural na zona de Piracicaba*. São Paulo: Fundo de Pesquisas do Museu Paulista da Universidade de São Paulo, 1974.

PERECIN, Marly therezinha Germano. O Picadão do Mato Grosso, Contribuição à História de Piracicaba. *Jornal de Piracicaba*, Piracicaba, 1-4 ago. 1991.

RODRIGUES, José Wash. *Tropas paulistas de outrora*. São Paulo: Governo do Estado, 1978. v.10.

TAUNAY, Affonso de E. *História das Bandeiras Paulistas*. São Paulo: Melhoramentos, 1951. v.2.

TORRES, Maria Celestina T. M. *Piracicaba no Século XIX*. Piracicaba: Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, 2003.

ZALUAR, Augusto Emílio. *Peregrinação pela Província de São Paulo (1860-1861)*. São Paulo: Edições Cultura, 1945.

ZINI, Ângelo. *Itu, História de Itu*. Itu: Ottoni, 1995. p.26-28.

## PIRACICABA, SEU RIO, SEUS PEIXES

*Nelson Souza Rodrigues*

### SUMÁRIO

- I - Dados geográficos do seu rio
- II - O piracicabano e seu mundo
- III - Os componentes desse mundo
- IV - O Rio
- V - Os peixes
- VI - Piracicaba a capital desse mundo

### Piracicaba - seu rio e seus peixes

#### I - Dados geográficos do seu rio

- Formação - pela junção dos rios Jaguari (MG) e Atibaia (SP) a partir de Americana;
- Extensão - 177 km 450 m.
- Desembocadura - no rio Tietê, no reservatório de Barra Bonita, no limite de Santa Maria da Serra, São Manoel, Botucatu e Anhembi.
- Desnível - 69m. Da altitude 522 para 453.
- Afluentes - 9 da margem direita: Ribeirão Tatu, Ribeirão Coqueiros, Ribeirão Palmeiras, Ribeirão Guamium, Rio Corumbataí, ribeirão Araquá, Ribeirão Samambaia, Ribeirão do Meio, Ribeirão Vermelho.
- Afluentes - 10 da margem esquerda: Ribeirão Quilombo, Ribeirão dos Toledos, Ribeirão Lambari, Ribeirão Tijuco Preto, Córrego da Figueira, Ribeirão Dois Córregos, Ribeirão Piracicamirim, Ribeirão Itapeva, Ribeirão do Enxofre, Ribeirão dos Marins, Ribeirão de Itaperu. Total de 19 afluentes.
- Salto - altura de 14 metros.
- Largura média - 70<sup>m</sup>, na desembocadura entre 70<sup>m</sup> a 120<sup>m</sup> Santa Maria da Serra.
- Vazão média - 120 m<sup>3</sup>/s.
- Vazão de enchente estipulada pelo Sistema Cantareira - 40 m<sup>3</sup>/s.
- Vazão mínima já ocorrida - 16 m<sup>3</sup>/s.
- Situação geográfica - ocupa parte central do Estado de São Paulo, a noroeste da capital, correndo no sentido leste-oeste, a 22°40' de latitude sul em quase todo o seu percurso e entre as latitudes de 47° e 48°30' oeste de Greenwich.

- Municípios por onde corre - Americana, Limeira, Santa Bárbara, Piracicaba, São Pedro, Anhembi e Santa Maria da Serra.
- Deságuas na margem direita do rio Tietê a cerca de 115 km de Piracicaba.

## II - O piracicabano e seu mundo

Em 2001, uma comissão da França esteve em Piracicaba, sob a coordenação do etnólogo e psicopedagogo Arlindo Stefani, a fim de analisar a evolução social e econômica da cidade, e suas relações com o rio Piracicaba. Durante várias semanas, em "andanças" a pé, procurou encontrar e caracterizar o "espírito do lugar". Desta procura, resultou um diagnóstico denominado "a cara do Piracicaba". Nele, enfatiza que o rio e a cidade, são um "sistema biocultural". "O rio e a cidade relacionam-se tão intimamente a ponto de não haver sentido em caracterizar a cidade, sem referencia-la ao seu Rio" - (in As Águas de Piracicaba, de Costa, 2004).

Esta íntima relação, e de modo simples mas profundo, foi externada pelo conhecido Elias do Boneco - "O rio é minha mãe, é meu Deus. Eu o amo, eu o adoro. Aqui no Rio, estou no paraíso".

Esta exteriorização do velho morador ribeirinho traduz fielmente o que vai no coração dos piracicabanos: o rio é o seu mundo, pelo seu passado, pelo seu presente, e pelo seu futuro, a ser vivenciado pelos filhos.

## III - Os componentes desse mundo

Como estudioso dos seus peixes, acrescentaria ao binômio "cidade x rio", mais um fator preponderante à história do mundo "Piracicaba" ou seja "Piracicaba x seu Rio x seus peixes". Como verdadeira amálgama, os componentes deste trinômio se fundem perfeitamente, originando um outro mais nobre, "O mundo Piracicaba".

Os fatores desta edificação, podem ser distintamente identificados: Rio - seus peixes - cidade (Piracicaba).

Reforçando esta proposição, nos valem das 5 linhas contidas em "A cara de Piracicaba":

*"O índio veio onde o peixe para  
o industrial veio onde o peixe pula  
nós vamos onde o rio espera  
o peixe criou o industrial  
o rio conosco cria Piracicaba".*

São cinco linhas apenas que falam dos primeiros povoadores do nosso "mundo", os índios, do interesse da coroa de Portugal, de abrir um caminho mais favorável para atingir as minas auríferas de Cuiabá, por via fluvial, pelo rio Piracicaba (1693), pelas monções que partindo de canoas, de Araraitaguaba (Porto Feliz) pelo Tietê, atingiam a desembocadura do Piracicaba e, subindo por ele, deram origem a importante "rota das monções" (1725), até a banda do rio Piracicaba, em área da sesmaria pertencente ao termo da Vila de Itu (Torres, Piracicaba no séc. XIX, 2003), pertencente a Pedroso de Moraes Cavalcanti. A subida do Rio Piracicaba, pelos monçoeiros, até atingir o salto, que interrompia a subida, e onde encontravam "peixes em abundância" e existiram aldeamentos de índios, deu origem a uma paragem que se tornou "muito cômoda povoação para que possa exercer para o futuro forme-lhe muito bem as ruas com largura para comodidade dos habitantes e recreação à vista" (Torres).

A fundação de Piracicaba, em 1º de agosto de 1767, primeiramente à margem direita do rio, onde se encontravam hortas, pomares (posteriormente o Engenho Central) e ranchos de pescadores. Posteriormente, foi transferida para a margem esquerda, em 1784, por solicitação de Antonio Corrêa Barbosa, Capitão Povoador.

Além das características favoráveis, com respeito à transferência para a margem esquerda, relatório de 1785 chamava a atenção para a qualidade das terras "capaz de fundar muitíssimas fábricas de açúcar, pois produz todo tipo de cultura" (Torres, 2003). Em 1774, a cultura de cana era desconhecida na Capitania de São Paulo. Já em 1883, o Engenho Central produziu 9.000 toneladas de açúcar, tornando-se o maior produtor do país e o de mais baixo custo de produção. Isto favoreceu a elevação do preço das terras de cultura, sendo a mais elevada do país.

#### IV - O Rio

Como uma artéria, que leva a vida, pelo sangue, a todas as partes do corpo, o rio Piracicaba, singrando pela imensa e esplendorosa floresta que cobria a região, também favoreceu o surgimento e a continuidade vivencial da comunidade surgida abaixo do salto.

Com profundidade favorável ao trânsito de barcos e batelões garantia o transporte a permanência na localidade da incipiente comunidade através de produtos essenciais, como pólvora, sal, armas, facões, enxadas, roupas, botinas e outras mais, e no retorno, levavam o peixe seco, o milho a mandioca, já produzidas no local. O desnível médio de 2,5m por km ao longo de seus 177 km, favorecia a navegação, impulsionada por fortes braços, manejando varejões. Mesmo durante o estio, a váu do rio permitia a continuidade do trânsito fluvial.



A circunstância de que os rios paulistas, se deslocaram para o interior do Estado, contribuiu para que os mesmos (principalmente o Tietê e depois o Piracicaba) se tornassem as vias mais favoráveis para atingir os Estados de Mato Grosso, Minas Gerais e Goiás, onde a descoberta de ouro, motivou o interesse da Coroa Portuguesa. Além deste interesse, havia a motivação expansionista da coroa e o combate à introduções de forças espanholas.

Esta fase da história do "mundo Piracicaba", é conhecida como a do ouro, ocorrida nos séculos XVII e XVIII. Com a decadência das minas auríferas e a tomada pelos espanhóis da colônia de Nossa Senhora dos Prazeres de Iguatemi, em Mato Grosso, a navegação foi voltada mais para a cidade de Piracicaba (1777).

A primeira atividade profissional ligada ao rio, foi a fábrica de canoas, de Antonio Corrêa Barbosa, capitão povoador, ofício que trazia já de Itu.

A navegação pelo rio Piracicaba, tornou-se bem conhecida, despertando a atenção de autoridades que, através do Decreto Provincial nº 5.290 (maio 1873), concedeu autorização para a criação da Companhia de Navegação Paulista, com fins comerciais, por 30 anos. O primeiro vapor lançado às águas, de nome Explorador foi em janeiro de 1874. O êxito desta navegação, posteriormente com 3 vapores, propiciou nova ordem de navegabilidade para também os rios Tietê, Mogi Guaçu e Grande, e com isto, atingiram Mato Grosso, Minas Gerais e Goiás.

A empresa de Navegação Fluvial de Piracicaba, chegou a 3 vapores em 1924: Visconde de Piracicaba, o Souza Queiroz e o Visconde de Itu, este maior, provido de camarotes. Atendiam ao longo do rio Piracicaba, com o transporte de cargas e passageiros, os seguintes portos: Limoeiro, Samambaia e Paredão Vermelho no Piracicaba e Boguary, no rio Tietê. A navegação fluvial era explorada por diversas empresas particulares e pela Estrada de Ferro Sorocabana.

Com o "sangramento" dos rios da bacia e o desvio de águas para municípios e mesmo Estados, como o Sistema Cantareira com 31m<sup>3</sup>/s, a vazão do rio tornou-se insuficiente para manter um calado propício à grandes embarcações.

A construção da barragem de Barra Bonita, no Tietê, na foz do Piracicaba, fez renascer a esperança da navegabilidade de nosso rio, com um porto quase urbano em Ártemis (antigo Porto João Alfredo). Para tanto seria necessária a construção de barragem em Santa Maria da Serra (com eclusa), integrando diretamente Piracicaba ao Mercosul, através da hidrovía Piracicaba - Tietê - Paraná - prata e outros países vizinhos.

Algumas ocorrências singulares, tiveram o rio como ator principal. Por escolha provincial, a província teria como padroeira Nossa Senhora dos Prazeres. De acordo com vários historiadores, em desacordo se

encontrava Antonio Corrêa Barbosa, devoto de Santo Antonio. Por ocasião da transferência da então Freguesia (1784) para a margem esquerda do rio, a imagem de madeira policromada, que se encontrava em capela, na margem direita, não acompanhou os bens transferidos, simplesmente desapareceu. A justificativa, por declaração de testemunha desconhecida foi que a imagem, durante uma das noites, foi vista num bote, iluminado, descendo o rio, rodeado de anjos (??...).

Outra ocorrência histórica, que foi realizada pela primeira vez, em 1826, refere-se a Festa do Divino e até os nossos dias, realizada. De acordo com a tradição é realizada no meio do rio pelos Irmãos do Divino. Os do rio-acima trajados de azul com detalhes brancos e os rio-abaixo, de vermelho e branco. Os Irmãos do Divino, do rio-acima, em pé (cerca de 10) com remos pintados nas cores, vão remando rio abaixo, e mediante apito, param de remar e cruzam os remos para depois continuarem. Os rio-abaixo, distantes uma centena de metros, remam subindo o rio, para o encontro como os irmãos rio-acima. Quando ocorre o encontro, soltam-se muitos rojões e no meio do foguetório, uma dezena de pombas brancas.

Após o encontro, as embarcações sobem o rio, até o local de partida. A festa, é comemorada por uma semana, com missas, quermesses, leilões de prendas. O festeiro é eleito a cada ano.

Outra ocorrência, de natureza hilariante, no início do século XX, com o piracicabano Enéas Mourão simplório, ocupando o seu tempo visitando repúblicas, foi insuflado por estudantes, a ser candidato à deputado. Como gostava de falar, não foi difícil acatar a idéia. Em dia previamente marcado (e amplamente anunciado) trajado a rigor (fraque, calça listrada, camisa branca engomada, casaco recortado, gravata borboleta, chapéu copa-alta) percorreu a cidade no dia aprazado, em carruagem com capota arriada, onde de pé, acenava para a multidão nas calçadas, atraída pelo foguetório e gritaria dos estudantes. Em chegando a praça José Bonifácio, onde era aguardado por pequena multidão. De pé, estimulado pelos estudantes, iniciou seu monumental discurso, sendo a todo o momento interrompido pelos vivas da platéia. A certa altura, em tom dramático e voz pausada, como de quem assume um compromisso, assumiu a responsabilidade de cumprir tudo o que prometeu concluindo "não pensem meus caros eleitores, que venho prometer coisinhas à Piracicaba. Não. Meu programa é um colosso. Em primeiro lugar mandarei construir um viaduto ligando o cemitério da Saudade, a Vila Rezende. Em seguida, darei as necessárias ordens para que o rio Piracicaba seja mudado porque o salto faz um barulhão dos diabos e tira nosso sono..." (Cecílio Elias, nº, 2003).

## V - Os Peixes

O período entre os três últimos meses de cada ano, e os dois do ano seguinte, é fortemente assinalado, desde séculos passados, pela "subida dos peixes", ou a "piracema". Os peixes, estacionados por vários meses, numa região conhecida por "lar de desenvolvimento e engorda" (reservatório de Barra Bonita), aguardam o período favorável para uma migração, conhecida como reprodutora, para atingir o lar ou lares de reprodução, nas cabeceiras ou partes altas dos rios. Como verdadeiros robôs, impregnados por ordem sobrenatural, lançam-se rio acima, vencendo corredeiras, transpondo saltos e cachoeiras, pondo em risco a própria vida, afim de cumprirem uma atividade atávica, a de reprodução e perpetuação da espécie. É a "piracema".

E tão inebriados ficam que pouco se alimentam, deixam-se pegar com as mãos. No lar de desenvolvimento ou idade reprodutiva, e acumulam reserva (gordura) para a migração reprodutiva. As gonadas sexuais, crescem, se entumescem, impregnados de óvulos (nas fêmeas) e espermatozóides (nos machos), aguardando um propício momento, para se unirem e gerarem um ovo, quando já se encontram no lar de reprodução. Este propício momento, é circunstanciado por vários fatores. Além dos fatores climatológicos, como um grande aumento do volume das águas, os fatores físicos, químicos e bioquímicos, e do próprio sistema endócrino.

As desovas dos peixes de piracema, principalmente dos peixes de escamas, são copiosas, são milhares a milhões de óvulos, que podem ser aderentes (à vegetação) e não aderentes (livres no meio hídrico). Este número fabuloso de óvulos é crescente, a partir da primeira desova, atinge o clímax quando o peixe atinge a idade adulta, decrescendo a partir desta idade.

O mais popular (e afamado) peixe do rio Piracicaba, foi (porque hoje raramente é pescado) o dourado. Suas desovas são abundantes. Exemplares com o comprimento de 60cm, idade de 2 anos prováveis e peso de 3,5 a 4,0kg, desovam de 600.000 a 700.000 óvulos. Exemplares com cerca de 1,0 m de comprimento total, peso 14,00 a 16,00kg, idade provável de 5 a 6 anos, desovam de 2,4 a 2,6 milhões de óvulos. Outro peixe muito comum encontrado no Piracicaba, é o Curimatá, hoje é a Tilapia. Os exemplares mais velhos, chamados de curimatá-uvu, chegavam a 0,80m de comprimento com desovas de 800.000 a 1,0 milhão de óvulos. Estes números de óvulos, embora possam parecer fabulosos, não o são.

A sábia natureza, assim o fez, tendo por base a dificuldade (ou milagre) de suas fecundações.

Acredita-se, que em condições naturais favoráveis, sejam fertilizados de 5 a 6% dos óvulos. E, deste percentual, de 1 a 2% conseguem atingir a idade adulta. Isto porque, os peixes de piracema,

desovam nas corredeiras, no torvelinho das águas, e os espermatozóides liberados pelos machos, no mesmo meio, tem alguns segundos para encontrarem a porta de entrada dos óvulos, conhecida por micrópila. Passados estes segundos, o óvulo é hidratado (absorve água) atingindo um volume 5 a 10 vezes maior, encerrando essa micrópila. Os óvulos fecundados, irão desenvolver (caso o meio propicie) um embrião, os demais, se extinguirão. As larvas nascidas, se não atingirem as lagoas marginais, não terão condições para sobreviverem. Nestas lagoas, as larvas além de maior proteção contra predadores, encontrarão o calor necessário ao seu desenvolvimento e o plancton (fito e zooplancton) indispensáveis a sua sobrevivência.

O período de desenvolvimento dos embriões, pode variar de acordo com a espécie do peixe e a temperatura da água. Em condições como a de Piracicaba, da fertilização à eclosão, o dourado, a 24°C, levaria 22h52 minutos. O curimatá, a 26°C, levaria 18h59min., o lambari, a 23°C, levaria 17h55min., a traíra, a 22°C, levaria 52h e 0min.

Os peixes europeus, como a truta, salmão, devido as baixas temperaturas, necessitariam de semanas para eclosão.

De acordo com alguns autores, a riqueza piscícola do rio Piracicaba, era devida a qualidade de suas águas e por apresentar uma maior profundidade na sua foz, contrariamente ao espraiado do rio Tietê. O conjunto de barragens sobre este rio, de Ibitinga, Barra Bonita (desembocadura do Piracicaba e Bariri, aumentou consideravelmente o "espaço" do lar de crescimento e engorda do peixes, graças as eclusas existentes, permitindo livre trânsito ao longo de dezenas de quilômetros.

O estudo sobre os peixes brasileiros, foram registrados em 1587 por Gabriel dos Santos (em português) e por George Marcgrave, em latim. Cuvier, em seu memorável trabalho, "História Natural dos Peixes" em 1817, descreve 5000 espécies, naturalmente contendo grande número dos existentes na bacia, e por isso, considerado o fundador da anatomia comparada e da Paleontologia, por relacionados a espécies fósseis. Karl Friedrich Philipp von Martius, alemão, formado em medicina e dedicando-se às ciências naturais, especialmente Botânica e Zoologia, juntamente com João Batista Spix, também alemão e formado em medicina, percorreram grande parte do Brasil, por volta de 1817, três anos ao todo, publicado entre 1823 e 1831, a famosa obra "Reise Brasilien" - (Viagem ao Brasil) sem dúvida, o marco para as pesquisas naturalísticas do Novo Mundo. As incursões pela bacia Amazônica, resultaram na descoberta de várias espécies da flora e fauna, especialmente de peixes, cujos originais conservados, ainda hoje, se encontram em museus europeus. O trabalho "A Flora Brasiliensis", de Martius, em vários volumes, permanece até hoje, como a mais importante contribuição ao conhecimento da flora nacional.

Em 1907, é publicada a primeira parte do trabalho "Os Peixes da Água Doce do Brasil", autoria do eminente cientista brasileiro Rodolpho Von Hering, com classificatórias para várias espécies encontradas no Piracicaba, como as tuviras, o mussum, a traíra, cascudos, guaru-guaru (barrigudinho), o corimbatá (papa-terra).

Este autor, cita que no seu trabalho, não foram abordados aspectos relativos aos organismos dos peixes por ele abordados, devido os "recentes" estudos a respeito do cientista Alípio Miranda Ribeiro. Fala do recebimento do Museu Paulista (Ipiranga) de um vidro com peixes do rio Piracicaba, principalmente *corydoras microps*, para estudo, enviado pelo Dr. Paulo Moraes Barros.

Um dos mais completos estudos sobre a fauna ictiológica do Brasil foi executado por Dr. Henry W. Fowler, eminente ictiologista da Academy of Natural of Philadelphia, à convite do governo, para a elaboração mais completa possível, sobre os "Peixes de Água Doce do Brasil". O trabalho foi publicado pelo Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo, constante de 4 volumes, a primeira entrega deu-se em 1948, a segunda entrega em 1950, a terceira em 1951 e finalmente a quarta entrega em 1954. Nas 400 páginas totais, foram relacionadas 1334 espécies de peixes, sendo 107 de São Paulo, de seus principais rios, inclusive Piracicaba.

As espécies foram agrupadas por famílias, ordens, sub-ordens e gêneros. As ilustrações das espécies típicas de cada gênero, foram do próprio Fowler. Cada espécie era referenciada ao rio de origem. O total de espécies relacionadas, foi consideravelmente aumentado por novas descobertas. A fauna ictiológica da extensa bacia do rio Tietê, pode ser considerada a mesma ocorrente no Piracicaba, pois como já foi esclarecido, aquele constituía o lar de crescimento e engorda dos peixes de piracema do Piracicaba. mesmo com a construção de barragens no rio Tietê, acredito não ter havido grandes alterações, em suas ictias, pois as superfícies líquidas e o volume de água acumulado, foi consideravelmente ampliado. A barragem de Barra Bonita, onde desemboca o Piracicaba, tem uma superfície hídrica de 3.490 km<sup>2</sup>, e um volume de água armazenada (cheia) de 3.16000 - 10<sup>6</sup>m<sup>3</sup>, tendo a montante, o rio livre de barragens.

Abaixo dela, a barragem de Bariri, com uma superfície alagada encontra-se cheia 55 km<sup>2</sup> e oferece um volume de água armazenada de 544,00 10<sup>6</sup> m<sup>3</sup>. A de Ibitinga, a jusante das demais, 121 km<sup>2</sup> e água armazenada 985,00 10<sup>6</sup>m<sup>3</sup>. Por possuírem eclusas, permitem a passagem ou transferência de peixes entre elas.

Em 1953, o Eng<sup>o</sup> Agr<sup>o</sup> Felisberto Pinto Monteiro, comissionado do Instituto de Pesca, na ESALQ (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, para ministrar aulas sobre Piscicultura, defendem a tese

"Contribuição ao Estudo da Pesca no Rio Piracicaba", na própria ESALQ, para doutorado. Constituiu uma valiosa contribuição à história piscícola do rio, por apresentar referências históricas sobre estudos da fauna do rio, aspectos relacionados à piracema e principalmente, dados censitários sobre a pesca e a comercialização do pescado e suas oscilações. Por último, considerações, sobre a "Ação do Homem sobre a Produção Pesqueira". Relacionou 51 espécies de peixes mais ocorrentes no rio, integrantes de cinco famílias. Os dados censitários, obtidos de várias fontes, principalmente da Prefeitura Municipal (mercado) são de 1917 a 1952, o que permite uma boa avaliação não só do volume de pescado como também, de maior ou menor ocorrência de espécies. Abrange também, o período anterior à construção das barragens no Tietê e o posterior. De um modo geral, verifica-se que os meses de outubro, novembro e dezembro de cada ano, e o de janeiro e fevereiro do ano seguinte, são os que apresentaram maior produção. Entretanto, enquanto os dados obtidos junto à Prefeitura, merecem crédito, os da rua do Porto, pela venda direta do pescador, são de difícil obtenção, além do pescado por pescadores particulares, não comercializados.

Entre 1917 e 1928, a média mensal nos cinco meses foi de 6,2 T, entre 1937 e 1942, foi de 3,7 T e de 1950 a 1952, foi de 8,0 T. Justifica o autor que a média mensal de 1937 a 1942 caiu bastante, devido a entrada de leis protecionistas, como a proibição da pesca no salto e durante a piracema - de novembro a fevereiro, e provavelmente condições ambientais como pouca chuva. O período de 1950 a 1952, ofereceu boas condições ambientais. De um modo geral, os períodos de março a outubro, apresentaram volumes de pescado pouco menos da metade do que os períodos favoráveis, ou seja, durante o período sem chuva. Em quadro com os anos de 1946, 47, 48 e 49, com os respectivos volumes de pescado, com 10 espécies de peixes, a seqüência do maior volume para o menor se manteve constante: curimatá, pintado, jau, dourado, mandi e lambari, variando as demais como o cascudo, piava, peixe miúdo e piracanjuba, esta sempre menos.

Comenta ainda o autor, que o ano de 1949, foi um dos piores em volume de pescado, com o fechamento da barragem de Salto Grande, no rio Atibaia, e a vazão "chegando por vezes a 20m<sup>3</sup>/s nos meses de julho e agosto, volume incapaz de suportar os despejos industriais à fauna aquática". Relata ainda o autor, que no de 1952, o último do seu período de pesquisa, foi excepcional devido a total ausência de fiscalização de julho a dezembro, quando nos três últimos meses do ano, devido a piracema, é maior o volume de peixes. Além da pesca indiscriminada, foi muito usada a rede de arrasto e o tarrafão, proibidos por lei pelos danos causados à fauna.

Nos anos de 1983 e 1984, o pesquisador científico do Instituto de Pesca - CPRN - S.A. trabalhou na pesquisa de levantamento dos peixes

do rio Piracicaba. A pesquisa foi feita ao longo da rua do Porto, entre o trecho conhecido por "poção" (em frente ao Regatas) e a parte da Vila Rezende, cerca de 1.500m. O trecho é bem representativo pois além de ser um local onde todo o peixe que sobe o rio, para, apresenta partes profundas (poção) e relativamente menos profundas (para peixes de couro e escamas, respectivamente) e leito de pedra e areia (de preferência de cascos e peixes miúdos respectivamente). Além do mais, é o trecho onde se encontram ainda alguns pescadores e moradores e um grande número de pescadores profissionais da cidade e de outras cidades.

A vistoria quase diária, por duas vezes ao dia, permitiu um levantamento das espécies capturadas por anzol (varas ou pindacuena) ou por redes (de espera e tarrafa). Primeiramente foi efetuado um minucioso levantamento bibliográfico para se determinar as espécies naturais. A partir deste conhecimento básico, foram sendo relacionadas as espécies encontradas comumente, as que apareciam com certa raridade e as que nunca apareceram. Das 101 espécies naturais, e mais 3 introduzidas (exóticas) com um total de 104 espécies, concluiu-se que na época, existiam 56 espécies temporárias ou em vias de extinção e 32 já extintas, das 19 famílias relacionadas, cada espécie, era distinguida com o seu nome científico, popular e regime alimentar (in Enciclopédia Agrícola Brasileira - EDUSP/FAPESP -IM, 4º vol.).

O estudo dos peixes de piracema do rio Piracicaba e do Mogi Guaçu, resultou na transformação total da piscicultura, em meio não natural.

Na década de 20, Rodolpho von Ihering zoólogo já de nome internacional, estava voltado aos fenômenos circunstanciais das piracemas. Em suas observações nos rios Piracicaba e Mogi Guaçu, chegou a conclusão de que *"quando todos os factores exigidos e determinada temperatura) concorrem favoravelmente, há uma desova geral, nos trechos adequados do rio, ao fim dos quais haja remansos. É a rodada dos peixes"*. Observou que no período propício de 1928-29, os peixes subiram o rio mas se encontravam imaturos. A desova ocorreu meses depois.

Ao perseguir os verdadeiros motivos (ou fatores) que davam origem à migração e a desova, alimentava outros objetivos de grande alcance: a fertilização em meio artificial e a produção em larga escala. Reduzia estes objetivos ao dizer *"ainda criaremos peixes como se criam galinhas"*. E na época não existiam (como na atualidade) chocadeira para vários milhares de ovos.

Seus objetivos, despertaram a atenção do então Secretário da Agricultura - SP - Dr. Fernando Costa que criou e o nomeou presidente da Comissão de Estudo das Piracemas junto ao Departamento de Indústria Animal, da própria Secretaria.

Com mais poder e maior auxílio de técnicos, percorria extensos trechos dos rios Piracicaba e Mogi Guaçu em busca de dados, nos períodos propícios das piracemas.

Embora "*frequëntasse*" o Piracicaba há mais de 20 anos, confessava que "*só depois de bem estudadas e conhecidas as condições, ótimas para a desova do peixe, podemos imitar taes condições, por meio de dispositivos artificiais, copiados dos hábitos naturaes em circunstâncias análogas*". Contava também com o grande conhecimento prático dos pescadores do Piracicaba e do Mogi, ressaltando entretanto "*por todos os motivos devemos proclamar a superioridade do rio Piracicaba*".

Entre os pescadores do rio Piracicaba, contou com amizade, por vários anos do Sr. Rodolpho Lara Campos, popularmente conhecido por conde Lara, que morava em uma chácara, lado esquerdo a montante dos salto, com suntuosa casa, onde instalou-se posteriormente, o Clube de Campo. O conde Lara, além de aficionado pescador, era um auto-didata no estudo de nossos peixes, especialmente do Piracicaba. Ao ter conhecimento da criação da Comissão de Estudos das Piracemas, não só apresentou-se como colaborador como também, mandou construir uma grande lancha, a que deu o nome "São Paulo" para as pesquisas no Piracicaba. com cerca de 10m de comprimento, com motor fixo central, tinha capacidade de embarcar 40 pessoas.

Através de entendimento do Dr. Fernando Costa, Secretário da Agricultura e o Diretor da Faculdade de Medicina de São Paulo, foi possível contar com vários professores, sendo então composta a Comissão do seguinte modo:

Presidente - Dr. Rodolpho von Ihering (Ictiologista e Biologia)

Dr. Flávio da Fonseca (Microbiologia e Química Hidrológica)

Dr. Cesar Pinto (Protozoologia)

Prof. Dr. Lauro Travassos (Helminologia)

Prof. Dr. A. Costa Lima (Entomologia)

Como colaboradores, contava ainda com os acadêmicos Clemente Pereira, João Camargo Barros, Zepherino Vaz, Eduardo Etzel, Santa Maria Doravan Ihering e sua Dora. Ainda como colaboradores, o Prof. Salvador Toledo Piza, da ESALQ e o Sr. Rodolpho Lara Campos. Dita comissão, presente ao lançamento da lancha "São Paulo", também conhecida por "couraçado-mirim", por vários dias, esteve hospedada no Hotel Central, inteiramente as expensas do Conde Lara. As pesquisas de laboratório, eram todas efetuadas no grande laboratório do Engenho Central da Sucrierie Brasiliensis.



Paralelamente a estas incursões, durante as piracemas, por orientação do Dr. Ihering, foram escavadas piscinas com grande volume de água, para serem enchidas rapidamente (ou esvaziadas) por possantes bombas, na Estação de Piscicultura do Ministério da Agricultura, a beira do rio Mogi, em Pirassununga. Com isto, procuravam imitar as oscilações dos rios e provocarem a desova em exemplares sexualmente maduros. Porém, os peixes do rio desovavam, enquanto aqueles do tanque, ou lançavam ovos imaturos ou as reabsorviam.

Antes esses insucessos voltou-se Ihering, auxiliado por Pedro de Azevedo o Ictiologista do Ministério da Agricultura, a fatores do sistema endócrino. Os peixes anualmente, na natureza, passavam pelas fases de: repouso, em maturação, maduro, e não entravam em reprodução, última fase, quando retirados do meio natural.

Argumentou-se durante anos, que a produção endógena do ácido láctico, era responsável por esta liberação de gâmetas. Porém, injeções desse ácido, não promoveram o que pretendiam.

A continuidade das pesquisas, os levou a secreções hormonais da hipófise (ou pituitária) como responsáveis ao amadurecimento e desenlace final do ciclo reprodutivo dos peixes. Através de injeções de soro fisiológico, contendo macerado de pituitárias de exemplares sexualmente maduros, conseguiram em 1935/36, o processo de reprodução dos peixes em ambientes não naturais, conhecidos como "desova induzida". Esta importante descoberta, que teve sua origem no rio Piracicaba e no Mogi Guaçu, foi levada ao conhecimento científico internacional, por publicação em "**Arquivos do Instituto Biológico de São Paulo**" - A desova e a hypoplusão dos peixes. Evolução de dois Nematognathas, 7: 107-124, Ihering, R. et Azevedo, P. de., 1936.

Esta notável descoberta, demarcou a arte ( ou ciência) da piscicultura em duas partes: das desovas naturais e a das desovas induzidas. A metodologia, permitiu se obtivesse de uma desova de peixes (de 1% a 5%) na natureza em ambiente artificial e condições técnicas favoráveis, o aproveitamento de mais de 80%. A profecia de Ihering, no início da década de 20, "vamos criar peixes como se criam galinhas" se concretizava inteiramente.

O veículo do rio, em nosso meio conhecido mais por bote ( ao invés de barco) também marcou presença na história de Piracicaba. Desde sua fundação como povoação e pelo ofício do seu capitão povoador, os barcos de Piracicaba já eram bem conhecidos e recebiam encomendas das autoridades. A madeira era boa e muito farta, o que facilitava essa indústria.

Com o desenvolvimento da pesca e o surgimento dos motores de popa, a indústria de barcos, foi se especializando, adaptando-se não só ao sistema de propulsão, como também, ao rio e a pesca. De secção trapezoidal, de cedro (de preferência) ou ximbó-preto, com costelas (ou

cavernas) de madeiras mais duras, foi especialmente desenvolvido tendo em vista a “pesca de rodada” do dourado. Apesar de seus 8 metros ou pouco mais de comprimento, para abrigar as varas de cana da Índia do pescador piloteiro e do ponteiro, quando em dupla, era de uma incrível docilidade a manejo. Até mesmo, uma criança o manejava com facilidade. Os botes “tipo oga”, fabricados na oficina dos Adamoli, levava por todo o Brasil e mesmo em outros países, a fama de Piracicaba. Via de regra possuíam dois assentos, o do piloteiro, que o fechava na popa (parte traseira) e outro no meio, apoiado nas laterais por duas transversais nas côstelas. Eventualmente se a “rodada” era em duas pessoas, próximo à proa (ponta) era adaptado outro banco. O banco do meio, por vezes, por criatividade local, era verdadeiramente um pequeno viveiro de iscas. Duas laterais às bordas, entre duas costelas, perfeitamente vedadas, à saída de água, com água até meia altura, mantinha as iscas (túrvia, cascudos, saguirus, lambaris) vivas por longo tempo, até mesmo mais de um dia, graças a pequenos furos nas laterais que permitiam a circulação (ou renovação) da água. A pesca, era conhecida como de “rodada”, porque o bote, ao espectador, ia “rodando” rio abaixo, levado pela correnteza. Era porém, uma aparente visão porque o piloteiro, sentado na popa do barco, geralmente encostado no motor deitado, não só impedia que o bote fosse levado livremente pela correnteza como também conduzia a trechos ou locais mais prováveis de encontrar peixe ou de evitar enroscos ou pedras do rio. O piloteiro, geralmente refreando a descida do bote com o pequeno remo pelo lado direito, mantinha entre as pernas, a longa vara, de 8 metros, em movimento oscilante, para que a isca, fosse mantida quase a flor d’água. A maneabilidade do bote, não sem um bom esforço, favorecia o pescador piloteiro. De acordo com aposição da vara (muito alta ou muito baixa) era dada a “ferrada”.

O dourado, ao pegar na isca, como para experimenta-la, dava uma primeira “bocada”. Este momento exige do pescador certa prática para que não movimente a vara e espante o peixe. Após isso, se desloca em velocidade. Se a vara está alta, quando a meia altura (+- 45°) é dada a ferrada com força possível para que o anzol (*mustad* ou *sobey*) penetre no osso palatino. É a “ferrada de braço”. Se porém, a vara está numa posição bem baixa, com a corrida do peixe chega até mergulhar na água, aguarda-se o tranco dado no final da corrida e puxando-se a vara com bastante vigor, dá-se a “ferrada de ponta”. Após a ferrada, com força, a linha tem de ser mantida bem esticada, caso contrário, durante seus empolgantes saltos, solta o anzol. Este tipo de pesca praticado durante várias dezenas de anos, era mais ecológico ou humano pois dava oportunidade, face à perícia ou experiência do pescador, do peixe se livrar do pescador. A pesca de “corrico” (o bote deslocando-se com velocidade

e uma linha com anzol iscado) em que o peixe se ferra sozinho ou a pesca com vara de carretilha, não dão a emoção da pesca de rodada.

Um fato inusitado, citado por Ihering em seu livro **Da Vida dos Peixes**, foi a pesca de um jaú, no rio Piracicaba, com 120 quilos. Segundo consta, este belo exemplar, percorreu a cidade, numa carroça, para ser admirado pela população.

Por outro lado, constituiu a alegria dos pescadores pois, por longo tempo, destruíam todas as redes, espinhéis e pindacuemias armados ao longo da rua Porto. Só foi capturado, graças à fabricação de um anzol especial, na Dedini, e a morte ocorreu sob tiros de fuzil, por soldados da guarda local.

## VI - Piracicaba, a capital desse mundo

O centro do mundo de Piracicaba, é o Salto, habitado por vários séculos passados, pelos índios. provavelmente a taba situada no Porto dos Índios, na margem direita, era próxima à Lagoa das Almas, onde as larvas de desovas dos peixes da piracema iam crescer, se desenvolverem bem protegidos, até tornarem-se aptos a enfrentarem os perigos do rio. Os seus mortos, em igaçabas sulcadas artisticamente, contendo os pertences do falecido, eram enterradas na margem esquerda, na altura da Boyes e do casarão, para continuarem a ouvir o murmúrio do salto, durante toda a vida da eternidade para onde iam. Até mesmo, suas armas, eram ali colocadas, para que seus espíritos guerreiros melhor enfrentassem seus inimigos.

Frondosa floresta emoldurava o salto que em troca do orvalho que umedeceia suas folhas, liberava o nectar de suas flores, para borboletas multicolores e seus frutos, para os pássaros, peixes e indígenas aldeados.

A harmonia natural reinava com todo esplendor, o desfrute dos seus bens eram equitativos, repostos naturalmente, sem causarem desequilíbrios.

Sem nenhuma dúvida, esta conjunção de bens da natureza, motivou a penetração pelo sertão, e, depois pelo rio, a criação da pequena povoação.

Por solicitação de Pedro Morais Cavalcanti, em 1693, ao governo português, foi aprovada a "concessão de uma sesmaria cujo centro era o salto de Piracicaba". Ante a ausência de providências do solicitante, bandeiras de exploradores se aventuraram pelo "sertão", quase desconhecido.

Por volta de 1718-1722, com a descoberta de ouro, em Mato Grosso e Goiás, houve um grande aumento das monções, que partindo de Ararituaba (Porto Feliz) e Itu, desciam o Tietê. As vezes, na desembocadura do Piracicaba, por ele subiam, até o salto. Esta navegação era feita por grandes barcos (batelões) "*construídos em uma só madeira*" ou "*um só pau*" isto é, de um grosso e cumprido tronço, de peroba ou

timburé, tinham seu centro escavado e as extremidades, ainda verdes, com auxílio do fogo, convergidas e impermeabilizadas com cera de abelha, técnica essa adotada pelos índios. Os batelões chegam ater até pouco mais de 1,0 m de boca (abertura das bordas) por cerca de 10 m ou mais de comprimento. Ao grande peso mesmo vazio, eram acrescentadas cargas diversificadas. Por piloteiros, os batelões eram conduzidos ora rio abaixo, ora rio acima, com grande esforço muscular exercido sobre varejões de madeira dura, de 7,0 a 8,0m de comprimento com grande perícia.

O povoado, à margem a direita, foi elevada à Freguesia (1774) e posteriormente, 1784, transferido para a margem esquerda, por petição de moradores, encabeçada por Antonio Corrêa Barbosa, Capitão Povoador, sempre sob a proteção eclesical de Santo Antonio.

À margem esquerda "de muito boas terras, onde se podiam plantar muitas culturas, e a cana e instalar indústrias e usinas de açúcar" teve a Vila da Nova Constituição (1822) e depois Piracicaba (1875), um grande desenvolvimento.

Não resta dúvida que o rio Piracicaba, com sua interrupção pelo Salto (à navegação) e os seus peixes, ali estocados tiveram primordial importância para a cidade Piracicaba, para o "mundo Piracicaba".

Primeiramente o rio, pelas monções, trazendo e levando cargas, inclusive ouro, baldeando exploradores, aventureiros e moradores, soldados, armas e munição para defesa do patrimônio da coroa e o combate aos espanhóis.

A navegação fluvial, foi iniciada a partir de 1866 por autorização da Coroa, sendo criada a Companhia Fluvial Paulista, com trânsito desde Tietê até Avanhandava e por todo o rio Piracicaba, com 5 vapores e 24 lanchas, até os finais do século. As cargas desciam o Piracicaba até o Tietê. No estio, devido o baixo calado, eram descarregadas no canal Torto e lá, reembarcavam nos trens da Companhia Ferroviária Ituana (1886), posteriormente adquirida pela Companhia Sorocabana, que funcionou até 1961.

A rua do Porto (antes da Praia), era porto fluvial muito movimentado. Foi inaugurado pelo Barão de Rezende e logo depois, num dos vapores da companhia, o Santo Estevão, teve a glória de receber D. Pedro II, que viajou até o Porto Araquá. Os vapores, sem exceção, tinham os serviços de manutenção garantidos, pela oficina de João Bottene e irmãos, situada nas margens do Itapeva. Não só dos vapores mas também das locomotivas da Ituana- Sorocabana. A familiaridade com estes "locomóveis" como chamava e a genialidade de João Bottene, o induziu a construir o vapor "Barreiro Rico" e mesmo, locomotivas, que ao que consta, prestou longos anos de serviços à Sucrerie Bresilienne, no Engenho Central. Na viagem inaugural do Barreiro Rico da rua do Porto à João Alfredo, com familiares e convidados à bordo (cerca de 30 pessoas e 10

crianças) verificou que a altura da chaminé, não permitia a passagem por baixo da ponte. Não teve dúvidas: ancorou o vapor, cortou a chaminé e seguiu a viagem. Um dos primeiros vapores construídos, por Bottene, foi o “Explorador”, a pedido do Sr. Rodolpho Lara Campos, o Conde Lara, para pesquisas no rio, atrás referido. A oficina Bottene, não só cuidava da manutenção dos vapores mas também de suas reformas. Graças a essa prestação de serviços, os vapores tracionados a vapor, com caldeiras, de grande peso e volume, foram posteriormente recebendo motores de combustão interna, gasolina ou querosene. Assim, Piracicaba tomou-se um centro especializado na manutenção e reforma de vapores de águas fluviais, do país e países vizinhos. A genealidade dos Bottene, também foi estendida a outros setores. Como sargento voluntário na revolução de 1932, fabricou granadas de mão, e inventou um combustível denominado **“Constituição”**, com a mistura de 5% de óleo de mamona como aditivo, ao álcool. Com isto, nos idos de 1932, já usava o “bio-combustível” tão propalado hoje.

Mais um fator que liga o prestígio de Piracicaba, ao seu rio, são seus peixes. Com uma fauna expressiva, de 101 espécies naturais, superior a de muitos países. Todos os anos, vencendo muito obstáculos e mais de uma centena de quilômetros, “estocam-se” no salto onde se deixam apanhar com as mãos. A água turbilhonada (do salto), altamente oxigenada, garante a fecundação dos milhares de óvulos lançados no torvelinho das águas, garantindo a reposição no estoque pesqueiro. Inebriados pela volúpia da conjugação sexual, permitem uma pacífica convivência entre espécies forrageiras e predadoras. O esplendoroso acontecimento da natureza, de origens atávica, é a garantia da perpetuação das espécies, cada uma delas, depois da missão cumprida, retornam em nova migração, ao lar de repouso, a espera do ano seguinte, por nova piracema. Assemelham-se a atletas, retornando de uma olimpíada.

Entre a centena de espécies de peixes, o dourado, teve uma prevalência, não tanto pelo volume pescado, mas pelo sabor da sua carne e pela exigência da perícia do pescador para vencer as artimanhas do peixe, pela adrenalina liberada quando depois de ferrado, emerge do meio líquido, com todo esplendor do seu amarelo-ouro, por quase 2 metros. A fama de sua pesca, extrapolou os limites do município e mesmo do estado. Favoreceu a grande inscrição na colônia Z-20, de pescadores, do Ministério da Agricultura, a ponto de torna-la, a segunda maior (depois de Santos). Cumpria a nobre missão de peixe propaganda. Em décadas passadas, por ocasião das festas natalinas, o grande Mercado Municipal de São Paulo (mercadão), para glória do rio e da cidade, cobria com grandes faixas suas laterais com o seguinte dizer: “Dourado de Piracicaba”. A “fábrica de gelo”, do Maluf, situada na confluência das ruas São José e Alferes, enviava para todo o interior de São Paulo e mesmo para outros

estados, dourados "embutidos" em barras de gelo de aproximadamente 0,50 x 0,30 x 1,0m, conveniente embaladas (serragem e panos de amiagem-juta) por via, ferroviária. Dados conseguidos dos anos 50, 51, e 52 nos forneceram o número de 455, 243 e 385 de exemplares respectivamente, embarcados num total de 1083. Se considerarmos um peso abaixo da média, para a época, de 4,0kg, teremos um total de 4.332 kg. Para um peso médio mais favorável, de 6,0kg um total de 6.498kg. várias toneladas do peixe nobre, alardeando por paragens distantes, Piracicaba, seu rio e seus peixes. Constituíam sem dúvida nenhuma, um magnífico presente natalino a amigos e parentes distantes.

Todas estas circunstâncias, imprimiram desde o período do Brasil-Colônia, um espírito pioneiro do conhecimento e empreendimentos como também de suas credices ou lendas, emanados de piracicabanos de nascimento e piracicabanos de coração.

Com respeito à navegação com barcos ou navios com propulsão à vapor, o invento inglês do século XVIII, a caldeira, surgiu o seu aproveitamento para tratores agrícolas e navios entre 1771 a 1833, e depois aos trens. No Brasil, segundo historiadores, o primeiro barco a vapor surgiu em 1819 na Bahia, construído por Felisberto Caldeira Brant Pontes de Oliveira e Horta, depois Marques de Barbacena. Em 1822, no Rio de Janeiro, foi tentada a primeira travessia de Bacia do Guanabara, com insucesso. A partir de 1835, foi instalado serviço regular de transportes entre Rio de Janeiro e Ilha de Paquetá. No Amazonas, o serviço regular foi iniciado em 1870. Como vimos acima, em 1866, o rio Piracicaba e parte do Tietê, já tinha autorização da Coroa, para serem navegados por barcos à vapor, e, em 1876, já tinha linha regular até o Limoeiro de propriedade do Conselheiro João Alfredo. As cargas desciam até o Tietê e lá, desciam ou subiam. No estio, desciam até o canal Torto no Piracicaba, onde eram reembarcadas nos vagões da Cia Ituana e mais tarde, Sorocabana, que funcionou até 1961. Entre vários vapores o "Explorador" era um dos mais conhecidos.

Com respeito ao abastecimento de água à população, alguns anos após a criação da Companhia Cantareira de Água e Esgotos, em São Paulo, para substituir o abastecimento por chafarizes e carros pipa puxados por muares, foi inaugurado em Piracicaba (1887) o sistema de distribuição de água, bombeada do rio ao domicílios. O ato inaugural do empreendimento executado pelo imigrante italiano Carlos Zanotta, contou com um esguicho d'água (depois chafariz), na Praça José Bonifácio, que com seus 8 a 10 metros de altura, banhou muitos convidados à cerimônia.

A água era bombeada diretamente do rio e no período das chuvas, apresentava-se escura devido as enxurradas, o que causou grande polêmica dos moradores das 250 casas abastecidas. Para contornar o inconveniente, o Hotel Central, importou equipamento da Europa, para o

fornecimento de água filtrada aos seus hóspedes. Por sua vez, a Câmara Municipal, obrigou a empresa de Carlos Zanotta a construir caixas de descanso ou sedimentação para melhorar a qualidade da água servida. Esta melhoria tornou-se pioneira para o interior de São Paulo, e de outros municípios e mesmo Estados do país.

Na área do ensino, também Piracicaba tornou-se um marco no Estado e no país. Graças ao idealismo de Luiz Vicente de Souza Queiroz, nascido em São Paulo em 12/06/1849, depois de realizar estudos em escolas superiores de agronomia e veterinária, na Europa, em Grignon (França) e em Zurique (Suíça), retornava ao Brasil, estabelecendo-se em Piracicaba e construindo uma fábrica de tecidos (Santa Francisca - 1872), uma usina hidroelétrica, para iluminação pública, trabalhou na organização da navegação fluvial e na aclimação das essências florestais estrangeiras. A idéia de instalar uma escola agrícola, era sua grande ambição, tendo em vista o que vira e aprendera na Europa. Para tanto, arrematou uma hasta pública, 1881, a Fazenda São João da Montanha, distante 3 quilômetros da cidade, para essa instalação. Iniciou a construção do prédio, tendo por base projeto para uma Escola Agrícola, da Inglaterra, como também de uma fazenda modelo. Dos Estados Unidos trouxe um professor de agricultura e da Espanha, dois arquitetos para as obras da escola. A necessidade de uma supervisão constante, obrigou Luiz de Queiroz a transferir sua família, para o canteiro das obras, deixando sua suntuosa casa conhecida hoje como "Casarão da Boyes". Tendo em vista dificuldades financeiras pelo custo das obras e por não ter conseguido auxílio financeiro do governo. Resolveu transferir a fazenda São João da Montanha e as obras da futura escola, para o governo do Estado, com a ressalva de "terminar a construção e inaugurar a Escola Agrícola, dentro de 10 anos". Em 1892, a operação efetivou-se. A Escola Agrícola Prática de Piracicaba foi criada pelo decreto estadual 863-A, de 29 de dezembro de 1900. No ano seguinte, outro decreto mudou-lhe o nome para Escola Agrícola Prática Luiz de Queiroz. Em 3 de junho de 1901, por intercessão do então secretário de Agricultura, Cândido Rodrigues, as obras foram concluídas e a escola inaugurada, concretizando-se assim, o sonho de Luiz Vicente de Souza Queiroz.

Em 1931, em obediência aos propósitos de Luiz de Queiroz foi transformada em escola superior voltada as pesquisas agrônômicas, recebendo o nome de Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ). Desde sua fundação a Escola esteve vinculada à Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo. No governo de Armando Salles Oliveira (1934), interventor federal, foi criada a Universidade de São Paulo - USP, com a reunião de várias universidades e faculdades incluindo a ESALQ que se constituiu no primeiro organismo de ensino superior, voltado inteiramente aos problemas do campo agrícola, zootécnico e industrial,

no Estado, o terceiro do Brasil, pela existência de uma escola agrícola anterior, na Bahia e outra no Rio Grande do Sul. O espírito pioneiro da ESALQ, motivou a criação do curso superior de Engenheiro Florestal junto ao Instituto de Pesquisa Florestal - IPEF, da mesma escola e a Faculdade de Economia Doméstica. Desde o dia 01/05/1901, quando a ESALQ abriu inscrição para onze alunos regulares e três ouvintes, para o início do curso em 03 de junho de 1901, passaram pelos bancos, cerca de 10.000 graduandos. Foi igualmente pioneira na USP, na área dos cursos de pós-graduação, de mestrado e doutorado, com cerca de 5000 teses/dissertações (3500 dissertações e 1500 teses). Foi igualmente primeira com a criação de um centro de energia nuclear, o Centro de Energia Nuclear na Agricultura - CENA, único na América Latina. Surgiu na década de 1950, graças ao empenho de um grupo de professores que vislumbraram a importância da pesquisa com irradiação e isótopos desenvolvidos isoladamente. Em 1961, em razão das pesquisas já realizadas, celebrou convênio com a Comissão Nacional de Energia Nuclear - CNEN. Alguns anos após, por motivo de seus trabalhos na área da energia nuclear foi visitada por técnicos pesquisadores da Agência Internacional de Energia Nuclear - AIEN, órgão da ONU, sendo assinado convênio como órgão de pesquisa agregado na área nuclear, em 1972, fato que consolidou seu desenvolvimento graças ao fornecimento de aparelhagens de última geração e financiamento de pesquisas de interesse do país e internacional. Embora o CENA tenha sido criado voltado à pesquisa, é também um órgão de ensino, através dos cursos anuais de mestrado e doutorado. O campus da ESALQ (com suas estações experimentais, inclusive em outros estados como o Paraná) corresponde a mais de 50% do total da própria USP e de cerca de 15% da área edificada (da USP). Por todos estes dados, com certa segurança, pode-se profetizar para um próximo futuro, a criação da Universidade Luiz de Queiroz. Fazem jús a esse prognóstico, os cursos superiores que mantêm atualmente: Engenharia Agrônômica, Engenharia Florestal, Gestão Ambiental, Ciências Econômicas, Ciências de Alimentos e Ciências Biológicas.

A comunidade piracicabana, sempre esteve voltadas aos problemas sanitários da cidade e do seu rio. Em 1883, por aprovação da Câmara, foi iniciada a coleta de lixo, na cidade. Alguns anos após, em 1885, através da Lei Municipal do intendente, pioneiramente, a instalação da rede de esgoto. Cinco anos após, já contava com 412 ligações que, infelizmente, terminavam no rio, e com 2.108 metros de extensão. Em 1913, foi inaugurado um grande crematório para evitar que o lixo da cidade, fosse lançado em terrenos e áreas desabitadas e no rio. Já em 1942, o então prefeito Engº Agrônomo José Vizioli, instalou um grande biodigestor, que recebia todo o esgoto da cidade, evitando seu lançamento, *in-natura* no rio. Financiou durante anos,



água resultante com baixo teor poluente e resíduo sólido, o bio-fertilizante, que era vendido a chacareiros e horticultores, a baixo preço, e também empregado nos jardins públicos da cidade. Infelizmente, não era aproveitado o gás metano, resultante da biodegradação do esgoto, que por diferentes sistemas, como combustível, aliviaria com a sua venda, a manutenção do sistema altamente ecológico. O sistema, que mais parecia um grande disco voador, foi construído na rua Rangel Pestana, onde hoje se encontra instalada a Loja Maçônica. O bio-fertilizante, além de proporcionar uma alta produtividade, era livre de pragas, exterminadas pela temperatura gerada durante a biodigestão. Trazia porém um inconveniente, a de não impedir a germinação das sementes de tomate. Quando aplicado nos jardins públicos e principalmente da Praça José Bonifácio, transformava-a num verdadeiro "tomatal". Causou muita surpresa e comentários jocosos, quando em certa ocasião, surgiu no meio do tomatal, um pé de abacate?... Ocorrência natural ou fenomenal?...

A mortandade de peixes, sempre foi o estopim de grandes movimentos de revolta dos cidadãos piracicabanos. As manchetes dos jornais como o Jornal de Piracicaba, O Diário, A Tribuna, com fotos chocantes e comentários contundentes contra seus causadores, contribuiu para que Piracicaba, fosse reconhecida como uma das cidades de São Paulo e do país, que mais se envolveu na defesa de um rio. Primeiramente, os movimentos eram contra o lançamento do restilo das usinas, no rio. A safra de cana, de maio a dezembro ou janeiro, pegava o rio em duas críticas situações: de maio a setembro, com água reduzida, o índice ou taxa poluente era tão grande que a água, mesmo após tratamento, era quase intragável; de outubro a dezembro ou janeiro, mesmo com mais água, atingia diretamente não só os peixes das piracemas, como também suas desovas, que necessitavam de água com certo teor de pureza. Leis protecionistas foram promulgadas, como a da proibição do lançamento do restilo no rio e a obrigatoriedade da construção de lagoas de retenção, geralmente bem próximas ao rio, onde eram estocado os muitos milhares de metros cúbicos de vinhaça. Mas geralmente, logo no início das chuvas, criminosamente os diques destas barragens eram rompidos, atribuindo-se o fato, à ocorrência de uma grande enxurrada. E o rio, mesmo com mais água, atingia índices poluentes elevados, com grande mortandade de peixes. A descoberta em 1945, pioneira, por professor da ESALQ, Dr. Jaime de Almeida Rocha, de que a vinhaça, (considerada até então, capaz, de esterilizar o solo), podia ser aplicada no solo, controladamente, se constituía num ótimo adubo. Este processamento, deveria melhorar consideravelmente, a qualidade do rio Piracicaba com todas suas boas conseqüências, não fosse, o surgimento de novas ocorrências desfavoráveis: aumento da população na bacia e conseqüentemente, dos

esgotos comunitários; aumento de indústrias e dos esgotos industriais; retirada de água pelas comunidades, indústria e irrigação; início da retenção de água pelo sistema Cantareira e da barragem de Salto Grande - Americana (1950). Como conseqüências, a redução da vazão e o aumento da poluição. Por cerca de duas décadas, esta situação foi piorando atingindo um "clímax" em 1970, quando o sistema Cantareira, após concluir todas as barragens necessárias (Jaguari, Atibaia e Atibainha), começou a retirar os 31 m<sup>3</sup>/s, para garantir 60% do abastecimento de água da capital e a cerca de 9 milhões de paulistanos. Piracicaba, sendo a última cidade da bacia, tendo a montante mais de 4 dezenas de municípios, recebendo todos os seus dejetos comunitários e industriais, tornou-se um êmolo no Estado e País, na luta pela causa ambiental. Mais de uma dezena de ONGs foram criadas (e extintas) por apresentarem apenas protestos contra os danos ambientais sem um aprofundamento de suas causas. Em 1983 ao assumir a presidência da Divisão de Meio Ambiente da Associação de Engenheiros de Piracicaba, o Eng<sup>o</sup> Agrônomo Nelson de Souza Rodrigues, se propôs encetar uma campanha a médio e longo prazo, que além de ampla conscientização junto à escolas, clubes de serviço, associações de classes, levasse reivindicações e propostas para a solução dos múltiplos problemas da bacia com suas respectivas justificativas junto ao governo do Estado. Assim, a Campanha Ano 2000 - Redução Ecológica da Bacia de Piracicaba, lançada em 1983, resultou num grande impacto ao longo de toda bacia, e sua "Carta de Reivindicações ao Governo Orestes Quercia" (1985), constituiu "um dos primeiros documentos políticos que exigiram prioridade de atenção por parte do poder público frente à Bacia do Piracicaba". Foi o fruto de inúmeros estudos e debates não só em Piracicaba como em outras cidade próximas - Monticeli, J.G. A carta, apresentou de modo pioneiro para o Estado e País, um novo modelo de luta pelas causas ambientais, com a apresentação dos problemas e suas respectivas soluções e justificativas. Constituiu em novo modelo de gestão de bacias hidrográficas, resultando na criação de consórcio e comitês de bacias, cobrança d'água com retorno à própria bacia, construção de ETEs com recursos de fundos especiais FHIRO, de modo escalonado, campanhas educativas e concurso junto à escolas, e do reconhecimento de que uma entidade não oficial, mediante sua argumentação, pode alterar estruturas oficiais.

Desde sua origem, Piracicaba já conhecia a cana para uso familiar. Após 20 anos de sua criação, em 1787, já possuía três engenhos, em 1799 possuía 9 e no início do século XX, tornou-se o município de maior produção de açúcar da América Latina, graças ao concurso de grandes engenhos como o Central e o Monte Alegre. Estes engenhos favoreceram o desenvolvimento da indústria metalúrgica, para a fundição de grandes engrenagens, eixos e moendas. Paralelamente a isso, tornou-se pioneira

e maior fabricante de Usinas de pequeno, médio e grande porte, não só no país, como no âmbito internacional. Tornou-se o polo central do programa "Pró-Álcool" e atualmente, o polo central do Biocombustível, sediado na ESALQ.

Na área política, Piracicaba também se sobressai e, Prudente de Moraes, eleito primeiramente como Presidente na Província de São Paulo. Recusados no Império por ser republicano, tornou-se o primeiro governador do Estado de São Paulo, depois, Presidente da Constituinte e primeiro Presidente Civil da República.

Como Piracicaba era considerada um "covil" de políticos, desde o período monárquico, sua imprensa também era atuante, entre as "frentes" de conflito dos partidos. De acordo com alguns historiadores, o primeiro jornal do Estado de São Paulo, foi o "Pasquim", manuscrito em 1823, cinco anos antes do primeiro jornal paulistano o "Farol Paulistano" de 1828. Em 1874 (76) o "Piracicaba", em 1877 o jornal humorístico "Bugre"; em 1879, o "O Corisco"; ainda em 1879, "A Democracia"; em 1880, o "A Alvorada"; em 1882, o "Piracicabano"; em 1883 o "Diário de Piracicaba" e o "Lavrador Paulista". O primeiro jornal diário em Piracicaba, foi a "Gazeta de Piracicaba", que funcionou em 1882 até 1930. Posteriormente, em 1900 o "Jornal de Piracicaba", que em 1939, foi adquirido pelos irmãos Eugênio e Fortunato Losso. Em 1934, surge o "Diário de Piracicaba", proprietário Jacob Diehl Neto. Como curiosidade, o Diário de Piracicaba, em 1953, foi editado com celulose do bagaço de cana, obtida da Cia Refinadora Paulista, de Lino Morganti. Em 1968, o Diário de Piracicaba passou a ser "O Diário". Em 1974, surge a "Tribuna Piracicabana".

A cidade, desde séculos passados, contou com bom número de imigrantes em várias atividades principalmente na lavoura. Em 1860, já com bom desenvolvimento com 29 fazendas de café, 4 de cana, 6 de chá, com 7.000 habitantes, na cidade e 22.000 no município e 5000 escravos, tinha entre os imigrantes, alemães, suíços, americanos, exercendo atividades como ferreiro, funileiros, ourives, carpinteiros. Em 1882, já contava com 2.015 estrangeiros e em 1920, com 22.430, representando 16,31% da população da região.

O progresso e o desenvolvimento de Piracicaba, está intimamente ligado aos seus imigrantes. Em 1862, desembarcaram em Santos, Pedro Krahenbühl e sua esposa Bárbara Margarida Zar Fluh Krahenbühl, com seus dois filhos, com 2.600 contos de réis no bolso. Atravessaram a Serra do Mar em lombo de burro para chegar depois de vários dias à Vila Nova da Constituição (Piracicaba). Logo tornou-se amigo de Luiz de Queiroz. Por resistir a ir para lavoura, montou uma pequena oficina para construir carroças.

Com isto, depois da fabricação de barcos por Antonio Corrêa Barbosa, deu início à fabricação industrial empregando o ferro, pioneira em Piracicaba como também no Estado. Sua oficina instalada nas proximidades do ribeirão Itapeva, teve grande desenvolvimento, pois além das pioneiras carroças, surgiram as charretes, troles e carruagens, e mesmo veículos com maior capacidade de transporte como os coches, de praça com capota conversível, e as chamadas de jardineiras, fabricadas em 1908 para o transporte de alunos da cidade à Escola Agrícola, partindo do cruzamento da rua São José com a Benjamin. Os veículos mais simples eram puxados por burros ou mulas, os de famílias abastadas, por cavalos, as vezes juntas de cavalo brancos, comandados por um cocheiro uniformizado e por vezes de chapéu alto e luvas brancas. Estes veículos da classe nobre, tinham os assentos de couro vindos da Rússia, e as partes metálicas, de bronze polido.

Na então rua do Comércio (hoje Governador) instalou uma grande loja, com exposição permanente da variada linha de produção. Até mesmo um carro fúnebre, com todos os aparatos requeridos (cortinas, adereços variados), cobertura com pequeno anjo de asas abertas, foi construído e doado a Santa Casa de Misericórdia, para alegria dos acompanhantes dos cortejos fúnebres. Os eixos de seus locomóveis, eram importados de Hamburgo. Com a guerra de 1914 dificultando a importação, passaram a ser fundidos em sua própria oficina. A iluminação das viaturas era feita com artísticas lanternas e carbureto. Com a morte de Pedro, aos 62 anos, e a sucessão a filhos e genros, a oficina e principalmente a fundição, foi vendida a Mário Dedini, que já trabalhava na metalúrgica Dedini, retaguarda dos Engenhos Central e Monte Alegre. Na época, com a fundição de eixos, engrenagem, moendas, só encontradas em países europeus. A variedade e qualidade dos veículos da indústria Krahenbühl, tornaram Piracicaba, centro de preferência destes veículos para o estado e país.

João Bottene, considerado verdadeiro gênio da mecânica, cresceu na oficina mecânica de seu pai a Bottene & Filhos, fabricante de charrete, troiles, carroções, além de outros artefatos de ferro como parafusos, enxadas, podões que levavam a marca "Estrela". Desde criança demonstrou grande tendência para a mecânica, inventando e construindo pioneiramente, vários equipamentos, granjeando à sua terra natal, Piracicaba, mais fama na indústria metalúrgica. A firma, instalada à beira do Itapeva (hoje Armando de Salles Oliveira), dava assistência as Estradas de Ferro Ituana e depois Sorocabana, que para facilitar os serviços, estendeu seus trilhos até dentro da oficina. Esta experiência com locomotivas, fez com que construísse duas em sua oficina, sendo as primeiras construídas no país. Constituíam em escala natural, o protótipo em miniaturas, que fizera quando tinha 17 anos, movido a vapor de caldeira

alimentada com gravetos. Construiu vários vapores para a navegação no Piracicaba e Tietê, e dava assistência aos demais em uso, atividade que cresceu com o desenvolvimento de vapores na rua da Praia (hoje do Porto) e o aumento da produção do Engenho Central, com os seus vapores transportavam lenha para o Engenho.

Com a chegada dos motores de combustão interna, a gasolina ou querosene, fazia a transferência nas embarcações, das volumosas e pesadas caldeiras para motores de combustão interna. O vapor da família, o "Prainha" era usado para passeios com muito convidados entre a rua do Porto e o porto João Alfredo.

Com a chegada dos automóveis, a oficina dos Bottene, tornou-se a única capaz não só de atender quanto a manutenção como também a fabricação de pequenas peças, só encontradas no país de origem dos outros. O primeiro freguês da oficina, foi o Dr. Paulo de Moraes Barros, prefeito de Piracicaba, dono do primeiro automóvel da cidade. Durante a revolução de 1932, devido a dificuldade da compra de gasolina, desenvolveu um motor a álcool, para o seu "Ford 29", e posteriormente um motor bio-combustível, com óleo de mamona e álcool (5% + 95%). Durante a II Guerra mundial, devido a falta de combustível, pioneiramente desenvolveu um motor gasogênio, que usavam o gás da queima de carvão vegetal.

Movido por grande interesse pela aviação, comprou um avião semidestruido "Piper", o reconstruiu, tomou o nome de "Borboleta Azul" e com ele, tirava seu brevê. Em 10 de março de 1941, o Aero Clube de Piracicaba, abre vagas de pilotagem, para mulheres. A única candidata é a sua filha Zayra, que tira o brevê em 29/10/1941, a primeira (e única piracicabana) e a terceira do país. João Bottene, como gerente técnico da Usina Monte Alegre, inventou vários equipamentos melhorando a qualidade e a fabricação do açúcar, posteriormente adotados em várias usinas. Em 1947, juntamente com o Engenheiro Químico Romeu de Souza Carvalho, funda a MAUSA - Metalúrgica de Acessórios para Usinas S/A, existente até hoje, e que muito contribuiu para o desenvolvimento da indústria açucareira do país. Faleceu em 7 de outubro de 1954 e seu lugar, como gênio da mecânica, não foi ocupado e possivelmente, jamais será.

Na área da metalurgia pesada, Piracicaba já é referência internacional não só na fabricação de vergalhões para construção (a Dedini forneceu toda a ferragem da ponte Rio - Niterói) como de aço especiais (Belgo Mineira e outras) de equipamentos para usinas de açúcar ou mesmo, destilarias de médio e grande porte para o país e outros países (Estados Unidos, Japão, países sul americanos).

Tem produzido eixos e outros equipamentos para grandes hidroelétricas nacionais e estrangeiras.

Além da importância da área de metalurgia para a posição exponencial de Piracicaba, recorde-se a sua produção sucroalcoeira, iniciada por Mário Dedini, Pedro Ometto e Pedro Morganti, patronos do "Império do Açúcar". Favoreceu em censo de 2202/2003, ser considerada "O maior centro açucareiro da América Latina".

Na área de eventos tradicionais, a Festa do Divino é a mais tradicional, e mais recentemente, em sua 16ª realização, a "Paixão de Cristo", a segunda em idade e importância do país, constituindo ambas, importantes fatores do desenvolvimento turístico regional e do país, naturalmente associado as belezas naturais (Salto, ESALQ) e ao "pintado na brasa", do restaurante do salto e o "peixe no tambor" ao longo da rua do Porto.

As cidade de Tietê, Itu, Porto Feliz e Piracicaba, sempre se destacaram pelos seus artistas, cantadores e seresteiros. Na arte pictórica, Miguel Dutra, ou Miguelzinho, como era mais conhecido, deixou um verdadeiro "clã" de artistas célebres, os Dutra, que tiveram premiações em vários salões nacionais e internacionais; e quadros em museus. Em 1860, Miguelzinho abriu em Piracicaba, um museu geral de pinturas, o primeiro no Estado de São Paulo, que funcionou até sua morte. Os Dutra, além de se dedicarem a temas rurais, tiveram o rio Piracicaba e o seu Salto, como principal foco de inspiração artística. Além destes, Almeida Júnior, Alberto Thomazzi, Álvaro Segá, Benedito Costa, Eugênio Nardim, Manoel Matho, Joca Adâmoli, Eugênio Losso, Frei Paulo de Sorocaba, Manoel Rodrigues Lourenço, Renato Wagner, que também tiveram no Piracicaba, a inspiração de obras constantes de acervos de vários museus e pinacotecas, nacionais e estrangeiras.

Dezenas de duplas sertanejas também foram formadas, como o Tonico e Tinoco, Tião Carrero e Pardinho, Pardinho e Pardal, ou em solo, Cobrinha. Entre os vários temas abordados como as juras de amor, do coração amargurado ou da saudade daquele beijo invariavelmente figurava o rio Piracicaba, pelo seu Salto, seus peixes e pela sua poluição. Entre muitas toadas, transcrevemos algumas quadras de alguns autores:

*Do Toninho do Mirante  
Velho rio Piracicaba  
Tem encanto e beleza  
Na cachoeira que desaba  
Sua grande cachoeira  
É água que não se acaba  
É o encontro da natureza*

*De Helly Campos Melges  
Meu velho rio, meu Piracicaba  
A tua grande fauna era motivo  
De orgulho para tua cidade  
Durante a piracema em dias claras  
Quando tentavam escalar o salto  
Lutando contra as águas encachoantes  
Pelas múltiplas lentes das escamas  
Teu peixes refletem o arco-íris.*

*De Mariporã  
O rio Piracicaba  
Quem te viu e quem te vê  
Até mesmo a natureza  
Hoje chora por você  
O rio está poluído  
Na mais cruel judiação  
Os peixes todos morreram  
Por causa da poluição.*

A seresta era constituída por pequeno grupo de quatro, cinco ou seis pessoas, com os seguintes papéis: o cantador (o principal), o acompanhante (ou os) musical (violeiros ou os), os acompanhantes amigos, e os xeretas ou curiosos. O principal instrumento era o violão, as vezes um cavaquinho e raramente um violino, pois os instrumentos de percussão não eram usados.

As "amadas" eram "cantadas" em noites mais claras ou de luar. As baladas exprimiam a dor de um coração apaixonado, a beleza e a ternura da "bem amada" e por vezes, como "fechamento", "O Rio Piracicaba". A ESALQ, também, por vezes, constituía um grupo de seresteiros. Entre um dos que foram criados, em certo período, existia um exímio pianista. Mas nem por isso deixava de participar de serestas, apesar de seu pesado e volumoso instrumento. Colocava-o em cima de um caminhão da firma Krahenbühl, da família a que pertencia, e de modo inusitado e pioneiro, encarapitados na carroceria, externavam seus amores as suas amadas. O original sistema seresteiro, além de sua maior musicalidade, tinha a grande vantagem de com menor esforço, atender a vários corações apaixonados no mesmo dia.

Além destas singularidades, Piracicaba ainda é referenciada por ter o primeiro posto de correio do Estado (1827), o primeiro posto com caixa postal (1882), uma das mais antigas fábrica de refrigerantes, que abastecia todo o interior do Estado, a dos Irmãos Andrade (1889), com

seus afamados produtos "gingibirra" e depois "cotubaina", o primeiro sanatório para tuberculosos do país (1904) patrocinado pelo Barão de Rezende, com meia centena de leitos, enfermaria, refeitório, cozinha, ambulatório, com área coberta de cerca de 20m<sup>2</sup>, entregue aos cuidados de Irmãs Hospitaleiras. A invenção das centrífugas para beneficiamento do açúcar e os filtros rotativos à vácuo, por João Bottene, hoje empregados internacionalmente, demarcaram um período importante no desenvolvimento da indústria canvieira, no início do século XX.

Como em várias cidades interioranas, Piracicaba também teve seus personagens folclóricos, que eram motivo de arruaças e brincadeira das crianças, mas que fugiam espavoridas, quando se voltavam contra elas. O "Espetete", grandalhão magro, quando "embalado" pela bebida, tornava-se perigoso. Seu linguajar sempre terminava no "ete". Por brincadeira ou por xingamento, o "ete" sempre figurava. Era "brincaretete, sorvetete, moçarete, dinheiretete ou lazarentete, muquiranate". O "Juquita de la Carne Fraca" de médio porte, cabelo escorrido, temo branco, morava sozinho, num quarto do meretrício (rua Benjamin). Com sapatos sempre brilhantes, era um verdadeiro gentleman. Vez por outra, entrava numa forte bebedeira desaparecendo por alguns dias, pela bebida e respectiva ressaca. Ao que constava, o isolamento era por causa de um amor fracassado e a bebida por ser "a carne fraca". Outro personagem muito conhecido e que ficava perambulando pela cidade era o Júlio Bruhns. Levando um cãozinho vira latas amarrado por uma tira de pano, tendo invariavelmente, a sua retaguarda, sua mulher Júlia. Com tiques nervosos as vezes parava (e sua mulher incontinente também estacava), balbuciava algumas palavras incompreensíveis, gesticulava os braços e continuava a caminhada. Dizia pertencer à dinastia de Thomas Mann. Além de vangloriar-se por ter trabalhado no "O Estado de São Paulo", (ignoramos em que função) era um poliglota pois chegava a trocar palavras com árabes, japoneses e gregos. Tinha a fama de fazer bruxaria (por isso gozava de certo temor) e de possuir forte poder nos olhos, por conseguir tirar um lápis, de dentro de uma garrafa.

De todos estes e de outros agentes que passaram a figurar na história de Piracicaba, resta o mais rico, o mais emblemático, um grande sonhador como o foi Fernão Dias, o caçador de esmeraldas, o Sr. Félix do Amaral Mello Bonilha, o popular "Nhô Lica", nascido aos 17 de janeiro de 1863. Embora órfão de mãe, aos onze anos, freqüentou boas escolas falando fluentemente o francês. Em certa ocasião numa das suas costumeiras caçadas de passarinhos, ao que consta, foi atingido por um raio, e descoberto horas depois. Em decorrência teria ficado "com o espírito desequilibrado", ignorando tudo o que o rodeava, fixando-se na obsessão de garimpar pedras raras.

Segundo crônica do saudoso Noedy Krahenbühl, no Jornal de Piracicaba, sob o título "Ablação Matinal", ao se levantar, tomava um copo



de leite na leiteria da esquina, descia para o rio para cumprir a missão que o destino lhe proporcionou depois do acidente, "caçar esmeraldas". Com os sapatos (alguns números maiores que o necessário) desamarrados, chafurcando a beirada do rio, no raso, ia colhendo as "esmeraldas" e colocando-as nos enormes bolsos laterais do grande paletó, que lhe atingia os joelhos. Satisfeito com a "colheita", subia ofegante a rua Morais Barros e na esquina com a Praça José Bonifácio, onde se encontrava o Banco Comercial, dirigia-se à mesa de seu gerente onde descarregava as "esmeraldas" que acabara de colher. E dizia "deposite para mim, vale uns ... milhões". E assim, cada dia mais enriquecido, levou o resto de sua vida, até o dia 17 de junho de 1954, quando faleceu. Tornou-se motivo de mobilização popular, seus amigos lhe deram um cerimonial digno e um túmulo próprio no Cemitério da Saudade, na rua 3, número 33, cuja lápide indica: "Aqui repousa Félix do Amaral Mello Bonilha" - Nhô Lica - Foi bom e amou sua terra - Homenagem de amigos - 1863 - 1954".

A sucessão de fatos históricos e as ocorrências do dia-a-dia, grangearam à Piracicaba, ao seu rio e aos seus peixes, uma destacada posição tanto no âmbito nacional, como internacional. A lavoura, a genealidade e a operacionalidade de sua gente, juntamente com os bens que a natureza lhe privilegiou, contribuíram para o destaque em todos os ramos da atividade humana. O desenvolvimento sustentado, na última década, lhe proporcionou ser a maior empregadora do Estado, no setor industrial e a 5ª maior exportadora de São Paulo. O simpósio Internacional e Mostra da Agricultura Canavieira, realizados recentemente, consolidaram a referência de Piracicaba, como o setor mais favorável para atrair negócios e para o desenvolvimento de tecnologias novas.

Embora já estejamos num patamar elevado na pesquisa, na agroindústria canavieira e na indústria metal-metalúrgica, aguardamos um próximo futuro, de desenvolvimento ainda mais esplendoroso. E isso, sem dúvida nenhuma, terá por haver mais uma vez o rio Piracicaba.

A construção da barragem de Santa Maria da Serra, com sua eclusa, integrará o rio Piracicaba, na hidrovía Piracicaba-Tietê, Paraná, Paraguai e Prata, construção da eclusa em Itaipu, com mais de 3.600 km, integrará por sua vez, Piracicaba a Mato Grosso do Sul, Goiás, Paraguai e Argentina. Piracicaba assumirá um papel estratégico para o Mercosul, se constituirá em uma importante porta de entrada do sistema, através da hidrovía iniciada no Piracicaba. O seu porto aduaneiro de Artemis, alimentado por três sistemas de transporte - rodo, férreo e fluvial, se constituirá num importante entreposto de cargas para exportar e receber as importadas. Segundo estudos efetuados, Piracicaba será o entreposto mais favorável para exportação e importação, a países sul-americanos e estados sulinos, de todo interior paulista e estados limítrofes.

E assim Piracicaba, terá mais uma vez, um virtuoso ciclo de progresso e desenvolvimento graças ao seu rio Piracicaba.

### **JUSTIFICATIVAS**

Estes “escritos” foram motivados por dois fatos: uma palestra sobre peixes, no Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba e, de um convite (para mim um desafio) do seu presidente, de escrever alguma coisa a respeito.

Estimulado pelos trabalhos de Maria Celestina Teixeira Mendes Torres e do Ruy Oehlmeuer Costa criei coragem.

Porém, extrapolei a solicitação pois sempre achei que para falar sobre peixes, teria que falar também sobre o seu rio como também, da importância dos dois, sobre Piracicaba.

Entre as ocorrências históricas, relaciono algumas “ouvidas” e outras “convividas”. Procurei tornar uma leitura “leve” e agradável para o grande público, sem a pretensão de se constituir um trabalho de valor histórico, de consultas, e me hombrar com os autores acima citados, ou um Vitti, Marly Percin, Guerrini e outros.

Agradecido.

**BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

AEAP - Malucos pela Água, 2000

BRUNO, E. S. - História e Tradições da cidade de São Paulo, 1º vol. (1554-1828), 2º vol. (1828-1872), 3º vol. (1872-1918), Livraria José Olímpio, 1953.

COSTA, R. O. - "As Águas do Piracicaba", séc. XIX, vários patrocinadores, ano 2004.

ELIAS NETTO, C. - Memorial de Piracicaba, Jornal de Piracicaba e A Tribuna, 2002/2003.

EDITORA ABRIL - Almanaque 2004.

FERNANDES, W. I. - Estórias Populares - Sul de Minas/Sul de São Paulo, 1978.

GUIDOTTI, J. L. - Navegando pelo Piracicaba, 1992.

MONTICELI, J. J. - Consórcio Intermunicipal das Bacias do Rio Piracicaba,

Capivari - em Piracicaba, patrocinador Antonio Carlos de Mendes Thame, 2003.

RODRIGUES, N. S. - Campanha Ano 2000 - no Rio Piracicaba, patrocinador Antonio Carlos de Mendes Thame, 2003.

TORRES, M. C. T. M. - Piracicaba no Século XIX. Edição IHGP, 2003.

## A PARTICIPAÇÃO DE PIRACICABA EM EXPOSIÇÕES UNIVERSAIS<sup>1</sup>

Márcia Oehlmeyer Costa<sup>2</sup>

### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo narrar a participação do Brasil com produtos da Província de São Paulo dentro do contexto histórico das Exposições Universais ocorridas em cidades da Europa e EUA. Busca ainda destacar a presença de Piracicaba nesses *certamens*, por meio de estudo das notícias de jornais e de outras publicações, e relatar os mais importantes para a história da cidade.

### PALAVRAS CHAVE

Piracicaba - Exposições Universais - Relações Internacionais - Construção de memória.

### INTRODUÇÃO

Para realizar a pesquisa sobre Piracicaba e as Relações Internacionais, foram trabalhadas as coleções dos jornais *Gazeta de Piracicaba*, *Jornal de Piracicaba*, *Última Hora* e parte do trabalho já apresentado no projeto "Presença Americana no Brasil: Raízes Impactos e Perspectivas" da Assessoria para Assuntos Internacionais da UNIMEP. A pesquisa priorizou o relato dos eventos noticiados na imprensa local com o propósito de tentar perceber os produtos piracicabanos em algumas edições das Exposições Internacionais e que se constituíram em marcos impulsionadores do progresso da cidade.

As Exposições Universais encontraram sucesso e firmaram-se nas duas últimas décadas do século XIX e início do XX, estimuladas pela expansão da economia internacional, que alterou os hábitos, os costumes e as hierarquias sociais. Seu centro de origem foi o advento da Revolução Científico-Tecnológica ocorrida como desdobramento da Revolução Industrial do final do século XVIII.

As novas tecnologias que surgiram em tornaram-se foco principal da curiosidade pública, e as Grandes Feiras, ao atrair multidões,

---

<sup>1</sup> O presente trabalho está inserido no projeto "Presença Americana no Brasil: Raízes Impactos e Perspectivas" da Assessoria para Assuntos Internacionais da UNIMEP.

<sup>2</sup> Márcia Oehlmeyer Costa é Gestora do projeto "Presença Americana no Brasil: Raízes Impactos e Perspectivas" da Assessoria para Assuntos Internacionais da UNIMEP, concluinte do curso de Filosofia da UNIMEP. e-mail: mmcosta@unimep.br

constituíram-se em resposta à visibilidade e à divulgação das recentes idéias dos novos produtos, “distribuídos em escala mundial pelas novas ferrovias e navios a vapor” (SEVCENKO, 1998, p. 8) e em fator da dinamização dos negócios no âmbito internacional.

No Brasil Império as exposições nacionais e internacionais eram promovidas pelo imperador D. Pedro II que pretendia tornar os produtos brasileiros conhecidos no exterior, como pode ser notado neste texto de um seu diário: “Durante minhas viagens não tive tempo senão para tornar mais conhecido o Brasil [...] para que se visse que no Brasil se estuda” (SCWARCKS, 1998 p. 385).

No final do século XIX, o Centro da Lavoura e Comércio do Rio de Janeiro era o órgão encarregado de organizar as exposições no Brasil, tanto as nacionais e provinciais quanto as universais. Buscava conquistar mercados importantes e novos consumidores do exterior para os produtos brasileiros e estabelecer e divulgar as relações comerciais da indústria agrícola. No ano de 1883 em razão de uma “festa industrial” a ser realizada em Atenas, o vice-cônsul da Grécia enviou um ofício à referida entidade tecendo considerações sobre a importância dessa exposição para a província de São Paulo e para o Brasil:

Tornar conhecidos na Grécia os produtos brasileiros é, ipso facto, propagá-los em todo o Oriente visto como são os navios gregos que fazem a cabotagem da Turquia e do Mar Negro. São eles também os intermediários quase únicos entre o Oriente e os portos das nações cujas praias são banhadas pelo Mediterrâneo. A vista das imensas vantagens a obter, estou certo, (e assim o desejo) que graças a benéfica intervenção de v. a *bela* e progressiva província de S. Paulo será, novamente, nesta ocasião a *prima inter pares* relativamente a outras províncias do Império. (Gazeta de Piracicaba, 09/05/1883).

Abria-se portanto às cidades da Província de São Paulo a oportunidade de exporem seus produtos na “Atenas Grega”, e comecem a adquirir projeção internacional. (OEHLMEYER, 2005, p. 3).

O inventário de autoria de Prudente e Manoel de Moraes Barros, publicado no ano de 1883, relatava que Piracicaba era considerada a quarta cidade da província e que possuía estabelecimentos diversificados e uma produção de gêneros alimentícios que excediam o consumo da cidade e eram vendidos para outras localidades como Rio Claro, Itu, Campinas e São Paulo. As indústrias do município produziam açúcar, farinha de milho, manteiga, tecidos de algodão, couro, sabão, velas, aguardente, cerveja, vinho, licores, águas gasosas etc.

“A grande, a principal riqueza do município é a lavoura de café” (Gazeta de Piracicaba, 21/09/1883):

## NA HOLANDA

Piracicaba esteve presente com seus produtos industriais e agrícolas na Exposição Internacional de Antuérpia do ano de 1884. Dentre os participantes desse evento receberam prêmios os seguintes piracicabanos: Bento Vollet, couros, diploma de mérito; Sachs & Filhos, cerveja idem; Conselheiro Antonio da Costa Pinto, café, premio de animação; Dr. Manoel de Moraes Barros, café; Engenho Central de Piracicaba, aguardente; e a fábrica de S. Maria [...] Menção honrosa (*Gazeta de Piracicaba*, 09/06/1886).

Um dos ganhadores, André Sachs, era proprietário de um quiosque e de uma fábrica de cerveja instalados ao lado do salto do rio Piracicaba, local em que se fabricavam também licores e outras bebidas. (COSTA, 2004, p. 137).



Publicidade da Fábrica de Cerveja  
*Gazeta de Piracicaba*, 07/05/1984

## NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA DO NORTE

Conforme noticiou a *Gazeta de Piracicaba* na edição de agosto de 1894, Luiz de Queiroz participou como expositor da Exposição Universal de Chicago realizada naquele ano e recebeu o prêmio, "World's fair" (*Gazeta de Piracicaba*, 22/08/1894).

Houve também a Exposição das Três Américas, realizada em Nova Orleans no ano de 1886, em que produtores brasileiros participaram enviando madeiras, minerais e outras riquezas naturais: "café, açúcar, algodão e variadas fibras têxteis, cabendo a primazia ao café que será representado por mais de mil amostras" (*Gazeta de Piracicaba*, 24/12/1886).

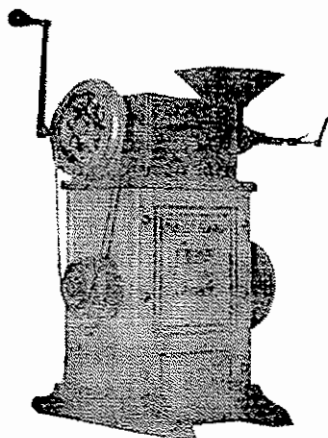
No que se refere à nação norte-americana, anteriormente a esses eventos já havia uma história de relações comerciais com a "Noiva da Colina".

João Conrado Engelberg (*Jornal Última Hora*, jan/1954), residente em Piracicaba, inventou três máquinas, uma para descascar de café, outra para descascar arroz e um apartador de pedras, e formou uma sociedade comercial com seus filhos e com Francisco Siciliano e irmãos denominada *Engelber Siciliano & Comp.*, com a finalidade de fabricá-las e comercializá-las.

No final do ano de 1885, com o apoio privilegiado do Governo Imperial, as máquinas passaram a ser vendidas em países da Europa, América e Índia Ocidental. (*Gazeta de Piracicaba*, 15/11/1885). Descascadoras de arroz Engelberg foram utilizadas no estado norte-americano da Carolina do Sul, onde a produção de arroz era "excelente e fabulosa" e o sistema de beneficiamento utilizado era ainda o de pilões. Diante disso recebeu, elogios do Comendador José Vergueiro, grande produtor de café e proprietário da fazenda Ibicaba: "Que se leve avante a iniciativa e os piracicabanos sentir-se-ão satisfeitos por ter saído d'aqui invento tão poderoso e útil para a lavoura de café, em que mais fortemente esteia a opulência do país" (*Gazeta de Piracicaba*, 25/02/1885).



Publicidade da  
Máquina Engelberg  
Fonte: *Gazeta de Piracicaba*,  
15/11/1885.



Publicidade da Máquina Engelberg  
Fonte: *Jornal Última Hora*, jan/1954

Conforme notícia veiculada no *Correio Paulistano* do dia 30 de dezembro de 1889, comentada pela "*Gazeta de Piracicaba*", o brasileiro Jorge Tibiriçá havia organizado na cidade de Siracusa no Estado de Nova York, uma sociedade comercial com a finalidade de explorar e vender as

máquinas de beneficiar arroz e café em todo o mundo. Em valores da época, um milhão de dólares foram investidos nesta companhia, dos quais meio milhão pertencia a empresa Engelber, Siciliano & Comp.

Percebe-se aqui, portanto, o reconhecimento internacional que estes industriais piracicabanos receberam com o invento "saldo da nossa bela Piracicaba" como era orgulhosamente noticiado. (*Gazeta de Piracicaba*, 24/07/1889).

O industrial Evaristo Conrado Engelberg alcançou notoriedade científica internacional. No ano de 1890, fora convidado a pertencer ao quadro da Academia de Paris de Inventores, tornara-se sócio correspondente, e recebeu como prêmio "uma medalha de ouro". (ELIAS, Netto, 2000, p. 96).



Evaristo Conrado Engelberg

Fonte: Jornal Última Hora, jan/1954.

## NA ALEMANHA

No ano de 1886, realizou-se uma exposição de produtos sul-americanos na então capital alemã, por meio da Sociedade Central de Geografia Comercial de Berlim, o que abriu espaço aos produtos brasileiros da lavoura e da indústria, principalmente na área química. Os objetivos dessa sociedade, ao convidar o Brasil para expor suas riquezas, estava em promover as relações entre as duas nações e incentivar a imigração alemã para o Brasil. Nesse período o excesso de população era eminente em território alemão, e uma das soluções encontradas para minimizar esse problema estava no impulsionamento da imigração, "especialmente para as províncias meridionais, onde encontrarão excelente colocação para si, e proveitosa á mãe pátria [...] a Alemanha lucra mandando seus



filhos para o Brasil; mas incontestavelmente o maior lucro é nosso". (*Gazeta de Piracicaba*, 17/03/1886).

O presidente da província de São Paulo, ao receber o convite, enviou às câmaras municipais uma circular recomendando que reunissem produtos e gêneros nacionais para exibição na mostra. Em Piracicaba, a Câmara nomeou os senhores Manoel de Moraes Barros, Luiz de Queiroz e o farmacêutico Carlos Nehring para organizarem e enviarem os materiais e os produtos a serem expostos. O jornal alemão *Vossisihe Zeitung* publicou comentário a respeito das coleções enviadas pelo farmacêutico:

rica coleção de madeiras pouco conhecidas aqui; vemos expostas drogas da flora brasileira e artigos farmacêuticos de grande diversidade; uma serie de frutas em conserva e outros produtos do reino vegetal. Cabeças de animais preservadas para museus zoológicos; caveiras muito bem preparadas, peles animais [...] da fauna brasileira. Muito notáveis são duas urnas de sepulturas dos índios de dimensões colossais, as quais foram destinadas pelo expositor ao museu de Etnologia, e muitas outras coisas. (*Gazeta de Piracicaba*, 17/02/1886).

Uma carta particular de Berlim traduziu o resultado da exposição: "a distinção maior, a grande medalha de ouro, em primeiro lugar vai ser votada pelo júri unanimamente ao sr. C. Nehring, pela sua remessa extraordinária, com a qual sobressaiu a todos os outros expositores" (*Gazeta de Piracicaba*, 17/03/1886). O sr. Carlos Nehring recebeu cartas de diversas indústrias químicas alemãs com objetivo de se estabelecer um intercâmbio científico e comercial.

## NA FRANÇA

No ano de 1914 realizou-se a Exposição Internacional de Lyon na França. Os jornais franceses deram destaque ao Pavilhão do Estado de São Paulo, no qual Piracicaba estava representada, e o "*Le Salut Public*" noticiou que o Brasil atendendo ao apelo feito pela cidade participara da forma "mais brilhante nesta notável Exposição" (*Gazeta de Piracicaba*, 10/07/1914).

Na abertura do evento o Ministro da Agricultura Dr. Paulo de Moraes Barros, como presidente honorário, inaugurou o pavilhão paulista, considerado nos jornais parisienses o "*clou*" do certame. Nele havia quadros panorâmicos da capital e da cidade de Santos. Foram necessários para a exposição vários cafeeiros com grãos, e exibiram-se várias formas do arbusto desde o plantio até a colheita do fruto. O café exposto no estande era proveniente dos municípios de Piracicaba, Tietê, Itu, Jaú, Campinas, Botucatu, São Manoel, Amparo, São Carlos, Araras, Pirassununga, São Simão, Santa Rita, Jaboticabal, Jardinópolis, Ribeirão Preto, Franca,

Batatais e outras. O visitante podia saborear uma xícara do café, preparado de forma rápida por uma máquina denominada *La Brésillienne*.

O Conde de Serra Negra, Manoel Ernesto da Conceição, fora citado no periódico de "*Le Progrés*", de Lyon como um dos maiores plantadores de café do Brasil e o maior impulsionador do café paulista no exterior:

ele fundou em Paris, no faubourg Montmartre nº 43, uma torrefação onde são torrados os cafés importados diretamente de suas imensas plantações no Estado de São Paulo, e entregues ao publico livres de qualquer mistura. [...] Têm obtido as mais altas recompensas em todas as Exposições e o Conde de Serra Negra pode se orgulhar de sua obra patriótica, consagrada inteiramente ao bem de seu país. (*Gazeta de Piracicaba*, 10/07/1914).

As iniciativas desse piracicabano ilustre ocasionaram grande impacto na divulgação do produto que se tornou conhecido como excelente no comércio francês e em outros países. Os grandes jornais parisienses "*Excelsior*", "*Le Journal*", "*L'Écho de Paris*", "*L'Intransigeant*", o "*Le Salut Public*", "*Lyon Républicain*", "*Le Nouvelliste de Lyon*", trouxeram nas colunas de honra o nome de Piracicaba.



Manoel Ernesto da Conceição  
Conde de Serra Negra

Fonte: Memorial de Piracicaba, nov/2003.

## NA ITÁLIA

No século XX, Piracicaba continuou sua trajetória de reconhecimento internacional por seus produtos. Na Exposição de Milão na Itália, no ano de 1915, a comissão julgadora conferiu o "grande prêmio de massas alimentícias" a uma indústria piracicabana cujos titulares eram Emilio Bertozzi & Irmãos. (*Gazeta de Piracicaba*, 05/11/1915).

## NO BRASIL

A Exposição Universal Brasileira de setembro de 1922, realizado na cidade do Rio de Janeiro comemorou o centenário da Independência do Brasil, com a presença de cerca de 15 países. A comissão organizadora de Piracicaba formada pelos senhores Nogueira de Lima, Samuel Neves e Odilon Nogueira convocou vários industriais e comerciantes locais para participarem, tais como, "Casa Krähenbül, Teixeira Mendes, Nardini, Fábrica de Tecidos, Engenho Central na Exposição Nacional e outros" (*Jornal de Piracicaba*, 22/03/1922).

Uma exposição fotográfica foi preparada pelos alunos da Escola Agrícola Luiz de Queiroz para dar uma visão clara aos visitantes da riqueza e progresso da cidade. Continha mais de cem cópias que procuravam retratar de forma detalhada o cotidiano, a arquitetura, os laboratórios, a ambientação paisagística, e enfim, os oito anos de funcionamento da escola. O responsável pelas imagens era o fotógrafo Luiz Saconi e as molduras foram confeccionadas pelos industriais João Antonio Fischer e João Zara com a utilização de madeiras do município, dentre elas o pau marfim e a peroba. Os organizadores fizeram questão que todo o material trabalhado "fosse conseguido exclusivamente com elementos locais" (*Jornal de Piracicaba*, 01/10/1922).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos explicitar, portanto, as exposições nacionais e universais em que Piracicaba esteve participando no final do século XIX e início do XX, com a proposta de contribuir para uma história das exposições, e para uma reflexão sobre a memória local tão impulsionada agora no século XXI.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Ruy Oehlmeyer. **As Águas do Piracicaba – Século XIX**. Piracicaba: IHGP/SEMAE. 2004.

ELIAS, Beatriz, Vicentini ...**Vieram e Ensinaram (Colégio Piracicabano, 120 anos)**. Piracicaba, Unimep, 2001.

ELIAS, Netto Cecílio. **Almanaque 2000: Memorial de Piracicaba – Século XX**. Piracicaba: IHGP/JP/UNIMEP.2000.

OEHLMEYER, Márcia Costa. **Pelas ruas de “Athenas” a caminho de Piracicaba**. In: II SEMINÁRIO INTERNACIONAL ARCHA I - Diálogos Antigos: Encontro de Saberes do Pensamento Ocidental. São Paulo, São Bernardo do Campo, 10 dez. 2004.

\_\_\_\_\_. **“Athenas” nas ruas de Piracicaba**. In: II SEMINÁRIO DE PESQUISA EM FILOSOFIA IV SEMINÁRIO DE MONOGRAFIAS CURSO DE FILOSOFIA. UNIMEP, 03 de jun de 2005.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As barbas do Imperador D. Pedro II, um monarca nos trópicos**. SP. Companhia das Letras, 1998.

SEVCENKO, Nicolau. (org). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo. Companhia das Letras. V. 3. 1998.

**Jornais e Revista**

RIBEIRO, Benedicto. Invenção brasileira a primeira máquina para beneficiar café. *Jornal Última Hora*, Diários Associados, janeiro/1954.

COSTA, Márcia. Influência grega na cultura piracicabana. *Jornal de Piracicaba*. 05/06/2005.

Disponível em; <http://www.jornaldepiracicaba.com.br> . 28/06/05.

*Jornal Acontece*. Piracicaba. [Coleção].

*Jornal Gazeta de Piracicaba*, [Coleção].

*Jornal de Piracicaba*, Piracicaba [Coleção].

*Jornal Última Hora*. [Coleção].

GONZALES, Alexandre & SALATI, Cibeli. *Rev: Você & Cia*. vol.1. Nº 1. p. 12-13, Julho/2005.

## CAPITÃO NHO LICA

*Francisco de Assis Ferraz de Mello*

Nho Lica – Felix do Amaral Mello Bonilha - foi um piracicabano ilustre, procedente de família tradicional. Viveu uma vida extraordinária por causa dos seus sonhos: aventureiro, garimpeiro, dono de fortuna inconcebível, benemérito, poliglota e muito mais.

Na realidade, um desequilibrado mental que recolhia pedras das ruas julgando-as brilhantes. Elas teriam-no feito miliardário, na sua concepção. E, nesta, era proprietário dos bens mais valiosos desta Terra, como os Engenhos Central e Monte Alegre e a Fábrica de Tecidos Aretuzina. Era sócio da Light.

Alienado do mundo dos mortais, construiu o seu próprio, de quimeras. Nele viveu feliz e morreu.

Parente de meu pai, morou em nossa casa durante quase 25 anos. Quando nasci, em 1928, já estava lá. Convivemos por mais de duas décadas.

Após inquirição entre jovens de Piracicaba conclui que a história de Nho Lica – Capitão, como também o chamávamos em casa – era desconhecida por eles, havendo, pois, perigo de se perder. Por isso escrevi um pequeno livro a respeito da mesma.

Muitas vezes é necessário louvar a loucura, disse o historiador Hugo Pedro Carradore na apresentação do livro citado.

Respeitoso, não proferia palavrões, não agredia ninguém, só quando molestado ou por alguma insinuação maldosa. Religioso, católico e extremamente bom.

Nacionalista extremado, se irritava quando alguém, para provocá-lo, falava mal de seu país ou dizia que ele seria invadido por uma potência estrangeira.

De tanto ver o Brasil humilhado por não poder saldar as suas dívidas, um dia resolveu pagá-las com o seu próprio dinheiro. E, assim, se Dom Pedro I proclamou a independência política do Brasil, Nho Lica, o “Redentor”, proclamou a sua independência econômica.

Um benfeitor, mantinha a saúde econômica da Igreja e das sociedades de benemerência desta Terra.

Que sonho ele sonhou, que vida ele viveu! E o seu sonho e a sua vida se confundiram numa única realidade: o sonho.

O sonho, “muitas vezes, é mais importante que a realidade”. Ele fez a lenda Nho Lica e a imortalizou.

A família do Capitão produziu membros ilustres: professores, doutores, um oficial da marinha e deu até prefeitos para Piracicaba. Todos passaram, ele não porque uma lenda não morre. O grande sonhador é imortal.

Eu penso que se alguém fizesse uma enquete em Piracicaba, no tempo em que Félix era vivo, para determinar o varão mais conhecido da cidade ele estaria em primeiro lugar.

As nações possuem suas lendas e as respeitam. Nós também temos a nossa. Devemos respeitá-la, amá-la e cultuá-la.

O professor da Escola Superior de Agricultura *Luiz de Queiroz*, Salvador de Toledo Piza Jr. (1965), tinha razão ao dizer:

"... quando o coração fala, a razão emudece".

É mais ou menos o que escreveu o ex-jogador de futebol e ex-professor de medicina Eduardo Gonçalves, o Tostão, hoje comentarista esportivo (*Folha de São Paulo*, data não anotada): "... o sonho, muitas vezes, é mais importante que a realidade".

Nho Lica era um sonhador e, por isso, a sua razão ficou obscurecida. Em vez de viver a vida desta, a real, viveu a irreal, a do sonho, semelhante à de uma rosa: linda, mas com espinhos.

Ele dignificou o sonho, a fantasia.

Nho Lica morreu no Asilo de Velhice e Mendicidade de Piracicaba. Tinha 92 anos e os seus restos mortais se encontram no Cemitério da Saudade à Rua 03, Número 33, em sepultura particular, requerida à Prefeitura Municipal pelo cidadão Ézio Martins de Toledo.

O túmulo, ao rés do chão, é simples, coberto por uma pedra de granito. Na cabeceira, perpendicularmente à ela, numa outra pedra lê-se a inscrição:

AQUI REPOUSA  
FELIX DO AMARAL MELO BONILHA  
(NHO LICA)  
MILIONÁRIO DE ILUSÕES  
FOI BOM E AMOU SUA TERRA  
1862 – 1954

### HOMENAGEM DE AMIGOS

E assim, o homem que, pela vida inteira, sonhou com brilhantes, após a morte repousa sob a maior de todas as suas pedras. Em paz, para sempre.

O jazigo de Felix do Amaral Mello Bonilha foi construído por ação entre amigos. O grande milionário não teria dinheiro para adquirir uma só das suas pedras.

O velho Capitão se foi no dia 18 de junho de 1954 do seu mundo de sonhos para se transformar na lenda Nho Lica.

É da História de Piracicaba.

## EUGÊNIO NARDIM, SIMPLEMENTE NENO

*Francisco de Assis Ferraz de Mello<sup>1</sup>*

Eugênio Nardim, ou Nardim ou Neno, apenas, nasceu em Piracicaba no dia 24 de novembro de 1920, o quinto entre nove irmãos. Filho de João Nardim e de Carmelina Franco Nardim e neto de imigrantes austríacos, pelo lado paterno, e de brasileiros, pelo lado materno.

É casado com a senhora Therezinha Costa Nardim, com quem tem sete filhos.

Procede de uma família de marceneiros em cuja oficina recebeu, de um tio, a iniciação no entalhe em madeira e todo o apoio e entusiasmo do pai e de outro tio, os três proprietários da empresa. Desenho e pintura estudou com Frei Paulo Maria de Sorocaba.

Em pintura, dedicou-se mais ao retrato, à figura e à paisagem. Expôs com assiduidade no Salão de Belas Artes de Piracicaba e obteve Medalha de bronze no Salão de Limeira. Concorreu uma única vez, e foi aceito, ao seletor Salão Paulista de Belas Artes.

Entre os inúmeros retratos que executou há dois de Frei Paulo (um está na coleção particular do artista e outro no Seminário Seráfico São Fidelis), um do ex-Prefeito Municipal de Piracicaba, Dr. Francisco Salgot Castillon (coleção do Museu Prudente de Moraes desta cidade) e um de Eugênio Luiz Losso (atualmente nas dependências do Jornal de Piracicaba). Também pintou retratos de gente humilde, empregados de sua oficina de marcenaria e amigos, entre eles Manoel Martho.

Juntamente com Frei Paulo e Frei Damião pintou, a têmpera, o interior da capela do cemitério de Mococa.

Nardim lembra os homens geniais de antigamente, algo como Miguel Arcanjo Benício da Assumpção Dutra. Transita por diversas áreas, do artesão ao artista: marceneiro, entalhador em madeira, pintor, músico, restaurador de obras de arte, projetista, executor de projetos, *radioestesista*. De seus trabalhos, geralmente a recompensa é um muito obrigado e a satisfação imensa por ter sido útil.

Entre os projetos de sua autoria, sugestões e acompanhamento da execução podem-se citar:

Cripta e batistério da Catedral de Santo Antônio;

Igreja do Sagrado Coração de Maria (Paulicéia), de São

José (Paulista) e de Santa Teresinha (Santa Teresinha);

Igreja do Lar dos Velhinhos em que localizou a torre lateralmente colocando sobre ela a caixa d'água;

Seminário Diocesano de Piracicaba;

Projetou uma catedral para o Alto Solimões, no Estado do Amazonas;

---

<sup>1</sup> Membro Titular do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba

Esculpuiu a Cadeira Episcopal de Dom Ernesto de Paula, o primeiro bispo de Piracicaba;

Construiu as portas externas e o paravento da Catedral;

Construiu as portas da matriz de São José, onde, também, reformou a arquitetura;

Fez as portas de finas residências da cidade, móveis e utensílios.

Como restaurador, um dos principais trabalhos do artista-artesão é o que foi realizado nas imagens de Santo Ângelo do Acre, de São Fidelis e de Santa Isabel, esculpidas por Francisco Tavela e vindas da Áustria. Essas obras estão na Igreja Coração de Jesus (Igreja dos Frades).

Restaurou, também, uma Santa Ceia, de 1,5m x 3,0m, pintada por Eugênio Luiz Losso, pertencente à Igreja de São José.

No que se refere à música, Nardim estudou violino, tocou na Orquestra Sinfônica Amadora de Piracicaba e regeu o Coral da Congregação Mariana desta cidade, em que o organista era o atual Príncipe dos Poetas Piracicabanos, Lino Vitti. Foi, ainda, com o mesmo instrumento, o companheiro de Frei Paulo, com quem tantas vezes alegrou a solidão do Seminário de São Fidelis.

Após a morte do frade-pintor, continuou-lhe o curso por algum tempo e concluiu os seus trabalhos sobre a vida dos santos capuchinhos.

Nardim organizou a primeira exposição dos alunos de Frei Paulo e, após o falecimento deste, fez mais duas exposições.

Sempre com disposição incomum de servir à sua comunidade, Neno é sócio fundador da Associação Piracicabana dos Artistas Plásticos, da qual foi presidente várias vezes, membro, durante 22 anos, do Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural, da Prefeitura Municipal, tendo-o presidido em várias ocasiões, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba e do Conselho da Casa das Artes. Sendo homem caridoso, durante muitos anos fez parte da Conferência de São Vicente de Paulo.

Participou, em diversas ocasiões, de comissões organizadoras e de seleção e premiação do Salão de Belas Artes de Piracicaba e do Salão Almeida Júnior, da mesma cidade.

Pelo menos mais dois fatos devem ser mencionados em relação ao grande piracicabano aqui considerado:

No dia 11 de novembro de 1955, em uma de suas visitas diárias ao mestre Frei Paulo Maria de Sorocaba, teve a tristeza e a honra de assistir à morte do querido Franciscano. Só ele, Nardim, a presenciou;

b) Em 1967, durante as comemorações dos duzentos anos da fundação de Piracicaba, a Câmara Municipal outorgou-lhe, e o Prefeito sancionou, medalhas, a si e à esposa, em agradecimento por serviços prestados à cidade e ao povo piracicabano.

Eis aí os traços biográficos, em rápido esboço, de um grande cidadão desta terra,

Eugênio Nardim, simplesmente Neno.



## MEMÓRIAS DA ESCRAVIDÃO

### Etnia Brasileira, O Negro no Branco

*Hugo Pedro Carradore<sup>1</sup>*

**“Com fios vermelhos e negro o conquistador  
branco teceu o aranhol de nossa etnia”  
Duílio Ramos**

A etnia é o conjunto de feições raciais, e de características culturais próprias, que um grupo humano apresenta num determinado momento histórico, ocupando uma certa área geográfica. É o que nos ensina o eminente professor Carlos Delgado de Carvalho.<sup>2</sup>

No mesmo almofariz, com dose indígena, bem menor que a negra, o branco lançou a sua semente e triturou a nossa etnia.

Os navios negreiros que cruzaram o Atlântico transportaram nos seus porões mais do que escravos, traziam um acervo cultural que ia coadjuvar na moldagem física e psicológica do brasileiro.

Para compor a história da escravidão, calcula-se que mais de 3.500.000 negros foram trazidos para o Brasil, desde o alvará de 29 de março de 1549, quando D. João III pretendendo desenvolver a produção de açúcar, autorizou a entrada de 120 escravos para cada engenho em condição de funcionar, até 4 de setembro de 1850, quando a Assembléia Geral do Império aprovou a Lei Eusébio de Queiroz proibindo o tráfico de escravos.

Apesar do nosso enorme processo de aculturação, as marcas das culturas africanas estão indelévels na sociedade brasileira, através da música, da dança, da cozinha, dos cultos, do vocabulário e até mesmo nos trajés.

Os negros foram transportados para o Brasil de um território que abrange do Golfo da Guiné até Moçambique, excluindo a extremidade meridional do continente. Desta vasta porção da África chegaram os nagôs, geges, haussas, tupas, minas, mandingas, angolas, congos, benguelas, monjolos, moçambiques... reduzidos por Nina Rodrigues em sudaneses e bantos, uma multiplicidade de culturas, navegou nos tumbeiros.<sup>3</sup>

---

1. Professor, Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, Membro Titular e Ex-presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba.

2. Carlos M. Delgado de Carvalho (Paris 1884 - Rio de Janeiro 1980), geógrafo e educador brasileiro, realizou várias pesquisas para o Conselho Nacional de Geografia.

3. Tumbeiros - relativo a tumba - o mesmo que navios negreiro

A miscigenação provocou o branqueamento da população brasileira. As antigas estatísticas demonstram o curso da miscigenação:

Em 1872, dezesseis anos antes da abolição, após mais de trezentos anos de escravidão, o recenseamento assinalava que a população era composta de 38,1% de brancos, 33,3% de mulatos, 17,7% de negros e 3,9% de índios.

Comparando com os dados estatísticos dos que declararam em 1998: 54% de brancos, 39,7% de mulatos (pardos), 5,5% de negros, 0,3% de índios e 0,5% de amarelos; podemos concluir que os índios foram desaparecendo, os negros diminuíram e os mulatos e os brancos aumentaram.

Ponderando as correntes imigratórias, principalmente em direção ao sul e sudeste, concluímos por um branqueamento através da miscigenação.

O coordenador nacional do Movimento Negro Unificado, Luís Alberto Silva dos Santos, deputado federal pelo PT da Bahia (1998), com muita razão, defendeu o abandono total da classificação pela cor no censo - "cor não define raça. O que define é a origem étnica".

Cada povo tenta proteger e perpetuar a sua originalidade, invocando a memória do seu passado. Quando subjugado por outra cultura, procura usar todos os meios e artifícios para neutralizar ao máximo os efeitos de tais mudanças. Assim é possível desenvolver um processo de aculturação, levando em conta as diferenças culturais, sociais, econômicas e mesmo ideológicas.

Desde o início da colonização, circunstâncias corroboraram para instituir-se na nova terra uma estrutura econômica agrária, latifundiária e escravocrata, agregando diversos fatores, tais como, a doação de sesmarias, a grande dispersão populacional e a descentralização administrativa, o que provocou o estabelecimento de uma sociedade do modelo paternalista, a família patriarcal tendo como a base desse sistema: o patriarca era o núcleo central, com o qual os componentes mantinham várias espécies de relações com a esposa, com a prole legítima, com indivíduos ligados por laços de parentesco, afilhados, filhos ilegítimos, agregados e a massa escrava, vivendo sob a mesma herdade.

O negro foi trazido da África como mão-de-obra, para substituir o indígena não acostumado ao cativo e a rotina de trabalho, dado à sua vida independente e sossegada.

O escravo negro foi o elemento básico no processo colonizador, atuou na estrutura econômica e social do Brasil, através da monocultura e das relações sociais.

Dos escravos herdamos uma copiosa colaboração étnica, isto é, "*na constituição antropológica da população*", no dizer de Manuel Diégues Júnior.

O escravo foi o permissivo nas vastas propriedades agrícolas, no desenvolvimento da indústria do açúcar, da mineração e, no segundo Império, da agricultura do café.

Essa contribuição não foi tão somente fruto da submissão e da cooperação do negro, outrossim pelo estágio de cultura trazido pelos diversos povos da África.

A origem geográfica e o grau cultural davam referência para o trabalho e o valor atribuído a peça<sup>4</sup>: agricultor, serviços domésticos, pastor de gado, falcador...

De conformidade com o antropólogo brasileiro Arthur Ramos (1903-1949) pode-se dizer que, há três grupos de negros africanos introduzidos no Brasil, de acordo com a identidade cultural:

**Culturas sudanesas**, representadas principalmente pelos iorubanos da Nigéria (nagô, ijechá, eubá ou egbá, ketu, ibadan, yebu ou ijebu e grupos menores); daomeanos (gege, eve, fon ou efan e grupos menores); fanti-achanti, da Costa do Ouro (propriamente dito, fanti achanti, grupos menores da Gâmbia, da Serra da Leoa, da Libáia, da Costa da Malagueta, da Costa do Marfim etc.).

**Culturas guineano - sudanesas ilamizadas ou negro-maometanas**, representadas pelos seguintes grupos principais: peul (fulá, fula etc); mandinga (solinke), bambara etc.); haussa; tapa, borem, gurunsi e outros grupos menores;

**Culturas bantas**, constituídas por inúmeras tribos dos seguintes grupos: angola-congolês e contra-costa.

Em que haja prováveis deficiências nesta classificação, ela tem servido de base aos estudos sobre a contribuição cultural do negro africano, na formação brasileira.

A origem cultural e tribal fixada através dos portos de embarque, não era seguramente correta, porque os negros embarcados eram muitas vezes de várias nações e tribos diferentes.

A fortaleza de Elmira em Gana, construída pelos portugueses em 1482, para guardar ouro, no início do século XVI virou depósito de escravos. Seus calabouços possuíam a capacidade de armazenar mil escravos de povos como os ashantis, os fantis e os akans, que viviam em constantes guerras uns com os outros, o que significava para eles lucros; os sobas<sup>5</sup> vendiam os prisioneiros, e muitas vezes os próprios súditos aos mercadores de escravos, que eram depositados em Elmira aguardando os tumbeiros que o levariam para os mercados no Brasil.

Nas características dos grupos de negros trazidos para o Brasil, podemos sentir a diversidade de biótipos e de culturas, analisando os antigos anúncios de compra e venda de escravos: - "negros fortes e bons

---

4. Os escravos eram considerados como coisas, peças.

5. Sobas, assim eram chamados os chefes das tribos africanas; pequeno rei, soberano de um estado bárbaro.

dentes”, “negras jovens, bonitas de cara e de corpo”, Aia<sup>6</sup> mulata clara para sinházinha!. O que denuncia que havia uma escolha eugênica e estética de negros para a lavoura e para os serviços domésticos.

Os escravos eram escolhidos com apuro pelo senhor, para ocupar-se das tarefas das casas-grande e dos sobrados: servos, cocheiros, cozinheiras, mucamas, futuras mães de mulatinhos, repartindo os peitos com o filho da sinhá - muitos deles com destino de bacharéis, doutores e até padres.

Esses contatos íntimos foram de essencial importância na influência africana sobre a nossa civilização. Um dos veículos mais importantes para a transmissão de cultura foi a mulher negra.

A família colonial não prescindia dos serviços da escrava do lar, ela atuava da cozinha às alcovas.

Como escravo, o negro foi afastado bruscamente do seu universo cultural. Não pode manter a integridade de suas tradições no encontro com a sociedade dominadora. Inconformado, não aceitou pacificamente o que lhe era imposto pelo colonizador, recorrendo ao sincretismo<sup>7</sup>. Muitas vezes os santos católicos confundem-se com os orixás no candomblé e, Carlos Magno com o rei dos Congos na Congada.

Da prolongada convivência entre o senhor e o escravo, entre o negro e o branco, um exuberante acervo cultural foi legado para formação do patrimônio brasileiro, que através do tempo foi se cristalizando.

Deste testamento do qual somos legatários, há bens de ordem material e não material.

O nordeste nos tempos da colônia foi o berço comercial e cultural da civilização brasileira. Os canaviais, os engenhos, as casas-grande foram o centro da concentração escrava, que tanto influência exerceu nos usos e costumes dos brasileiros.

No regime alimentar podemos citar a introdução do azeite-de-dendê, da pimenta malagueta e do quiabo.

Muitos pratos particularmente brasileiros são produtos da técnica africana, como a farofa, o cuscuz, o quibebe, a feijoada feita com as sobras da mesa do senhor de engenho: pés, orelhas, rabos, couro...

***“No tabuleiro da baiana tem  
vatapá, oi! Caruru,  
mumgunzá  
e tem embú  
prá ioio, prá iaiá...”<sup>8</sup>***

6. Aia, criada de companhia.

7. Sincretismo - sistema filosófico ou religioso com tendência a fundir elementos de várias doutrinas diferentes. No Brasil há várias formas de sincretismos religiosos; a umbanda e, em menor medida, o candomblé estão entre as expressões do sincretismo afro-cristão. Síntese de duas culturas de origens diferentes

8. Fragmento da obra do compositor Ari Evangelista Barroso (Ubá - MG 1903 - Rio de Janeiro, RJ - 1964). No Tabuleiro da Baiana (1937).

No Pelourinho, nas feiras de Santana, nas escadarias do Bonfim, no tabuleiro da baiana há toda comida para agradar os orixás trazidos da África: caruru, acarajé, sarapatel, abará... Não só os deuses negros recebem como oferenda, mas muitos mortais gostam dela, além do mais, segundo a tradição é comida afrodisíaca e restauradora das forças.

Não há no Brasil um traje tipicamente nacional, há sim, trajes regionais: o do gaúcho, o do vaqueiro nordestino e o da baiana.

O traje do gaúcho e do vaqueiro nordestino é imposto por questões mesológicas, decorrente da relação do homem com o meio. Já o traje da baiana, de ascendência maumetana, é um corolário da herança negra, rico e farto em vestígios fetichistas nas jóias e no cambaio.

Os instrumentos musicais usados nos rituais em afro-brasileiros como o atabaque, o também, o agagô são de origem ioruba. Já na musicaria banto, encontramos os tambores de jongo, o ingono, corrente do nordeste, o zambê, oruncungo e o berimbau.

Difundidos por todo o Brasil os cultos afro-brasileiros: camdomblés, umbandas, quimbandas, catimbós..., celebrados em terreiros, são frutos do forte sincretismo da religião ioruba e do catolicismo imposto pelos colonizadores, confundido nos seus altares ou pejis, os orixás com os santos.

A música é uma forma de linguagem, através da qual podemos transmitir idéias e sentimentos.

Entre os cantos que tem suas origens na África, afirma o musicólogo Faustino R. do Vale, ordenam-se ao acalanto, que vem a ser a "berceuse" brasileira, o chula e o landu, canção brejeira:

***"Tutu-maranha  
não venha mais cá  
que o pai do menino  
te manda mata"***

A poesia é irmã da música.

A música popular brasileira reveste-se preponderantemente da contribuição prestada pelos negros.

Todos os cantos funcionais, praticamente ligam-se a vida dos escravos e às funções às quais se destinavam: acalantos, cantos de trabalho, cantos de jogos.

Cantando os escravos ordenavam os movimentos do corpo e atenuavam a tarefa, dando ânimo ao trabalho. Assim eram os "vissungos", cantos dos trabalhadores das lavras de diamantes em Minas Gerais; os pregões das negras vendedoras de doces e frutas, que enchiam as ruas do Rio, fixadas por Debret nos tempos de D. João VI. Os Zamba-minhano dos carregadores de piano; o canto dos derrubadores (de mata)...

Também nos cantos de jogos:

***“Os escravos de jó  
jogavam cachangá,  
tira põe,  
deixa tirá...”***

Na Bahia, sobretudo essa cadência se manifesta no acompanhamento da capoeira através do berimbau, ganzá e pandeiro.

Os folguedos, as danças, os autos ou danças dramáticas, na sua grande parte tiveram a origem ou a influência afro: o maracatu, os congos, o catumbi, o bumba-meu-boi, bem como o moçambique, o jongo, o bate-coxa, o batuque ou umbigada, corporificam a presença negra na etnia brasileira.

Samba é dança de negro, ainda perdura o nome batuque.

Luís Câmara Cascudo<sup>9</sup> diz que o termo vem de “semba”, que em quibundo significa umbigo. Danças com umbigada vieram nas velas dos negreiros com nomes como lundu e batuque.

***“samba só é samba  
com batuque verdadeiro  
quando tem pandeiro  
marcando a cadência.  
Quando o centro é feito por  
Chocalho e barrica:  
Veja como fica  
Acompanhado pela cuica...”***

Batente. Almirante (1931)<sup>10</sup>

Como dança sofreu um processo aglutinante, saiu dos guetos (morros), ganhou as avenidas e os salões. O carnaval foi o grande responsável por toda essa caminhada.

A linha melódica dos negros tocou o coração de Ary Barroso, para cantar o Brasil, em suas magistrais composições.<sup>11</sup>

9. Luís da Câmara Cascudo, (Natal, RN - 1898-1986), maior folclorista e escritor. Entre magistral obra destaca-se o “Dicionário do Folclore Brasileiro”.

10. Henrique Foréis Domingues, dito Almirante (Rio de Janeiro, RJ 1908), cantor, compositor e radialista brasileiro. Um dos fundadores do “Bando dos Tangarás” (1928), que contava com a participação de Noel Rosa, João de Barro, Álvaro Miranda e Henrique Brito. Desenvolveu intensa atividade no rádio, no disco e até no cinema. Publicou “No Tempo de Noel Rosa”. Seu arquivo foi doado ao Museu da Imagem e do Som no Rio de Janeiro.

11. Ary Evangelista Barroso (Ubã - MG 1903, Rio de Janeiro, RJ 1984), advogado, compositor e radialista brasileiro. Compôs músicas imortais, entre elas Aquarela do Brasil (1930), Na Baixa do Sapateiro (1937), Boneca de Piche (1938) .. Em 1944, foi ao EUA, onde compôs a trilha sonora do filme “Você já foi a Bahia?”, de Walter Disney.

De proveniência ioruba são as peças de bronze, ferro ou madeira feitos para os cultos sincréticos religiosos, bem como, instrumentos de música, objetos de uso e decoração. Sabido que os negros na África dominavam várias técnicas de trabalhos de mineração, metalurgia e artesanato.

O nagô como a mais avançada das culturas introduzidas no Brasil, tornou-se a "língua geral" dos negros, visto que, os cânticos dos terreiros nas cerimônias dos cultos eram em nagô. Em contato com o português nas casas-grande e nos sobrados essa língua deixou influências morfológicas e vocabulária.

Na boca das negras velhas, duplicando a sílaba tônica, as palavras ficaram mais afável: dodói, papá, pipí... Diferentemente de Portugal, no modo de colocar o pronome: me diga, me dê, me faça... Tomando as palavras mais doces: no lugar de senhor, sinhô, ou ainda carinhosamente, nhonhô ou nhonhôzinho... Dando centenas de vocábulos como: denngo, cafuné, caçula, mulambo, banzo, canga, quitute, mocambo, bunda, tanga...

A intimidade e a confraternização entre os senhores da casa-grande e os escravos domésticos permitiu essa miscigenação cultural: a mucama moça, tirando o bicho-de-pé do sinhô; a sinhá de cabelos soltos, oferecendo a cabeça à negra para o cafuné; o nhonhô assediando as molecas; a grande influência das mucamas de estimação, quase da mesma idade das sinházinhas na vida sentimental delas, contando histórias românticas e outras menos líricas, mas alcoviteiras, narradas na intimidade; a ação dos padres sobre os escravosa ocupando-se da cristianização.

Pelo fato de ter criado o sinhozinho, as mães-preta ocupavam uma posição de apreço na família patriarcal. Alforriadas, quase sempre obesas participavam dos assuntos familiares. Os demais escravos da casa chamavam-nas de senhoras, os meninos tomavam-lhes as benção, e quando saíam os cocheiros levavam-nas na carruagem.

Foi a mãe-preta quem abrandou o coração do senhor, que com bondade e ternura acalentou o sinhozinho branco, dividindo o leite do filho negro com o filho branco do seu dono.

Silvio Romero<sup>12</sup> (1851-1916), nunca esqueceu a "adorada Antonia", a escrava que o amamentou e o criou, a quem ele chamara de mãe.

Em muitas festas e festança do calendário popular podemos entender este intercâmbio cultural e reinterpretação dos valores de uma cultura para a outra.

A congada é uma festança criada pela igreja - os jesuítas, dado o caráter sexual do batuque, dança da procriação, procuraram sublimar esse

---

12 Silvio Romero (Silvio Vasconcelos da Silveira Ramos - Lagarto, SE - 1851 - Rio de Janeiro, RJ, 1914), ensaísta, crítico literário, poeta e primário historiador sistemático da literatura brasileira. Sua grande obra é a de historiador e crítico literário.

instinto através da evocação da luta entre cristãos e mouros, auto fundamentalmente religioso e medieval. Como esse embate nada tinha haver no espaço cultural afro, a congada foi reinterpretada como a luta entre partidários do Rei do Congo e da Rainha Ginga. Daí o nome da festança. Seu padroeiro é São Benedito, somente em Piracicaba é Nossa Senhora aparecida. Na oportunidade das festas religiosas por esse sertão do Brasil é apresentada mudando algumas vezes de nome e coreografia. No Espírito Santo é conhecida como Baile de Santo; Catumbi e Columbi e Congo do Morro no interior Baiano e exclusivamente Congada em São Paulo.

Essa festança, incontestavelmente serve de subsídio para interpretar as tradições populares, ligadas às festas hagiográficas<sup>13</sup>, com o seu ritual pagão cristianizado e, d'outra parte, às crenças de origens africanas, alterada por preconceitos de raça e cultura.

Tudo isso se exprime em São Benedito, o santo católico negro, que é quase fetiche afro.

Aqui vamos narrar um "causo", mas antes devemos ponderar que: no tempo do Brasil colônia não era permitido aos negros penetrar em igreja de branco.

Nos contados de São Benedito trazidos dos fins do século XIX, depois da abolição manifesta-se com grande intensidade o preconceito racial:

*"Um fazendeiro de muita riqueza e de muita terra, foi escolhido para festeiro do Divino. No dia da procissão, chamou o capelão e determinou: - Em festa de branco negro não entra, São Benedito não vai acompanhar a procissão junto com a imagem dos outros santos. Dito e feito. Quando já da saída da capela, o céu pretejou, parecia o fim do mundo. Um atrás do outro os raios riscavam o céu, a tempestade despencou... Então os Irmãos do Santíssimo foram buscar o andor de São Benedito e trouxeram para fora da capela. Logo a tempestade e o vento furioso parou, como por milagre. Mas foi o suficiente para arrasar todas as lavouras do fazendeiro."*

Como diz Gilberto Freyre na sua obra máxima **"Casa Grande e Senzala"**: *"considerada de modo geral, a formação brasileira tem sido um processo de equilíbrio de antagonismos. Antagonismo de economia e cultura. A cultura européia e a indígena... Mas predominando sobre todos os antagonismos, o mais geral e o mais profundo: o senhor e o escravo."*

A participação do negro na etnia brasileira, quanto aos caracteres somáticos e culturais, está hoje perfeitamente assinalada pelas pesquisas de Nina Rodrigues, Arthur Ramos, Gilberto Freyre, também Roger Bastide,

---

13. Festas religiosas, que versa sobre a vida dos santos.



Edison Carneiro, Manuel Quirino, Clóvis Moura e tantos outros nos vários aspectos da história e da cultura.

O trabalho na recomposição da história da escravatura no Brasil no âmbito político-sócio-cultural foi penoso, resultado da escassez de documentação, cujo responsável foi eminente baiano Ruy Barbosa, quando Ministro da Fazenda e Presidente do Tribunal do Tesouro Nacional, em 14 de dezembro de 1890, mandou queimar todos os papéis, livros de matrícula e documentação relativas à escravidão, alegando estar destruindo à escravidão por honra da pátria, apagando essa abominável página da História. Assim, os senhores de escravos não foram indenizados.

## **RESUMO**

Todo brasileiro traz na alma e no corpo a influência direta, do africano.

A matéria em apreço procura focalizar a participação do escravo na formação da etnia brasileira, quanto aos caracteres, somáticos, culturais e lingüísticos, também levando em conta as marcas deixadas às faculdades intelectuais e morais.

A base para o trabalho foi: fundamentalmente estudada a família patriarcal escravocrata.

## **Palavras Chaves:**

Brasil Colônia - Escravidão - Família Patriarcal - Transculturação - Aculturação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. **BATISDE**, Roger. **Brasil - Terra de Contrastes**, Ed. difusão Européia do Livro, São Paulo, 1968.
2. **CAMARGO**, Oswaldo de. **O Negro Escrito**, Imprensa Oficial do Estado, São Paulo, 1987.
3. **CARRADORE**, Hugo Pedro. **Digressão em Torno do Folclore**. Ed. Franciscana, Piracicaba, SP, 1978.
4. **CASCUDO**, Luís Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**, Ed. Melhoramentos, SP, 1980.
5. **DIÉGUES JR.**, Manuel. **Etnias e Culturas no Brasil**, Círculo do Livro, São Paulo, 1975.
6. **FREYRE**, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**, Ed. José Olímpio, Rio, 1961.
7. **FREYRE**, Gilberto. **Seleta**. José Olímpio Editora, Rio de Janeiro, 1971.
8. **FREYRE**, Gilberto. **A Presença do Açúcar na formação Brasileira**, Col. Canaveira, nº 16, IAA, Rio, 1975.
9. **GALDINO**, Antonio Messias. **Brasil Negro**. Ed. Panmartz, São Paulo, 1991.
10. **GOULART**, Maurício. **Escravidão Africana no Brasil**, Martins Ed. São Paulo, 1949.
11. **LAMBERT**, Jacques. **Os dois Brasis**, Editora Nacional, São Paulo, SP, 1969.
12. **OLIVEIRA**, Carolina R. Ribeiro. **Biografia de Personalidades Célebres**, 9ª ed., Editora do Mestre, São Paulo, SP, s/d.
13. **OLIVEIRA**, Eduardo de. **Quem é Quem na Negritude Brasileira** - Secretaria Nacional de direitos Humanos do Ministério da Justiça, SP, 199
14. **RAMOS**, Duílio. **História da Civilização Brasileira**. Ed. Saraiva,, São Paulo, 1961.
15. **VALE**, Flausino Rodrigues. **Elementos de Folclore Musical Brasileiro**, Companhia Editora Nacional/MEC, São Paulo, 1978.

## CONTRIBUIÇÃO AO ENTENDIMENTO DA FESTA DO DIVINO NO VALE DO MÉDIO TIETÊ

*Olívio Nazareno Alleoni*

### **I - A colonização do Brasil**

A introdução de costumes e filosofia européia que predominou na fase de Brasil colônia vieram a criar algumas raízes e que foi um dos lastros da religiosidade que temos hoje no Brasil.

Para se empreender a implantação do relacionamento bem como a catequese dos índios, se fazia como primeira necessidade ganhar sua confiança. E dentro desta filosofia, a escolha recaiu sobre os membros da recém fundada Escola de Santo Ignácio de Loyola.

Independente das discussões acadêmicas entre as reais intenções de Portugal e das jesuíticas no Novo Mundo (América do Sul), a realidade é que a presença destes últimos, além de novos valores religiosos e filosóficos, também trouxe desenvolvimento em outras áreas. Sua influência se fez sentir com maior intensidade na área denominada de "Missões", que englobava a região sul do Brasil, parte da Argentina, Paraguai e Uruguai. Alguns chegaram inclusive a temer o desenvolvimento de uma república jesuítica na América do Sul.

As atividades jesuíticas encerraram-se em 21 de julho de 1773<sup>1</sup>.

Nos seus duzentos e trinta anos de atividades, moldaram uma série de raízes, que se constituíram em um dos sustentáculos do desenvolvimento.

### **II - A situação da assistência médica e religiosa nos séculos XVI a XIX**

Se há algo que podemos comentar na medicina deste período, é que antes de mais nada, os tratamentos propostos eram algo totalmente empíricos, e quase sempre sem nenhuma base fundamentada. Conhecia-se o efeito de algumas poucas drogas, na maioria ervas medicinais. Sangrias e emplastos eram outros métodos utilizados, bem como aplicação de calor seco ou úmido, mas todos de efeitos extremamente duvidosos.

Igualmente os conhecimentos médicos dos índios eram totalmente práticos. Havia algum conhecimento de ervas, mas o fundo místico e mágico era quem predominava.

---

<sup>1</sup> Os jesuitas foram expulsos pela primeira vez do Brasil em 1640 por se oporem energicamente à escravidão dos silvícolas. Retornaram 13 anos depois, até serem expulsos em definitivo em 1759 por Sebastião José de Carvalho e Melo, Conde de Oeiras e futuro Marques de Pombal.

Apesar destas características do conhecimento médico, ele foi um dos mais poderosos argumentos utilizados na fase inicial pelos jesuítas na catequese para a captação da confiança e simpatia dos silvícolas. Chegaram até mesmo a serem denominados pelos nativos de "filhos de Deus".

O "endeusamento" dos jesuítas pelos silvícolas constituiu-se no primeiro passo na implementação dos aspectos religiosos brasileiros.

A presença religiosa e a religiosidade constituíram-se em fato de fundamental importância na vida dos primeiros brasileiros. Até mesmo numa época anterior, até na formação das "bandeiras", era imprescindível à assistência espiritual<sup>2</sup>. E este "status" de quem detém o conhecimento médico perdura ainda no século XXI dependendo do tipo de população observada.

### III - Vislumbres de viagem no século XVIII

#### 10 de março (1769)

"Chamam-se estas embarcações vulgarmente canoas, são feitas de um só pau, tem comprimento de cinquenta até sessenta palmos<sup>3</sup>, e de boca cinco até sete; são agudas para a proa e popa, à maneira de uma lançadeira de tecelão<sup>4</sup>".

#### 14 de abril (1769)

..."vencido este trabalho, se tornaram a carregar as embarcações e foi ao meio dia embarcando toda a gente navegamos por tempo de quatro horas, e porque nos visse uma grande tempestade de chuva, trovões e raios, nos vimos obrigados a embicar as embarcações no barranco do rio sem que ninguém pudesse saltar em terra cujo barranco era bastante alto e com grossos matos; e assim prendendo as embarcações aos pés de raízes das árvores com correntes de ferro e outras com grossos cipós, assim passamos esta noite sofrendo esta tão horrorosa tempestade molhando-se tudo, e caindo dois raios que despedaçando e desgalhando

---

<sup>2</sup> "Meu capelão saiu para fora estando eu para sair para a campanha", escrevia Domingos Jorge Velho em novembro de 1692, "mandei-o buscar; não quis vir; de necessidade busquei o inimigo; sem ele morreram-me três homens brancos sem confissão, cousa que mais tenho sentido nesta vida; peço-lhe pelo amor de Deus me mande um clérigo em falta de um frade, pois se não pode andar na campanha e sendo com tanto risco de vida sem capelão"... CAPÍTULOS DE HISTÓRIA COLONIAL Capistrano de Abreu (MINISTÉRIO DA CULTURA Fundação Biblioteca Nacional Departamento Nacional do Livro).

<sup>3</sup> Palmo, antiga medida de extensão, com valor de 22 centímetros.

<sup>4</sup> Diário da Navegação no rio Tietê, rio Grande Paraná e rio Iguatemi, de Teotônio José Juzarte- EDUSP: Jonas Soares de Sousa, Miyoko Makino.

grossas árvores, nos vimos quase nos últimos fins da vida entoando todos a ladainha de N. Senhora e cada um se recomendava-se ao santo de suas maior devoção<sup>5</sup>...

#### **15 de abril (1769)**

"Neste dia amanhecemos como quem passou uma noite tão tenebrosa e perigosa, e achamos uma criança morta à qual se deu sepultura no mato<sup>6</sup>".

#### **IV - De como se foi impelida a necessidade da fé no ribeirão.**

A descrição anterior nos faz lembrar o refrão: "fora de Deus não há salvação"... É o que realmente acontecia naquele tempo. Havia a necessidade de se crer em algo transcendental, que fosse uma idéia ou raciocínio mágico, que pudesse criar uma alternativa para o desespero avassalador que envolvia as situações. E a fé era esta alternativa. Se havia a que ou a quem recorrer que pudesse fornecer a devida assistência espiritual, havia o consolo que mitigava a aflição.

Mas a assistência religiosa era parca. As dificuldades de locomoção eram extremas. Os padres eram poucos, e ficavam mais restritos às principais cidades. Pequenas povoações raramente ou nunca os viam. Crianças nasciam e morriam sem serem batizadas. E o mesmo ocorria com os adultos.

#### **V - A história não muda muito**

##### **Dia 31 de maio de 1839**

"Muito sofriam os moradores das margens do Rio Tietê com o impaludismo que aparecia após as prolongadas chuvas e enchentes.

Esta calamidade não era motivo para que se abandonasse as férteis terras que lavravam próximas ao rio, não obstante ter sobrevivido em 1839 uma epidemia de sezões<sup>7</sup>, e outras febres de mau caráter, que ceifavam centenas de vítimas, e ainda, que temporariamente, embaraçavam a corrente dos que buscavam terras mais férteis e em maiores extensões para nelas se estabelecerem, de preferência nas margens do Tietê e Sorocaba, onde, com mais frequência e intensidade, reinavam tais febres.

Esta epidemia, que até há pouco tempo se reproduzia em um ou outro ano, com menor intensidade, foi denominada e até hoje é lembrada pelo nome de peste grande.

---

<sup>5</sup> Idem

<sup>6</sup> Ibidem

<sup>7</sup> Sezão: febre intermitente ou cíclica, malária.

Um fato deu-se então no Bairro da Água Branca, digno de nota e de profunda lástima. Moravam em uma pequena casa Salvador dos Santos e sua mulher, que tinham uma criança de cerca de um ano, que ainda mamava. Tendo sidos atacados pela moléstia, sucumbiram ambos na mesma noite e na mesma cama, sendo no dia seguinte encontrados por um vizinho. Restara viva apenas a criança, que ainda sugava o leite da mãe morta.

Estas epidemias, cuja periodicidade era assinalada já em 1833, repetiram-se por muito tempo, em todo o município, nas partes banhadas pelo Rio Tietê e suas afluentes, sempre com maior virulência no antigo povoado de São Sebastião, depois Distrito de Laras<sup>9</sup>.

São citadas como as de maior prejuízo para as populações dos municípios as epidemias de 1839, 1847, 1854, 1868, 1877, 1900, 1908, 1911, 1914 e 1918.<sup>99</sup>

#### **15 de abril de 1868 (Epidemia de maleitas em São Sebastião).**

“Após as chuvas periódicas, quando antigamente caíam torrencialmente e levavam ao rio Tietê a transbordar e espriar-se pelas baixadas marginais, formando poças e lagoas, campo adequado à proliferação das larvas dos mosquitos transmissores, como se descobriu mais tarde, vinha a maleita com seu cortejo de calamidades.

Assim acontecia há quase todos os anos, com raros intervalos. Várias epidemias, e algumas de vastas proporções estão registradas nas crônicas tietenses. A epidemia que levou os moradores ribeirinhos a fazer a promessa do Divino Espírito Santo, pressupõe-se seja a de 1839 que, segundo rezam as tradições, foi denominada de “grande peste”.

Em 1868 repete-se o fenômeno. A zona do município mais propícia ao mal e onde se apresenta letífera é o território da antiga Capela de São Sebastião até Pau Cavallo (atual Distrito de Conchas do Município de Laranjal Paulista).

Ofício do Dr. Francisco Ezequiel Meira, de 15 de abril de 1868 ao Conselheiro Joaquim Saldanha Marinho:

O estado calamitoso que se acham os habitantes deste município, moradores nas margens do rio Tietê, acometidos da terrível epidemia do tifo, ou febre tifóide, que os leva ao túmulo em maior parte em três ou quatro dias, os clamores destes infelizes, que, sem recursos morrem à mingua dos socorros da ciência e da religião<sup>10</sup>...”

---

<sup>9</sup> O Distrito de Laras, antigamente denominado de Capela de São Sebastião (que pertencia a Município de Tietê e ainda conhecido por alguns por Capela), agora pertence ao Município de Laranjal Paulista.

<sup>99</sup> Cronologia Tietense, Benedito Pires de Almeida 1980- p. 514-515.

<sup>10</sup> Idem p.363, 364

## 2 de julho de 1872

"Estando a grassar terrível epidemia de maleita na região de São Sebastião, a Câmara Municipal em 14 de junho de 1877 resolve enviar socorros médicos e alimentares à pobreza desvalida daquele lugar".

... "foram medicados e receberam os remédios necessários duzentos doentes, para duzentos noventa e dois foram feitos distribuição de gêneros alimentícios"<sup>11</sup>.

## VI - O significado religioso no Brasil do Divino Espírito Santo

Os relatos anteriores são bastante claros. Não havia nem assistência médica, nem social ou religiosa. Somente o terror do desconhecido amanhã, o receio da inquestionável mão da morte que se abatia sobre eles. A própria Câmara Municipal mostrava-se congelada dentro de sua atuação, e aparentemente tomava medidas de ajuda tardias.

E foi neste total desespero de desesperança que surgiu a idéia da promessa. Foi uma luz no fim do túnel, uma última esperança em que se agarrar. Se as doenças não mais viessem a ocorrer, todos os anos o povo ribeirinho pagaria o juramento ao Divino Espírito Santo de levar o auxílio e a assistência espiritual aos seus irmãos. A data eleita foi a de Pentecostes, quando a Igreja Católica celebra a descida do Espírito Santo aos apóstolos, 50 dias após a páscoa<sup>12</sup>.

A ocorrência das epidemias foi tornando-se menos freqüente. E isto acalentou ainda mais a fé de que o Divino Espírito Santo havia intercedido pelo povo nestas localidades.

## VII - A bacia do Médio Tietê

Por extensão e situações similares, os fatos estenderam-se às cidades de Tietê, em Itu, Anhembi, Conchas e Piracicaba. Ignora-se exatamente quando isto ocorreu, mas as datas devem ser próximas.

Inicialmente, a Irmandade nada mais era que um grupo de pessoas, sem nenhuma organização, que cumpria suas promessas. Era algo que tinha inclusive até certo caráter familiar, passando de pai para filho, e todos carregando a Bandeira do Divino. Aqueles que acreditavam no Divino, juntavam-se à manifestação e a acompanhavam. O aumento do número de pessoas obrigou a formar uma sociedade para sua melhor manutenção. O diretor exercia seu cargo por certo tempo, e depois escolhia seu sucessor. Algumas condutas da Irmandade ainda permanecem com o caráter familiar.

<sup>11</sup> Cronologia Tietense, Benedito Pires de Almeida 1980- p.611

<sup>12</sup> A Festa do Divino em Tietê é sempre no mês de dezembro, sendo que o encontro das barcas ocorre sempre no último domingo do referido mês.

Por ser uma festa com fundo religioso foi incorporada pela Igreja Católica Apostólica Romana em grau variável, dependendo da localidade. Houve locais que ocorreu cisão entre os Irmãos do Divino e a Igreja, mas depois de um afastamento próximo de 30 anos, as duas reconciliaram-se novamente.

E desde então, tem sido compromisso dos que pertencem à Irmandade, continuar cumprindo com as obrigações assumidas anteriormente.

### **VIII - A extensão do significado religioso do Divino**

A Festa do Divino ao longo do tempo foi apresentando mudanças dentro de seu significado religioso inicial. Se a população alvo inicialmente eram os ribeirinhos, logo a devoção dos seus fiéis, a ocorrência de fatos que escapavam à compreensão humana lógica, acarretaram a expansão da população inicialmente proposta.

Então, graças começaram a ser alcançadas, devido a conversões, ao nascimento de fé do céptico, à presença de se obter o improvável. São relatados pelos fiéis casos de remissão de série de doenças. E as graças eram atingidas pelo pedido dos próprios doentes, ou por aqueles que por eles intercediam. Há relato de pessoas que atingiram metas materiais que não conseguiam pelos meios habituais. Os relatos sucediam-se cada vez mais, chegando a escapar à expectativa do lógico. Os fatos alcançaram pois, o ponto de serem denominados de milagres na visão popular...

A fama dos acontecimentos se espalhou. E com isto também o número de devotos. Surge então um verdadeiro culto ao Divino Espírito Santo, não mais simplesmente como um agradecimento à não ocorrência das epidemias, mas sim como uma comunhão selada entre o Homem e Deus, como uma forma em se pedir e atingir objetivos que escapam à capacidade e compreensão humana.

Atualmente a fama do Culto do Divino ultrapassa as cidades vizinhas, atingindo inclusive outros estados.

### **IX - As ramificações da Festa do Divino em outros estados**

A Festa do Divino ocorre hoje só em algumas partes de São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Mas não esqueçamos que também que algumas localidades do Estado do Espírito Santo e Minas Gerais<sup>13</sup> realizam celebrações ainda hoje.

Todos os núcleos coloniais, antigas colônias desses estados onde se tornou predominante a população de origem não portuguesa e onde,

---

<sup>13</sup> Segundo depoimento de Fábio Benício Pereira, ex morador da cidade de Pote, Minas Gerais.



por várias razões, como no nordeste, centro e centro-norte do Brasil, influenciaram outras culturas (africana e índia principalmente), a festa do Espírito Santo passou sem deixar vestígio, ou nunca foi comemorada popularmente.

### **X - A atual Festa do Divino**

O que será exposto foi baseado em observações realizadas nas Irmandades do Divino de Anhembi, Distrito de Laras, Conchas e Tietê durante o ano de 2004. As informações também foram colhidas em Piracicaba.

1- A idéia atual da Festa do Divino é rememorar as tradições, as viagens que os antigos irmãos fizeram, e levar a religiosidade aos que dela desejem e necessitem. Além disto, os irmãos também vivenciam as verdadeiras raízes da festa. Estão dentro dela para penitenciarem-se, para agradecerem graças recebidas, para implorarem pela bondade divina para atingir algo que eles próprios ou alguém que dela carece.

2- Consideramos de suma importância a presença de jovens na Festa do Divino. Em Anhembi e no Distrito de Laras observamos a presença de muitas crianças, meninos, moços imberbes e adolescentes. Isto nos propicia sensação que provavelmente esta manifestação folclórico-religiosa será mantida com menos alterações e será muito mais difícil de eventualmente parar de existir. Nas outras observamos menor número.

Não devemos esquecer que este critério é subjetivo, visto que as Irmandades não são estanques, sendo que existem irmãos de outras cidades, e irmãos que pertencem a duas ou mais Irmandades concomitantemente. A pessoa mais nova vestida com o uniforme do Divino era a filha do Diretor da Irmandade de Laras, com não mais de dois anos de idade (2004).

Nas viagens dos pousos da Irmandade de Anhembi observamos aproximadamente 60 irmãos viajando, enquanto que no dia da Festa do Divino, o número de irmãos foi entre 150 a 200. A Irmandade de Tietê viajava com sete irmãos, e a Irmandade de Laras com um número de 30 a 40 irmãos.

3- O símbolo do Divino é uma pomba. Mas em muitos estandartes do Divino existe na parte superior uma meia circunferência rodeada por um semicírculo e a presença de sete raios ligados nesta última. Estes representam os sete dons do Divino: a sabedoria, a inteligência, o conselho, a fortaleza, a ciência, a piedade e o temor a Deus.

O dom da sabedoria fortalece a caridade e nos prepara para a visão plena de Deus. O da inteligência permite que possamos sempre optar pelo melhor caminho. O do conselho sana nossa irreflexão e precipitação no encontro de soluções. O da fortaleza permite-nos tornarmos

corajosos diante das dificuldades. Firma-se na fé e esperança de um Deus de bondade e misericórdia; O da ciência permite com que possamos julgar corretamente, orientados por Deus. O da piedade mostra-nos um Deus de bondade, misericórdia e compaixão, e espera que nós sigamos o exemplo. O do temor a Deus lembra-nos que devemos ter com Ele uma atitude de respeito.

4- Antigamente todos os barcos eram esculpidos em um único tronco de árvore. Na década de 1950 a 1960 eram feitos de tábuas. Agora, para uma maior segurança dos Irmãos, são feitos de chapas de ferro.

Como critério de segurança, no dia do encontro, a Marinha proíbe a navegação de qualquer tipo de barco na região. Isto ocorreu em Anhembi, mas não foi visto no Distrito de Laras.

Também antigamente, até a década de 50, utilizava-se sistema denominado de "ronqueira", um cano grande, de grosso diâmetro, que era cheio de pólvora, e quando aceso provocava estampido extremamente forte<sup>14</sup>.

5- Torna-se intimidante o que estes Irmãos passam em suas peregrinações. Esta é executada por um período aproximado de 20 dias. São os pousos.

Estas pessoas, durante este tempo, submetem-se às mais rígidas normas de disciplina, de abnegação, de renúncia às condições materiais.

6- As finanças das Irmandades do Divino são originárias das esportulas arrecadadas. Algumas, como a Irmandade de Tietê cobrava uma anuidade de seus associados (ata nº61 de 27/01/1963). Isto não ocorre com a do Distrito de Laras e Anhembi.

O dinheiro arrecadado da Festa do Divino é proveniente da venda de lugares (espaços públicas) para montagem de barracas, das refeições servidas pela Irmandade, das doações feitas, do leilão. Estas verbas são administradas pelo festeiro, e da renda líquida, 30% é repassado à Cúria, e 70% permanece para a Igreja (no Distrito de Laras)<sup>15</sup>.

7- Regulamento para viagem da Irmandade de Anhembi:

1- todos os Irmãos viajarão com uniforme e divisas tradicionais.

3<sup>16</sup>- todos os Irmãos são obrigados a participar das rezas e das orações de manhã e a noite.

4 Só será permitido que os Irmãos conversem com mulheres em caso de necessidade, mesmo assim por pouco tempo.

---

<sup>14</sup> Informação fornecida por Paulo Prata Correa, morador do Distrito de Laras.

<sup>15</sup> Idem

<sup>16</sup> O número está correto, pois não foram reproduzidos todos os itens, apenas os considerados mais importantes.

6- todos os Irmãos devem sempre manter fila.

7- não será permitido que, para não sacrificar, o Irmão peça para alguém levar sua mala em veículo para os locais de pouso ou almoço.

9- não é permitido conversar nem fumar quando o folião estiver cantando, nem na hora do terço e também nas filas.

10- não fumar nem se afastar do lugar da mesa antes de rezar.

11- não procurar lugar para dormir antes de terminar as obrigações.

12- não será permitido aos Irmãos tomarem bebida alcoólica durante a viagem.

13- não será permitido viajar o Irmão que estiver amasiado ou que foi casado somente no civil.

18- é proibido o uso de brincos e óculos escuros, com exceção aos Irmãos portadores de deficiência visual.

8- Não encontrei regulamento escrito das outras Irmandades. Nelas há um pouco mais de liberalidade frente as condutas contensivas exaradas pela Irmandade de Anhembi.

9- Durante os pousos, no mínimo uma vez ocorre com Diretor da Irmandade reunião fechada com os irmãos fazendo avaliação da viagem, e orientando as correções que achar necessário.

10- Em todas as Irmandades viajam todos os Irmãos que desejarem exceto a de Tietê, em que viajam 7 Irmãos. Alguns viajam quase que todo o período, outros dentro de sua possibilidade de tempo.

Todos os Irmãos viajam de livre e espontânea vontade. Os sete irmãos de Tietê que viajam são remunerados, assim como os meninos e o folião. Também o são o folião e os meninos do Distrito de Laras. Só os meninos de Anhembi recebem incentivo monetário quando viajam.

11- Acidentes durante as viagens são raros. Há notícias de quadros menores de infecção intestinal, gripes, fraturas e ferimentos menores. Existe relato de acidente com trabuco de perda de dedo da mão há muito tempo em Laras<sup>17</sup>, e outro acidente em Tietê (1979) onde houve internação e necessidade de "enxerto no queixo" (ata de 21 10 1979).

12- Vimos como rotina a presença de amortalhados em todas as cidades em que existe a Festa do Divino, exceto em Tietê. Em Anhembi existem amortalhados dentro da própria Igreja.

Também em Anhembi foi presenciado o canto denominado saranga<sup>18</sup> executado dentro da própria Igreja, além das canoas. Na Irmandade do Distrito de Laras, o mesmo foi executado nas canoas.

<sup>17</sup> Informação fornecida por Paulo Prata Correa, morador do Distrito de Laras.

<sup>18</sup> Também denominado de serenga. Este canto, mais um lamento, é executado nos momentos mais difíceis de quando se rema, como nas passagem das corredeiras, em momentos de cansaço.

**13-** Em todos os lugares que os Irmãos chegam para os pousos, realiza-se procissão onde os festeiros irão recebe-los. Os festeiros levam o andor, e após o encontro são transferidas as estes as Bandeiras do Divino. Algumas pessoas idosas interpretam o encontro como o encontro entre Nossa Senhora e Jesus<sup>19</sup>.

**14-** Existe um critério em servir a alimentação nos pousos. Os primeiros a alimentarem-se são os Irmãos, depois as mulheres e crianças e por último os homens. O que impressiona é o número de pessoas que surgem para os almoços ou jantares. Habitualmente supera-se o valor de quinhentas pessoas. E nunca falta comida a quem quer que seja. Quando ainda há sobra de comida, esta é encaminhada a entidades assistenciais, asilos de velhice.

Os que fornecem os pousos organizam coletas de doações para que estes sejam possíveis de serem realizados.

∴ No preparo da refeição há um verdadeiro mutirão, onde participam os familiares, vizinhos, conhecidos. Geralmente inicia-se um ou dois dias antes da data marcada. Os doces são preparados uma semana antes.

**15-** Em todos os locais, o mastro é carregado com lenços, sem se colocar a mão. Mas quando inquiridos do porque disto, não houve uma explicação para o fato. Um único comentário foi feito por uma senhora de seus oitenta anos em Anhembi, que justificou o processo dizendo que o mastro carrega junto a si o símbolo da Cruz, e este é por demais sagrado para ser tocado por mãos humanas.

**16-** A procissão que vai de encontro com a Irmandade nunca deve ultrapassar a local onde está colocado o mastro. Neste local deve aguardar a chegada dos Irmãos. É quando ocorre a entrega dos estandartes aos festeiros, e os irmãos começam a carregar o mastro. Permanece o hábito das Bandeiras percorrerem todos os aposentos das casas, assim como o refeitório e a cozinha.

**17-** Há referência feita pela Prof. Dra. Zuleika de Paula em seu livro "Festa de Anhembi<sup>20</sup>", onde velas acesas eram colocadas à volta do mastro (p. 63). Isto não foi mais observado.

**18-** O mastro habitualmente permanece o ano inteiro onde foi colocado, sendo somente descido ou trocado quando se aproxima outro pouso. O significado implícito de sua presença é que o lugar em que está ereto está sob a proteção do Espírito Santo. Em sua extremidade é colocada uma pomba, ou bandeira contendo sua imagem.

**19-** Está a haver problemas com "os meninos" que acompanham o folião. A sua função é cantar. Devido a problemas por faltas escolares alguns locais como em Tietê, os meninos estão sendo substituídos por

---

<sup>19</sup> Consideramos de importância as simbologias explicadas por algumas pessoas, independentemente de serem ou não da concordância de todos.

<sup>20</sup> Festa do Anhembi Encontro e Amortalhados: Zuleika de Paula, São Paulo 1978

adultos. Ainda nos outros locais, as canções são entoadas por crianças. Os instrumentos musicais que ainda são utilizados são a viola, o tambor e o triângulo. Não é mais observado o chocalho, como referido pela Prof. Dra. Zuleika de Paula. (p. 67).

20- No Dia do Encontro, as cidades se modificam. Anhembi e o Distrito de Laras vestem-se de tudo que são vendedores ambulantes. Todas as ruas são ocupadas. A área central da cidade é interditada aos veículos motores. Esquemas especiais de segurança são montados. Durante a festa, existe ocorrência esporádica de furtos menores. A maioria das ocorrências policiais dizem respeito à excessos alcoólicos a noite, no baile que geralmente realiza-se.

21- As Irmandades têm por hábito auxiliar os irmãos mais necessitados ou suas famílias frente a uma urgência.

22- As privações a que são submetidas os Irmãos durante os pousos é grande. Almoçam em um lugar. Viajam. E à noite estão em outro local. Na grande maioria das vezes não há local específico para deitar. Dorme-se onde puder, embaixo de árvores e arbustos. Algumas vezes uma fogueira arde espantando o frio da madrugada. Sol ou chuva... Calor ou frio... Fome... Sede... Canseira... Barba por fazer... Banhos tomados em rios... E sabe-se lá o que mais...

É neste momento que a fé tem que estar inabalável. Uma mortalha de sentimentos desconexos envolve a cada Irmão, onde o impulso à desobediência mescla-se com a submissão, a tristeza com a alegria, a humilhação com o engrandecimento, o desencanto com o êxtase...

É neste momento em que ocorre o exame de consciência. É neste momento que ocorre a verdadeira "Via Crucis". É o próprio calvário que se faz presente no âmago de cada Irmão, cada um carregando sua cruz, seus pecados, seus arrependimentos. Cada Irmão passa também a ser o respaldado do outro. E num momento mágico, o indivíduo como ser único para de existir.

É nesta fase que nada mais resta do que a própria fé em algo superior, que transcende a individualidade para ser o esteio de todos.

Eis que então ocorre a fragmentação de todos os valores anteriores e renasce algo de novo, muito mais profundo, um novo entendimento e uma nova dignidade no âmago de cada um. É ao mesmo tempo o fim e o começo de cada Irmão. É a fênix renascida...

É neste momento em eles passam de simples humanos a pessoas santificadas. Atuam como verdadeiros multiplicadores e distribuidores da bonança divina.

É neste momento que em sua presença estamos em verdadeira comunhão, e então o Espírito Santo estende suas asas sobre eles e todos aqueles que estão à sua volta. É neste momento que são encarnação e veículos do perdão divino. E então cada um de nós renasce...

E é neste momento de enlevação que ocorre a bênção com as Bandeiras do Divino aos amortalhados. E com a presença dos Irmãos neste momento é quando ocorre, poderíamos até dizer, uma “transubstanciação imaterial” onde todos os que estão presentes sagram-se em comunhão com Deus mediante o Espírito Santo.

**Excertos do depoimento de Padre Marcelo Aparecido Paes  
Paróquia N. Sra Remédios  
8 de maio de 2004  
Anhembi**

A Festa do Divino ocorre na véspera de Pentecostes, onde nós recebemos mais de trinta mil pessoas numa cidade que tem quatro mil habitantes.

Esta Festa do Divino tem uma característica muito importante, que a gente deve apresentar. Primeiro a esta cultura folclórica religiosa. Eu cheguei há cinco anos atrás. A princípio eu confesso que eu assustei com a cultura, a devoção ao Espírito Santo de uma maneira diferente da qual eu tinha e ainda tenho.

Mas ao longo destes anos, com este processo de conhecimento, é que eu pude mergulhar um pouco nesta cultura, na vida folclórica, e principalmente nesta religiosidade popular que o povo de Anhembi e de muitas regiões e muitas localidades tem.

Uma das características da Festa do Divino de fato é a adoração à terceira pessoa da Santíssima Trindade, o Espírito Santo de Deus, que com o Pai e o Filho é adorado e glorificado.

Esta devoção popular gera uma fé muito dinâmica, uma fé que as pessoas acreditam piamente que tudo aquilo que pedirem ao Divino Espírito Santo recebem. E recebendo, eles querem de fato agradecer, agradecer ao Divino Espírito.

Então esta cultura folclórica religiosa, ela de fato está marcada no coração, na vida das pessoas nesta cidade. É muito forte, que modifica a vida das pessoas, que tem de fato modificado o cotidiano das pessoas quando chega aos meados da festa.

Eu costumo dizer que há uma diferença entre fé e devoção. A fé é uma convicção na pessoa da Santíssima Trindade, no Deus Espírito Santo<sup>21</sup> e devoção<sup>22</sup> é de fato uma profunda riqueza de busca e satisfação de suas vontades, e de fato de sua religiosidade.

---

<sup>21</sup> Fé: a primeira das três virtudes teológicas, confiança absoluta na crença religiosa sem fundamento em argumentos racionais, embora eventualmente alcançando verdades compatíveis com aquelas obtidas por meio da razão (dicionário Houaiss).

<sup>22</sup> Devoção: apego sincero e fervoroso a Deus ou aos Santos, sob uma forma litúrgica ou por práticas regulares privadas (dicionário Houaiss).

A devoção de fato leva a pessoa à vinda do Espírito Santo. A fé leva verdadeiramente ao segmento do que a devoção crê.

Esta Irmandade tem uma característica muito importante. São homens que são chamados pela Igreja e pelo Espírito Santo em primeiro lugar para serem canais de evangelização. Onde a Igreja não tem condições de ir, onde a Igreja tem dificuldade em estar, a Irmandade está justamente para levar o anúncio da salvação que vem de Jesus Cristo, e para dar um pouco mais de conforto, paz, alegria, harmonia, de felicidade, um pouco mais de perspectiva de vida àquelas pessoas que recebem a Irmandade.

A primeira coisa sagrada que tem na Irmandade e nas pessoas que tem devoção ao Espírito Santo é a Bandeira do Divino. As três bandeiras, os três estandartes do Divino. Esta bandeira é o sinal da presença do Divino Espírito Santo. O Espírito Santo é visto por sinais. Por exemplo, a água é sinal do Espírito Santo, quando a Bíblia fala "Dedo de Deus", como São Paulo. Nas suas leituras, "o Dedo de Deus", é o Espírito Santo que ele quer se referir.

Então a bandeira é um sinal que o Espírito Santo está presente, como a Bíblia do Antigo Testamento falava no sopro, na água, no vento, nas nuvens, é a presença de Deus Espírito Santo. E ele tem uma devoção até a ponto de beijar esta bandeira a fim de receber graças sobre graças.

É importante dizer que ao longo da história da Festa do Divino, as pessoas fizeram promessas, fizeram intenções, fizeram pedidos, e quando recebiam e até mesmo antes de receber, queriam já pagar estas promessas, queriam responder as graças recebidas ou até então pedidas e não ainda recebidas. Então eles deitavam no chão, muitas vezes embolados em lençóis e eu costumo fazer assim uma alusão aos lençóis, dizendo que ali é o envolvimento do Espírito Santo na pessoa. E a Irmandade do Divino passava em cima destas pessoas dizendo: "Espírito Santo tende piedade de nós". Então estes são chamados os amortalhados, pessoas que deitam e levantam com uma vida nova, pelo Espírito Santo.

Hoje é o dia do embarque da Irmandade, então são duas canoas as quais eles vão usar para que pelo rio Tietê, eles possam ir até os locais mais distantes onde vão ter pouso, momentos de almoço, rezas, momento do café, momento de reza juntos, momentos de graças com as pessoas que participarem.

No dia da festa, além das orações, além da parte recreativa, além da parte religiosa, existe no rio Tietê, que beira a cidade, o encontro das canoas. Posso dizer que de fato, este é o ponto chave da Festa do Divino. Pois eles acreditam que nas águas do rio Tietê, as duas canoas, eles usando as roupas brancas com alguma parte vermelha, ali com as bandeiras, no momento em que as duas canoas se cruzam, aí a plenitude

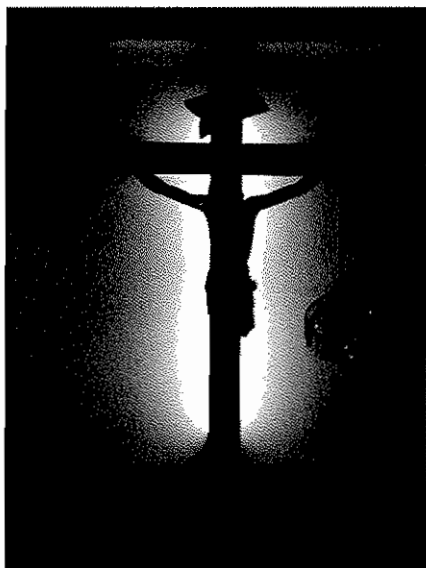
do Espírito acontece na vida das pessoas. Eu me emocionei, eu tenho me emocionado e ainda muito me emociono com a quantidade de pessoas que ficam à beira do rio Tietê não só observando, mas participando deste momento.

A Irmandade do Divino se encontra, e aí as graças acontecem. Ali as coisas sobrenaturais acontecem. Muitas coisas que aos olhos humanos a gente não consegue ver, mas aos olhos da fé a gente vê. Muitas coisas acontecem inexplicavelmente, muitas curas físicas, muitas curas espirituais, muitas conversões acontecem, muito alívio das dores, muita fortaleza, muito ânimo vai acontecendo na vida daquelas pessoas, que com muita fé olham para este momento tão rico do encontro das canoas.

Depois deste encontro das canoas acontece com mais precisão, mais força, mais quantidade o chamado amortalhados. São inúmeros. O ano passado tivemos amortalhados deitados no chão para que a Bandeira do Divino passasse, os Irmãos passassem por cima. Foram mais ou menos mil pessoas que deitaram ao longo do trajeto para a Irmandade que sai da canoa e vem até a Igreja para celebrar a missa. Então são graças sobre graças.

Eu gostaria que ficasse registrado o amor e o carinho que a Igreja tem principalmente à Irmandade do Divino. A Irmandade do Divino é um sinal de Deus.

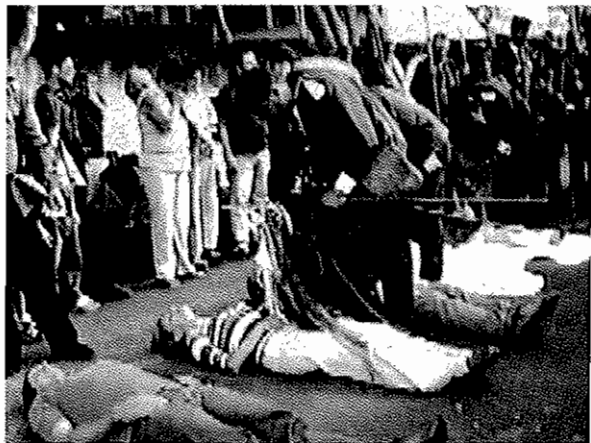




**Imagem do crucifixo presente na parte superior do baldaquino da Igreja da Nossa Senhora dos Remédios em Anhembi. Os seus vitrais são decorados com cenas bíblicas e também com cenas da devoção ao Divino**



**Imagem obtida no interior da Igreja da Nossa Senhora dos Remédios, em Anhembi, onde vemos a Irmandade do Divino iniciando a bênção com as bandeiras. Os amortalhados, envoltos ou não em lençóis, deitam-se no chão aguardando sua vez. Todos os Irmãos passam por cima dos penitentes deitados.**



Os amortalhados também deltam-se nas ruas para serem abençoados, em função de graças alcançadas. A Irmandade do Divino de Anhembi possui três Bandeiras do Divino.



#### O Follão e os meninos

O "follão" é o tocador de viola, e responsável pela composição e execução das músicas cantadas durante as festividades. Os meninos são os cantores, geralmente em número de dois, e mais dois que estão sendo treinados. Quando estes começam a crescer e mudar a voz, são substituídos. Estas apresentações ocorrem diversas vezes ao dia durante os pousos. As letras das músicas falam do agradecimento ao Divino Espírito Santo. Alguns locais, como a cidade de Tietê, começam a apresentar dificuldades para treinar as crianças.



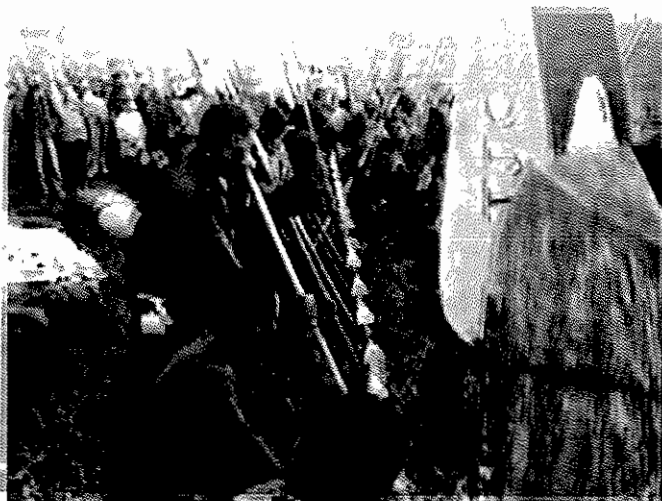
A fé e devoção ao culto Divino chega a atingir proporções desmesuradas. Uma série de milagres são atribuídos à Sua intervenção. Basta conversar com os fiéis e colhemos facilmente depoimentos de uma série de coisas inexplicáveis. Acima vemos uma mãe e seu filho que atingiram uma graça.



Imagem obtida quando a Irmandade do Divino dirigia-se ao primeiro pouso, em 2004. No por de sol, ao fundo um poste de luz faz a presença da cruz, e no primeiro plano, um dos símbolos da presença do Divino. Cada raio que emana neste símbolo tem um significado como dons do Divino, seja, sabedoria, inteligência, conselho, fortaleza, ciência, piedade e temor a Deus.



As Irmandades do Divino viajam fazendo seus pousos em número aproximado de 20 dias. De manhã locomovem-se, fazendo o almoço em um local pré-determinado. Durante a tarde dirigem-se ao segundo local, onde fazem o jantar e pernaltam. Locomovem-se de todas as formas possíveis, por barco, a pé, com veículos. O número de Irmãos é variável, mas quase sempre ultrapassa os cinqüenta. Estas movimentações são habitualmente acompanhadas de músicas sacras, ou eventualmente de cantos de sarongas (ou serengas).



Em todos os locais de pousos, a Irmandade realiza uma procissão de chegada, que se encontra com a procissão dos festeiros, que carregam um andor com santo de sua devoção. Neste encontro, as bandeiras do Divino são passadas para o Festeiro. Depois ocorre o transporte do mastro (sem colocar a mão) e sua elevação (com os remos). Note-se que o mastro é pintado com as cores do Divino, seja, vermelho, azul e branco.



Após adentrarem ao pouso, a Irmandade costuma abençoar o local, em especial a casa, o refeitório, a cozinha, e a própria alimentação que é fornecida à Irmandade e aos convidados. Antes de ser feita a refeição é rezado o terço, geralmente de uma forma cantada. Chega a despertar a atenção, a fé e devoção presente nas pessoas durante os ritos do Culto do Divino. Não é muito difícil de se observar pessoas verdadeiramente transfiguradas em semblante, tanto na fácies como no comportamento. Chega a haver uma melamorfose total das pessoas.



Um penitente pagando a sua promessa, e agradecendo a uma graça alcançada. Neste momento a bandeira do Divino está desfraldada sobre ele, e a imagem da pomba, outro dos símbolos do Divino, espalha-se sobre ele. A Irmandade fala: “Espírito Santo...”. E o penitente responde: “tende piedade de nós...”.



**Vista geral das mortalhas estendidas pelo chão, onde os penitentes irão se deitar. É impressionante o número de pessoas que curvam-se a esta submissão, como forma de agradecimento tanto a graças alcançadas, como graças a se alcançar. Na cidade de Anhembi, chegam a passar de mil pessoas durante o encontro do Divino.**



**É costume não só da Irmandade mas também dos devotos o beijar à Bandeira. Outros costumam cobrir-se com elas durante alguns momentos, mostrando sua submissão e agradecimento. O importante desta foto é lembrar que os costumes são transmitidos inclusive aos jovens. A tradição não se perde, e é transmitida de pai a filho dentro destas comunidades que poderiam até serem denominadas de “fechadas”, visto o rigor que protegem suas raízes.**

## Bibliografia

Abreu, Capistrano de: Capítulos da História Colonial -(Ministério da Cultura Fundação Biblioteca Nacional Departamento Nacional do Livro).

Assunção, Paulo de: Negócios Jesuíticos: o cotidiano da administração dos bens divinos / - São Paulo Editora da Universidade de São Paulo, 2004 (ISBN 85-314-0799-0).

Carradore, Hugo Pedro: Retrato das Tradições Piracicabanas- Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, Editora e Gráfica Degaspari 1998

Haubert, Máxime: Índios e Jesuítas no tempo das missões- São Paulo, Companhia de Letras: Círculo do Livro 1990 (ISBN 85-7164-101-3)

: Soares de Sousa, Jonas;. Makino, Miyoko: Diário da Navegação de Teutônio José Juzarte - EDUSP 2000; (ISBN 85-314-0564-5 Edusp)

Paula, Zuleika de: Festa de Anhembi, encontro e amortalhados- Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas (São Paulo) 1978

Pires de Almeida, Benedicto: Cronologia Tietense- Milesi Editora Ltda 1980.

Santos Filho, Lycurgo: História Geral da Medicina Brasileira-Edusp, 1991

Pellegrini Fº, Américo: Possessão e Procissão Religiosidade Popular no Brasil O Divino em Casa, na Rua e no Rio- Senri Ethnological Reports 1, Nacional Museum of Ethnology, Osaka 1994.

Atas da Irmandade do Divino de Tietê.(1963-1990)

Informações colhidas com

Padre Marcelo Antonio Paes, ex-pároco de Anhembi;

Mauro Ataíde, Presidente da Irmandade do Divino de Anhembi;

Fabio de Camargo, Presidente da Irmandade do Divino do Distrito de Laras;

Nirce Antonio Ribeiro, devota do Divino: sitiante, bairro Monjolada, Ibitiruna.

Benedito Pedro Silvestrim (Fuzilo), poeta, Tietê.

História dos Jesuítas: [www.unicap.br/html/historia.htm](http://www.unicap.br/html/historia.htm) (6/1997)

Jesuítas- História em Portugal: [www.companhia-jesus.pt/intro/hist\\_port.htm](http://www.companhia-jesus.pt/intro/hist_port.htm)

## **GEOGRAFIA PRISIONAL: A INTERIORIZAÇÃO DO SISTEMA PENITENCIÁRIO NO ESTADO DE SÃO PAULO.**

*João Luís Franchi\**

### **DEDICATÓRIA**

A meu pai, João Baptista.

### **RESUMO**

O fenômeno da distribuição das prisões no espaço geográfico e suas implicações é objeto de estudo da ciência geográfica.

Atualmente nota-se em muitos países uma expansão de unidades prisionais e um aumento brutal na relação de pessoas presas, fenômeno este presente nos Estados Unidos da América, onde, segundo dados de 30 de junho de 2004, havia 2, 1 milhões de encarcerados (BBCBrasil, 2005).

Tal fenômeno repercute no Brasil (onde há mais de 320 mil presos), particularmente no Estado de São Paulo.

Segundo dados da Secretaria da Administração Penitenciária, havia no Estado, em 1998, 43 unidades prisionais, sendo que atualmente, já alcança 134, formando uma autêntica rede geográfica prisional, com repercussão espacial no território paulista.

### **PALAVRAS - CHAVE**

Geografia prisional; rede geográfica prisional; espaços de inclusão e de exclusão.

Desde os primórdios, a aplicação de penas e castigos 'aqueles que, de alguma forma, feriram a estrutura legal, social, moral ou religiosa, tem provocado polêmica, seja pela ineficiência no trato com os culpados, seja pelos excessos e erros que se sucederam através da história.

No Brasil, nesses cinco séculos de história, o que vemos claramente é que a prisão se tornou sinônimo de exclusão, destinada 'a grande maioria dos brasileiros que são atingidos pela lei, ao contrário de uma pequena minoria que paira acima dos códigos.

Segundo WACQUANT (2001), com o advento do processo de globalização, intensificou-se um processo de transformação do Estado - de "Estado social" a "Estado policial", onde as maiores vítimas desse processo é exatamente a maioria da população mundial alijada das maravilhas da economia de mercado. O Estado deixaria a sua função

---

\*O autor é licenciado em Geografia pela UNESP.



essencial que é a de regular as diferenças sociais existentes – especialmente em países periféricos, e passa a atuar dentro de um modelo punitivo e opressor, intensificando o aparato repressivo.

Esse aumento do número de encarcerados é um fenômeno mundial – somente nos Estados Unidos, há 2,1 milhões de presos.

Particularmente no Estado de São Paulo – unidade mais desenvolvida da federação, nota-se um aumento fantástico no número de unidades prisionais e dos encarcerados.

Em 1920, era inaugurada na capital paulista, a Penitenciária do Estado – hoje transformada em penitenciária feminina. Antes dela, só haviam cadeias públicas espalhadas pela cidades.

Através do tempo, várias unidades foram sendo inauguradas, criando o que hoje denominamos informalmente de sistema penitenciário, administrado por uma secretaria de Estado denominada Secretaria da Administração Penitenciária.

Nas décadas de 20 a 50 eram poucas as unidades, destacando-se a construção de um presídio na Ilha Anchieta, no litoral norte paulista, palco do maior incidente prisional desse período.

Com a construção do complexo penitenciário do Carandiru, a partir da década de 50, temos um processo centralizado de administração penitenciária, com poucas unidades espalhadas pelo interior. Esse modelo entrou em decadência a partir daquele que é considerado o maior incidente prisional da história do País, onde 111 presos perderam a vida, numa rebelião ocorrida num dos pavilhões da Casa de Detenção, no início da década de 90.

Em meados da década de 90, já dentro do intenso processo globalizante que nos foi imposto, mudaram os rumos da política penitenciária, com o início de um processo de interiorização prisional e a construção de inúmeras unidades espalhadas pelo interior, formando uma autêntica rede geográfica prisional. Esse processo acelerou-se com a desativação de grande parte do Complexo do Carandiru, ocorrido em 2002, e com a construção de Centros de Detenção Provisória, que foram criados visando a desativação de carceragens de distritos policiais, particularmente os localizados na Região Metropolitana de São Paulo.

Se em 1998, havia 43 unidades prisionais distribuídas pelo território paulista, hoje, existem 134, instaladas em mais de 70 municípios, particularmente, de pequeno porte, onde se encontram mais de 118.824 presos em regimes fechado e semi-aberto.

No século XVIII, BECCARIA ( 2000 ) dizia que a aplicação das penas não deve traduzir vingança coletiva, mas, antes, ter em mira a justiça, e particularmente, a prevenção do crime, e a recuperação do criminoso.

Um dos grandes críticos desse sistema punitivo-repressor é FOUCAULT ( 1977 ), onde em sua obra "Vigiar e punir", escancara os malefícios desse sistema de prisão em massa, altamente caro e notadamente ineficiente.

Mas, sob o ponto de vista geográfico, esse processo de interiorização prisional mudou a paisagem de muitos municípios, particularmente, os de pequeno porte e de economia frágil. Esse fenômeno é mais visível no oeste paulista, onde muitas cidades buscam a administração estadual para que a mesma instale uma unidade prisional em seu território. A estagnação econômica de muitos desses municípios provoca um fenômeno ambíguo – a construção de uma unidade prisional, a princípio, seria refutada por essas coletividades, contudo, a geração de empregos e a criação de uma rede de fornecimento de alimentos e outros gêneros, faz com que as unidades prisionais sejam bem-vindas. O Estado se apercebeu disso, e colocou em prática a instalação de uma autêntica rede geográfica prisional distante das grandes cidades.

Esse fenômeno é intensificado atualmente, pois, as áreas destinadas 'as unidades prisionais em regiões metropolitanas e em municípios de grande e médio porte tem provocado conflitos de interesse dentro da própria dinâmica de urbanização dessas regiões. Na realidade, os espaços urbanos são cada vez mais disputados e caros, e a presença de unidades prisionais, muitas vezes, vai contra o interesse econômico e especulativo.

Portanto, notamos que há uma disputa entre os chamados espaços de inclusão, nobres, caros, destinados 'as exigências do mercado, e os espaços de exclusão, ociosos, destinados a ficar cada vez mais longe, em áreas de pouca importância econômica.

A rede geográfica prisional paulista tende a ocupar espaços onde o conflito entre o interesse econômico e o aparato repressivo não entrem em conflito, caracterizando uma forma nova de exclusão dentro do contexto excludente que são as prisões, em qualquer parte do mundo.

### Bibliografia

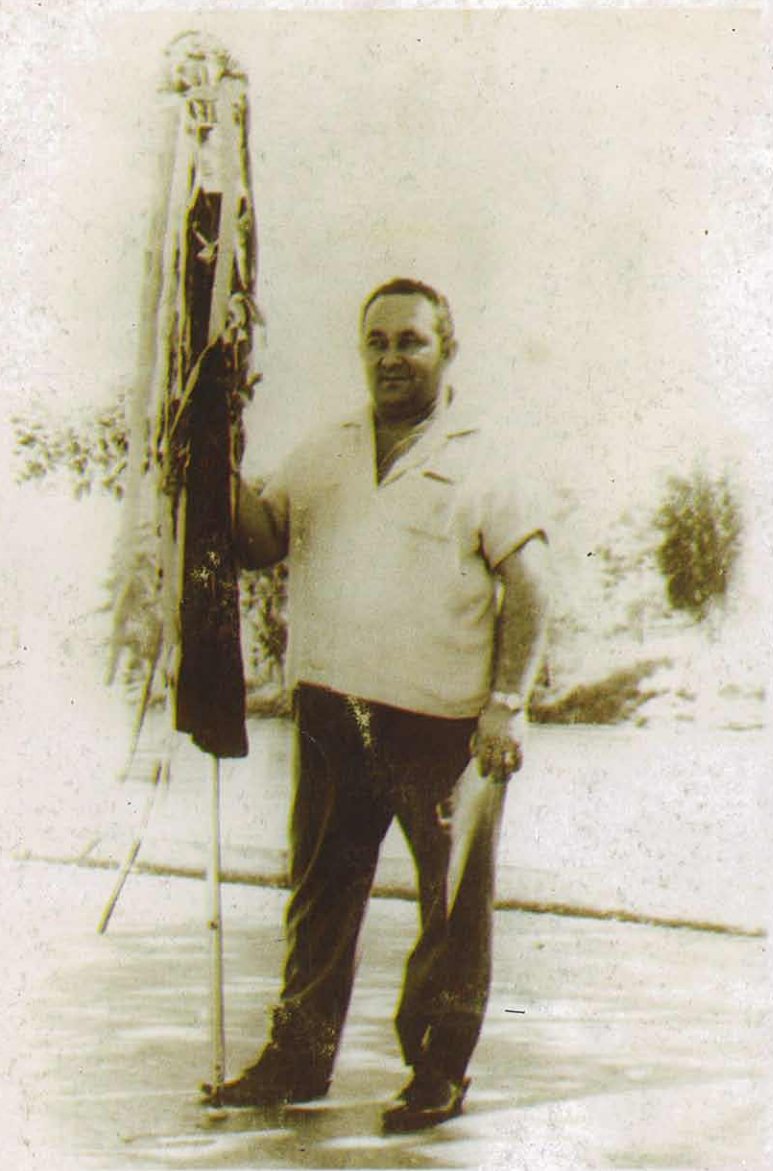
BECCARIA, Cesare. Dos delitos e das penas. Martin Claret, São Paulo, SP, 2000;

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir. Editora Vozes, Rio de Janeiro, RJ, 1977.

FURUKAWA, Nagashi. O veneno da exceção in Folha de São Paulo, Tendências/Debates, 14.05.2004, São Paulo, SP;

INTERNET. [www.administracaopenitenciararia.sp.gov.br](http://www.administracaopenitenciararia.sp.gov.br) e [www.bbcbrasil.com.br](http://www.bbcbrasil.com.br)

WACQUANT, Loic. As prisões da miséria. Zahar Editores, Rio de Janeiro, RJ, 2001;



Antonio de Padua  
(Tote)